

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os catequistas do Brasil que com empenho e dedicação, procuram dar o melhor de si mesmos para uma catequese melhor.

Também ofereço esta reflexão à minha família que me educou na fé e ao meu bispo D. José Maimone: homem simples e de grande dedicação ao trabalho pastoral em nossa diocese.

Fr. Bernardo sempre amou e respeitou a natureza, por isso, gostaria de oferecer este *Cântico das Criaturas*^[1] a todas as pessoas que como Cansi amam e respeitam a criação de Deus:

Altíssimo, onipotente, bom Senhor.
Teus são o louvor, a glória, a honra
E toda a benção.

Só a ti, Altíssimo, são devidos;
E homem algum é digno
De te mencionar.

Louvado sejas, meu Senhor,
Com todas as tuas criaturas,
Especialmente o senhor irmão Sol,
Que clareia o dia
E com sua luz nos alumia.

Louvado sejas, meu Senhor.
Pela irmã Lua e as Estrelas,
Que no céu formaste claras
E preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor.
Pelo irmão Vento.
Pelo ar, ou nublado
Ou sereno, e todo o tempo
Pelo qual às tuas criaturas dás sustento.

Louvado sejas, meu Senhor

Pela irmã Água.
Que é mui útil e humilde
E preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor.
Pelo irmão Fogo,
Pelo qual iluminas a noite.

Louvado sejas, meu Senhor.
Por nossa irmã e mãe Terra,
Que nos sustenta e governa,
E produz frutos diversos
E coloridas flores e ervas.

Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa irmã a Morte corporal!
Da qual homem algum pode escapar.

Louvai e bendizei a meu Senhor.
E dai-lhe graças,
E servi-o com grande humildade.

AGRADECIMENTO

Agradeço os meus orientadores Giuseppe Cavallotto e Antonio Bollin, que durante este percurso me ajudaram e me orientaram no desenvolvimento deste trabalho.

Além disso, gostaria de agradecer a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. O professor Ubaldo Gianetto que deu-me alguns sugerimentos; os bibliotecários: Antonio Alesiani e Ludovico Astorri que sempre foram disponíveis em auxiliar-me na pesquisa do material bibliográfico.

Também sou grata a todas aquelas pessoas que de uma forma ou de outra, deram a sua contribuição para que eu pudesse realizar este trabalho catequético.

A todas estas pessoas o meu reconhecimento de coração.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	1
AGRADECIMENTO.....	3
SUMÁRIO	4
ABREVIACÕES.....	6
INTRODUÇÃO GERAL.....	7
CAP. I - A CATEQUESE NO BRASIL.....	10
1. Fragmentos da história da catequese no Brasil: as raízes do movimento catequético brasileiro.....	10
2. Renovamento catequético contemporâneo.....	24
3. Catequese Renovada.....	29
4. 4. A catequese atual do Brasil.....	38
5. 5. Uma reflexão catequética aberta.....	42
CONCLUSÃO.....	46
CAP. II - CANSI: A PESSOA E A OBRA.....	47
1. Acenos biográficos.....	47
2. O seu serviço à catequese.....	48
3. O rosto humano e espiritual de Cansi.....	53
4. A sua produção catequética.....	58
CONCLUSÃO.....	65
CAP. III - A VISÃO DA CATEQUESE SEGUNDO CANSI.....	66
1. A identidade da catequese.....	66
2. A finalidade, as fontes e as tarefas.....	68
3. Os destinatários.....	71
4. Os lugares da catequese.....	72
5. Os sonhos de Fr. Bernardo para a catequese.....	74
CONCLUSÃO.....	79
CAP. IV - O CATEQUISTA.....	80
1. A identidade do catequista.....	80

2. As qualidades de um catequista segundo Cansi.....:	81
3. O papel do catequista.....	83
4. A espiritualidade do catequista.....	84
5. A formação do catequista.....	87
CONCLUSÃO.....	92
CONCLUSÃO GERAL.....	93
BIBLIOGRAFIA.....	95
APÊNDICE.....	102
ANEXO.....	112
ÍNDICE GERAL.....	131

ABREVIACÕES

ACLEB	Academia de Letras de Brasília
DECAT	Departamento de Catequese do CELAM
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conselho Episcopal Latino Americano
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CR	Catequese Renovada
CT	Catechesi Tradendae
DCG	Diretório Catequético Geral
DGC	Diretório Geral para a Catequese
DV	Dei Verbum
EN	Evangelii Nuntiandi
ES	Espírito Santo
GRECAT	Grupo Nacional de Reflexão Catequética
ISPAC	Instituto Superior de Pastoral Catequética
MCB	Movimento Catequético Brasileiro
<i>Medellín</i>	II Conferência do Episcopado Latino Americano: <i>A Igreja na atual transformação da América latina à luz do Concílio</i> . Conclusões de Medellín (1968)
MG	Minas Gerais
MS	Mato Grosso do Sul
<i>Puebla</i>	III Conferencia General del Episcopado Latinoamericano: <i>La evangelizacion en el presente y en el futuro de America Latina</i>
REB	Revista Eclesiástica Brasileira
RJ	Rio de Janeiro
RS	Rio Grande do Sul
SAB	Serviço de Animação Bíblica
SEDOC	Serviço de Documentação
TdL	Teologia da Libertação

INTRODUÇÃO

A evangelização no Brasil foi realizada em várias etapas com a vinda dos primeiros missionários em nossas terras brasileiras. Os seus destinatários foram os índios e os negros.

Na predicação do Evangelho a catequese sempre teve um papel importante para o crescimento da fé dos discípulos do Senhor. Por muitos séculos a catequese no Brasil, mesmo com qualquer adaptação, teve como modelo de referimento à prática catequética européia. Com o Concílio Vaticano II a catequese também entra em um processo de renascimento.

A evolução do Movimento Catequético Brasileiro teve o seu ápice com o documento *Catequese Renovada*, que é chamado também de o Diretório Catequético Nacional. Frei Bernardo Cansi deu sua colaboração no primeiro capítulo e foi uma das presenças mais significativas do Movimento Catequético do Brasil, por isso escolhi como tema do meu estudo: Bernardo Cansi: uma vida a serviço da catequese.

1. Por que escolhi este tema: Antes de tudo por que é ligado à catequese, mas direi que são por dois motivos:

a) Com este trabalho científico, eu teria a oportunidade de conhecer melhor os vários momentos da história da catequese no Brasil.

b) Eu já tinha ouvido falar em Frei Bernardo, do seu entusiasmo pela vida e pela catequese, da sua criatividade e da sua capacidade de comunicar-se com os outros, mas não o conhecia pessoalmente; deste modo teria a ocasião de ver mais de perto este personagem da catequese brasileira.

2. O objetivo deste trabalho científico

Quando olhamos uma foto de uma pessoa que amamos, essa sempre nos traz boas lembranças, deste modo o meu objetivo era o de fazer uma fotografia de Frei Bernardo, para todos aqueles catequistas do Brasil que não o conheceram e também documentar a sua contribuição na história da nossa catequese.

3. Como dividi o trabalho

Fiz a divisão em quatro partes:

1ª parte: Apresento a história da catequese brasileira a partir de 1500 com a “descoberta” do Brasil por Pedro Álvares Cabral. O caminho que a evangelização fez com a chegada dos primeiros missionários. O percurso que a catequese realizou para chegar ao documento *Catequese Renovada* e por último as tendências e os desafios da catequese.

2ª parte: Destaco a pessoa e a obra catequética de Frei Bernardo Cansi. Também o seu serviço e a sua contribuição para o âmbito catequético no Brasil.

3ª parte: Como Cansi vê a catequese. Em um dos seus escritos ele diz: “Apaixonar-se pela catequese é dedicar-se todos os dias ao seu aprofundamento. À descoberta de sua identidade”.^{2[2]} Também coloco a finalidade da catequese do qual ela deve proporcionar uma consciência crítica na pessoa para poder ajudar na transformação da sociedade e do mundo.

4ª parte: Veremos a pessoa do catequista na visão de Cansi. Ele é uma pessoa integrada na comunidade; faz parte de um grupo de catequistas; é um comunicador; é um profeta e é também uma pessoa que tem uma espiritualidade, pois o catequista é um contemplativo de Deus a partir de uma vida de oração íntima e profunda com Ele.

Colocarei um apêndice em ordem cronológica dos escritos de Fr. Bernardo Cansi, junto com uma lista de seus livros e de seus artigos publicados em algumas revistas. Em anexo também será colocado alguns momentos de sua vida e depoimentos de pessoas que conheceram o nosso querido Fr. Bernardo.

4. O método

O método que segui foi o de pesquisar e encontrar tudo aquilo que Cansi escreveu e também aquilo que foi escrito sobre ele.

Procurei reconstruir destes e de outros escritos o contexto do qual Fr. Bernardo trabalhou, a sua pessoa e alguns temas dos quais ele se ocupou nas suas obras. Também tentarei, na conclusão, avaliar a sua obra e as fontes que ele se inspirou.

Finalizando espero que este trabalho possa ajudar todos aqueles que tem a vontade de conhecer mais de perto Fr. Bernardo e a sua dedicação aos catequistas e à catequese.

^{2[2]} Bernardo CANSI, “A catequese em 1992”, in *REB* 52 (1992) 76, 23.

CAPÍTULO I

A CATEQUESE NO BRASIL

Neste primeiro capítulo falaremos do início da catequese no Brasil a partir da evangelização de 1500, onde colocaremos os caminhos que foram feitos para chegar à catequese de hoje. Também destacaremos a origem do documento Catequese Renovada e as suas opções e por último alguns desafios que a catequese enfrenta nos nossos dias.

1. 1. Fragmentos da história da catequese no Brasil:^{3[3]} as raízes do movimento catequético brasileiro

O Brasil foi “descoberto” no ano de 1500 e não teve um cristianismo medieval. Não sofreu o impacto da reforma protestante do século XVI.^{4[4]} Por isso, para compreender melhor a história da catequese, é preciso ter em mente que, tanto o conteúdo como os métodos de catequese estão em geral condicionados ao modelo de Igreja que foi implantado em determinada época. Destacamos três modelos principais de Igreja:

1. Durante o *período colonial*, dominou o modelo da *Igreja Cristianismo*, de origem medieval. De acordo com esse modelo, a preocupação básica era criar no Brasil uma sociedade sacral católica.

2. A partir da *época imperial*, e notadamente no segundo reinado, desde 1840, começa a prevalecer no Brasil um segundo modelo de Igreja, baseado no espírito tridentino, que pode ser designado como *Igreja-Sociedade Perfeita*. A característica básica desse modelo é apresentar a Igreja como uma sociedade perfeita, a sociedade dos fiéis que professam a mesma fé e recebem os mesmos sacramentos, paralela e independente da sociedade civil. Esse modelo, em suas fases de implantação, consolidação e expansão, perdurou até 1960.

^{3[3]} Cf. Bernardo CANSI, “Fragmentos de la historia de la catequesis en Brasil”, in *Teología y Catequesis* 45-48 (1993), 189-205. Riolando AZZI, “A catequese no Brasil. Considerações históricas”, in *Convergência* 10 (1977), 491-513. Ralfy MENDES DE OLIVEIRA, “Brasile”, in *Dizionario di Catechetica*, Joseph GEVAERT (ed.), Editrice ELLE DI CI, Leumann (Torino) 1987, 92-94. Para ter uma visão mais ampla veja também: CNBB, “Catequesis en Brasil”, in *Catequesis Latino-Americana* 13 (1981) 2, 74-97. Luiz ALVES DE LIMA, “Panoramica de la renovación catequística brasileña de los últimos años”, in *Medellín* 72 (1992), 795-817. Israel NERY, “Brasil: presente y futuro de la catequesis”, in *Sinite* 33 (1992) 99, 43-66.

^{4[4]} Cf. Ralfy MENDES DE OLIVEIRA, “Brasile”, in *Dizionario di Catechetica*, 92.

3. À luz do *Concílio Vaticano II*, a Igreja do Brasil está procurando se adaptar ao novo modelo eclesial propugnado pelo Concílio, que pode ser designado como *Igreja-Povo de Deus*. Cada mudança de modelo eclesial corresponde a uma nova consciência que a Igreja passa a ter de si mesma, e implica evidentemente não apenas numa mudança dos métodos de catequese, mas do próprio conteúdo da mesma.

A cada modelo de Igreja e a cada método de catequese corresponde também um tipo particular de catolicismo, que surge em decorrência da mentalidade religiosa dominante. Assim, durante o período colonial temos o catolicismo tradicional. A partir da época imperial, se sobrepõe a este o catolicismo reformado. E, sob a influência da renovação conciliar, está em formação o catolicismo renovado.

1.1. As grandes etapas da história da evangelização no Brasil

1.1.1. A evangelização de 1500

Os historiadores iniciam a história da evangelização no Brasil com a invasão de Pedro Álvares Cabral acontecida em 1500. Inspirados no método dos novos e mais críticos historiadores, afirmamos que, a história da evangelização no Brasil teve seus começos antes de 1500. Talvez, cerca de 40.000 anos antes dos colonizadores portugueses e espanhóis invadirem as Américas.

Reconhecemos que teve uma evangelização séria e bem planejada, que foi realizada nos 150 povos residentes no território brasileiro. Cada povo tem a sua própria identidade quase-veterotestamentária, com Deus revelador. Esta idéia abre novas perspectivas e novos horizontes à pastoral, aos teólogos e aos evangelizadores. Esta hipótese se basa no valor evangélico da identidade histórica de cada povo. Este pode ser uma boa ajuda na construção e desenvolvimento de uma Igreja local e autóctona. O evangelizador tem a tarefa de interpretar na ótica cristã ou em perspectiva cristã a situação atual e histórica do seu povo, em vez de ser um adoutrinador que apresenta as expressões da fé enlatadas em outros ambientes sócio-culturais, para que sejam assimiladas por seus ouvintes. Esta atitude exige uma conversão profunda do evangelizador: em vez de partir de uma condenação do estado pagão dos índios, se deve partir da sua particular preparação evangélica.

Temos que ler o Antigo Testamento dos índios com amor, admiração e expressões de louvor a Deus. A Antiga Aliança (Hb 8,13) também existe entre os indígenas do Brasil. A sua preparação evangélica deve ser respeitada. No Brasil temos que descobrir as maravilhas de Deus nas danças,

nas lutas, símbolos, história e valores^{5[5]} dos povos: Tupinambás, Cetés, Aroaques, Tabuyas, Tupis, Guaranis, Caingangues e outros. Teve sim, violência, ou melhor genocídio destes povos. A violência contra os povos indígenas é um marco histórico dos 500 anos da invasão branca no Brasil.

No ano 1500 os portugueses encontraram neste país, aproximadamente cinco milhões de índios que cultivavam a terra de forma coletiva e comunitária, produzindo bens de subsistência, mantendo uma harmônica relação homem-terra-homem.

1.1.2. 1.1.2. O cristianismo colonial (1500-1759)

A evangelização e a catequese do Brasil foram efetuadas sob o regime do padroado lusitano, que tinha na atividade colonizadora uma finalidade política e uma religiosa: dilatar as fronteiras da fé e do império. Toda a organização da Igreja, durante o período colonial, dependia diretamente dos reis de Portugal, e muitas vezes os interesses políticos se imiscuíam nos interesses religiosos. Era preciso colonizar e evangelizar os índios, ou seja, era preciso aportuguesá-los.

Desse modo, os costumes indígenas eram considerados pagãos, gentílicos, e cumpria substituí-los por costumes portugueses e cristãos. Os nomes indígenas eram pagãos, os nomes

^{5[5]} Segundo Bernardo Cansi os valores indígenas reconhecidos pelos missionários são: *a) Os valores humanos:* Nem todos os missionários reconheceram as qualidades e os valores existentes nas culturas indígenas. Alguns não lhes tratavam bem, diziam: que essa gente não adora a nenhuma coisa, nem conhece a Deus, só os trovões chamam Tupana, que é como quem diz coisa divina. Não tem conhecimento nem da glória e nem do inferno, somente dizem que, depois da morte, vão descansar em um lugar bom. Três aspectos escandalizaram os missionários: a nudez, a oferta da mulher ao estrangeiro e a antropofagia. Outros, pelo contrário, reconheciam os seus valores. Padre Manuel de Nóbrega, jesuíta, em 1549 reconhecia as seguintes qualidades dos índios: a qualquer cristão que entra em suas casas, eles lhes dão de comer o que tem e uma rede (hamaca) lavada para dormir. As mulheres são fiéis aos seus maridos. Tem um grande amor aos seus filhos. A preparação para o matrimônio é muito séria. *b) Os valores bíblicos:* Os evangelizadores e missionários encontraram alguns valores bíblicos entre os indígenas, como a memória do Dilúvio. Temendaré, foi o velho escolhido para voltar a povoar o mundo, se salvou das águas para ser o novo pai da geração humana. Os Tupinambás admitem a imortalidade da alma e, o culto a Deus era confiado aos homens que se chamam Pajes ou Caraibas, dos quais eram ao mesmo tempo, médicos, adivinhos, videntes e profetas. Cf. “Fragmentos de la historia de la catequesis en Brasil”, in *Teología y Catequesis* 45-48 (1993), 195-198.

portugueses eram cristãos. O colonizador português, por mais feroz e cruel que fosse, era sempre o cristão. O índio, porém, não passava de um inimigo da fé e da civilização. Criou-se assim no Brasil uma sociedade tipicamente católica, que pode ser designada como *Cristianismo Colonial*.

A preocupação básica do governo português era de manter a ortodoxia na colônia, impedindo a infiltração de doutrinas heréticas ou heterodoxas. Para isso foram utilizados dois métodos principais: a guerra santa e a inquisição. Durante a primeira metade do século XVI, diversos religiosos franciscanos aportaram em terras brasileiras e dedicaram-se algum tempo à evangelização dos índios.

A evangelização sistemática do Brasil iniciou-se em 1549, com a vinda do primeiro Governador Geral Tomé de Souza e o primeiro grupo de jesuítas. Até 1580, os jesuítas foram os únicos a desenvolver um trabalho sistemático de evangelização e catequese dos índios. No final do século XVI vieram outros religiosos: franciscanos, carmelitas, beneditinos. No início do século XVII, vieram também os capuchinhos e os padres mercedários.

Nesta primeira fase da evangelização foi usado muito um catecismo elaborado dos jesuítas e escrito em língua tupi, sucessivamente foi traduzido em muitas línguas indígenas. A primeira compilação, feita em tupi antigo, por volta de 1552, com sucessivo enriquecimento. Em 1574 o texto foi retocado pelo jesuíta Leonardo do Vale, o qual nunca foi publicado e é conhecido como “Doutrina Cristã na língua do Brasil”. Anos mais tarde, em 1595, o texto foi aperfeiçoado pelo Beato José de Anchieta. Escrito em tupi é citado como “Doutrina Cristã a Modo de Diálogo”. O catecismo tem mais ou menos quarenta páginas e apresenta algumas orações, diálogos sobre o credo, a Paixão do Senhor, os mandamentos, além disso, explica ações das festas litúrgicas, do jejum, vida dos santos e cantos.^{6[6]}

A catequese com os indígenas era realizada do seguinte modo: ensinava-se a todos a doutrina que era as orações e a parte do Diálogo que contém a declaração dos artigos da fé. Depois disso reuniam os meninos na escola, cada um segundo o seu grupo, uns liam, outros cantavam e outros tocavam flautas, para as missas em dias de festas, e solenizarem as procissões na aldeia e na cidade, e em atos públicos, como quando os estudantes são licenciados. Às cinco horas da tarde se voltava a ensinar a doutrina com a outra parte do Diálogo que continham os sacramentos, para as pessoas que se encontravam na aldeia. À noite, os meninos saíam em procissão da porta da Igreja até à cruz, cantando algumas orações e encomendando as almas do purgatório.^{7[7]}

^{6[6]} Cf. Enrique GARCIA AHUMADA, *Comienzos de la catequesis en America Latina y particularmente en Chile*, La Florida, Santiago de Chile 1991, 430-431.

^{7[7]} Cf. Bernardo CANSI, “Sinais de la Catequese inculturada na Evangelização do Brasil”, in CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO - DEPARTAMENTO DE CATEQUESIS, DECAT, *Hacia una catequesis inculturada. Memorias de la II Semana Latinoamericana de Catequesis*, CELAM, Santafé de Bogotá 1995, 216-217.

Visto os resultados escassos obtidos na ação evangelizadora, a partir do início do século XVII vem adaptado um método mais autoritário. Dominados pelos portugueses, os índios foram agrupados em colônias, sob a direção espiritual dos jesuítas. Tais colônias foram chamadas reduções^{8[8]} no sul do Brasil e no Paraguai, onde a obra da conversão dos índios foi levada avante pelos jesuítas espanhóis. Não obstante, o trabalho não teve continuidade: uns índios fugiram, outros morreram de doenças e peste. O sistema de sujeição efetivamente fracassou, como documenta o historiador jesuíta Serafim Leite, na sua monumental *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Com o fracasso dos aldeamentos dos índios^{9[9]} começou-se o tráfico negreiro. O negro^{10[10]} era de uma organização robusta, tinha resistência para o trabalho rude, coisa que os índios não tinham. Eram “destinados para a lavoura e para a vida doméstica dos senhores pela ama de leite e pela mucama (...)”.^{11[11]}

No que se refere à catequese dos negros essa era relacionada com a fazenda e com o fazendeiro, pois o dono da fazenda era obrigado a catequizá-los. A catequese era relacionada com a família patriarcal, porque eles faziam parte desta família, e eram em função dela, logo não era necessário reduzi-los à fé, uma vez que eram já condicionados á redução escravagista. O sistema de

^{8[8]} As reduções, eram também chamadas de aldeamentos ou descimentos. Descimento significa a descida dos índios do interior do Brasil, das matas para a beira-mar. Tinha dois motivos que favoreceram os missionários a convencerem os índios. 1) Existia uma lenda em muitas tribos indígenas que dizia: um dia os deuses enviariam para a tribo homens santos que iam ensinar a des o caminho de uma terra e uma vida feliz. Vendo os padres que falavam uma língua diferente, condenavam seus costumes e prometiam uma vida melhor, muitos chefes indígenas acreditavam que estes eram os enviados que eles estavam esperando, e assim faziam toda tribo abandonar suas terras e acompanhar os missionários para o litoral marítimo. 2) Convencer os indígenas de que sua vida na mata era ruim. Os índios, não tinham uma resistência para superar as doenças infecciosas trazidas pelos portugueses como a gripe, o sarampo, a cachumba etc, e por isso logo morriam. Quando os índios deixavam a sua aldeia, sob as ordens dos missionários, queimavam as casas e as roças, assim eles não tinham a tentação de desistir e voltar. Abandonando suas plantações, tornavam-se livres presas e escravizados pelos brancos; eram mão-de-obra para os canaviais portugueses. Cf. *Ibidem*, 214-215.

^{9[9]} A evangelização dos povos indígenas envolve a construção de um Brasil pluricultural, onde o projeto de vida de todos, sobretudo dos pobres, é prioridade política e a razão da nossa presença eclesial e da nossa esperança. Para os povos indígenas, todas as questões parciais de sua libertação e resistência convergem a questão da terra: as questões políticas, sociais, econômicas e religiosas. Por quê, essa não é apenas um meio de produção, mas é também o lugar da memória coletiva do povo, da sua história, do seu lazer e trabalho, onde celebram os seus rituais de vida e de morte. Por isso, a luta pela terra é o lugar privilegiado de sua evangelização integral. Cf. Paulo SUESS, “Presença indígena nas Cebs”, in *Revista de Cultura Teológica* 6 (1998) 24, 59-70. Cf. CNBB, *Os povos indígenas e a nova república*, Paulinas, São Paulo 1986.

^{10[10]} Os negros desembarcados no Brasil pertencem a dois grupos principais: bantu e sudanesi. O primeiro deriva da Moçambique (*angico*), Congo e Angola (*cabinda*, *bakongo*, *benguela*). O segundo é composto de raças e reinos sobre o Golfo de Guiné: *minas*, *jeje*, *ewe*, *nagô* (de língua *youruba*, Nigéria), *haussá* e *tapa*. Os últimos três grupos são islamizados, por isso são chamados *muçulmis* o mais popular *malês*. Levados ao mercado, os escravos são submetidos ao processo da destruição da identidade e da memória histórica: os padres os batizam para fazer-los cristãos; os compradores os dividiam: o marido da mulher, os pais dos filhos; aqueles da mesma cultura são misturados com outras raças; assim não tinham a possibilidade de fazer confusão e revoltar-se. Cf. Benedetto BELLESI, “I neri. Ancora incatenati”, in *Rivista Missioni Consolata* 102 (2000) 9-10, 42-50.

^{11[11]} Bernardo CANSI, “Sinais de la Catequese inculturada na Evangelização do Brasil”, in *Hacia una catequesis inculturada. Memorias de la II Semana Latinoamericana de Catequesis*, 233.

catequização dos africanos não era como os aldeamentos dos indígenas, mas era feito nas casas, nas fazendas, nas quais serviam como escravos. Alguns fazendeiros possuíam uma capela e um capelão que instruíam os escravos e as crianças. Os catequistas deviam aprender a “Língua de Guiné”, para poder evangelizá-los melhor.^{12[12]}

Uma página dolorosa da história do Brasil é a escravidão dos negros, realizada pelos colonizadores e aceita pelos missionários. Esta escravidão trouxe como consequência a destruição da dignidade das pessoas e dos seus valores.

A escravidão no Brasil se fez através de violências físicas e inumeráveis mecanismos de controle e submissão que tinham como finalidade, dominar o escravo por dentro, até o ponto de fazê-lo aceitar passivamente a situação. A escravidão é o centro do sistema econômico nas áreas dominadas pelos portugueses, espanhóis, ingleses e franceses.

Grandes qualidades marcavam a cultura africana. Os negros, como confirmam as obras artísticas de Minas Gerais^{13[13]} e Ouro Preto, eram homens e mulheres que apreciavam a arte, a pintura e a escultura. As mães eram grandes educadoras. Cuidavam da saúde e da amamentação das crianças dos colonizadores. Os meninos negros eram mais fortes que os meninos brancos.

O valor da religiosidade popular é forte até hoje. Apesar de todo o controle e as exigências que Portugal obrigava sobre os negros para ser cristãos e batizados, a herança das tribos africanas permanece viva em Candomblé,^{14[14]} e no sincretismo religioso brasileiro. O povo negro, ferido,

^{12[12]} Cf. *Ibidem*, 234-235.

^{13[13]} Entre os poucos artistas reconhecemos o mulato Antônio Francisco Lisboa, conhecido como Aleijadinho, que construiu e decorou algumas igrejas na região de Minas Gerais. Ele é filho de um arquiteto português e uma escrava, baixo e robusto, alegre e comunicativo. Aleijadinho desperdiçou em bailes e festas tudo o que ganhou esculpindo as estátuas e projetando igrejas. Mas em 1775, aos 40 anos, se manifesta os primeiros sintomas da lepra: caem os dedos, os pés se deformam, os membros se atrofiam, o corpo se cobre de úlceras. A alegria é sepultada debaixo de um mal humor. Mas floresce o gênio: sufocando a dor dilacerada e a vergonha da sua deformação, esculpe as mais belas obras de arte do Brasil. Aleijadinho trabalhará até os 80 anos. Cego e lacerado, permanece por dois anos sem descer da maca, na espera da morte (1776). Ma 20 anos antes, escondido em uma carruagem, percorre 60 km até Congonhas do Campo. Ali exerce o complexo arquitetônico do Bom Jesus de Montesinos. Durante o caminho que conduz à igreja escolpe 66 imagens da *via sacra*. No átrio da capela depõe 12 profetas que gritam a palavra de Deus. Em 10 anos leva a execução o maior monumento do barroco brasileiro. Cf. Benedetto BELLESI, “Storia di una nazione”, in *Rivista Missioni Consolata* 102 (2000) 9-10, 18.

^{14[14]} Segundo a lenda, no princípio, não tinha separação entre o *orun* (o desconhecido), sede dos *orixás* (deuses), e o *aiê*, a terra dos seres vivos. Homens e divindade se visitavam reciprocamente e juntos viviam felizes. Mas os seres

desperdiçado e massacrado, cultivou os seus valores e a sua cultura com resistência e esperança. O conceito e a práxis da grande família, impregnado de profunda religiosidade, foi conservado. A família englobava os antepassados e os elementos da natureza, especialmente a terra.

Neste esquema, a vida debaixo da ótica religiosa é sagrada. A união com os ancestrais, a vinculação com a mãe-África, considerada como *terra prometida* e sentida como *paraíso perdido*, é garantia da identidade e fonte da resistência.

Os pais foram transmitindo oralmente aos seus filhos as suas crenças e ritos. Celebravam clandestinamente os seus cultos. Assim, foi nascendo um autêntico sincretismo religioso, como a forma mais viva e real, talvez de inculturação do cristianismo no Brasil. Não foi fácil para os negros fazer um certo sincretismo religioso entre os seus Orixás e Ancestrais (Xangô, Eleguá, Oxossi, Ogum) com alguns santos católicos. Tem uma grande devoção a Nossa Senhora do Rosário e o Preto Velho. Nossa Senhora é a grande Mãe. O Preto Velho, representa os antepassados e a mãe-África.

Os quilombos de Palmares,^{15[15]} com o seu herói Zumbi, foi a força que defendeu a cultura africana e foi a expressão mais pura do direito que o negro tinha de ser pessoa e de ser respeitado com todos os seus direitos, especialmente o de ser criatura de Deus, livre e feliz. Em 1846, D. João Antônio dos Santos e outros bispos, com sacerdotes, senadores e deputados, tomaram posições contra a escravidão no Brasil e somente em 1888, a princesa Isabel declara a liberdade dos escravos no Brasil.

Não obstante o esforço generoso dos missionários, a inquisição iniciada no Brasil em 1591, o modelo das reduções e a imposição da cultura europeia sufocaram as riquezas culturais dos índios e dos negros. Tudo o que não era português era considerado fruto de Satanás, portanto devia ser condenado.

Os portugueses e espanhóis não souberam ver na cultura, os símbolos, danças, história e vida dos povos indígenas, nada mais que sinais do demônio, sinais do pecado ou paganismo. A

humanos, desde agora, não respeitavam nada e ninguém: com arrogância sujavam o *orum*, não fizeram caso das recomendações de *Olorum*, o deus supremo. Mas um dia, vendo o *orum* tão reduzido, o Senhor do céu e da terra se irritou: lançou o bastão sagrado e dividiu o céu da terra. Assim nenhum homem podia alcançar o *orum* e os *orixás* ficando no próprio mundo. Mas estes se entristeciam; tinham saudades dos seus encontros com os seres humanos. Os homens, à sua vez, não conseguiam mais viver sem a felicidade e a alegria transmitida dos *orixás*. *Olorum*, cansado de tantas lamentações e no fundo aborrecido dessa situação, permitiu às divindades de ir de vez em quando visitar a terra. Os seres humanos faziam ofertas aos *orixás*, que chegavam e dançavam, dançavam, dançavam... ao som dos atabaques. E voltou, finalmente, a harmonia e a felicidade. Cf. Susanna BARBARA, "Candomblé. Danzando con gli dei", in *Rivista Missioni Consolata* 102 (2000) 9-10, 117-122.

^{15[15]} Os negros quando fugiam das fazendas, penetravam na floresta ainda inesplorada e criavam os quilombos: zonas independentes e administrados, pelo seu herói Zumbi. Cf. Benedetto BELLESI, "Storia di una nazione", in *Rivista Missioni Consolata* 102 (2000) 9-10, 18-19.

cobiça, a adoração às riquezas, a devastação cultural, a violação e uso das mulheres indígenas, o desprezo às manifestações e o combate aos pajés, foram gestos e atitudes constantes da parte dos colonizadores e invasores.

Os evangelizadores mais importantes foram: José de Anchieta, Manoel da Nóbrega, Antonio Vieira e Frei Martinho de Nantes.

1.1.3. A crise da consciência católica (1759-1840)^{16[16]}

Durante o século XVIII surgiram várias obras religiosas nas quais o aspecto catequético aparece em meio ao teor ascético e místico (...). Destacamos as obras de P. Marcos Jorge, Fr. Manoel de Deus, Fr. Sarmento, Fr. João Franco e P. Manoel Bernardes. Entre os vários textos de catecismo havia a *Cartilha doutrinal ou compêndio da doutrina e principais verdades da nossa fé católica* (1780) publicada por Francisco de Jesus Sarmento, e também o seu *Manual eclesiástico para todo o fiel católico* (1777).

Na segunda metade do século XVIII adotava-se na diocese do Rio de Janeiro o *Catecismo Romano* e a *Cartilha do Mestre Inácio*. Em 1763 D. Antônio do Desterro, bispo do Rio de Janeiro, determinou que o *Catecismo Romano* fosse o texto para o ensino público da doutrina cristã. Mas com a oposição dos colonizadores que eram favoráveis à escravização dos índios, a missão da catequese encontrou dificuldades. Ficou mais difícil ainda quando os jesuítas se opuseram à demarcação de fronteiras ordenada pela coroa portuguesa.

Em 1759 o Marquês de Pombal, visando pôr fim à interferência dos jesuítas nos negócios do Estado, fez expulsá-los de Portugal e de suas colônias. Deste modo se interrompeu a atividade dos jesuítas com os índios e com os brancos.

E somente a partir de 1840, com o início do Segundo reinado, que se implanta efetivamente a reforma católica. Três correntes de idéias abalam a estrutura do Cristianismo colonial: o enciclopedismo francês, o liberalismo e o galicano-jansenista; que influenciaram fortemente na crise da evangelização e da catequese. O jansenismo entrou em nossa terra com o *catecismo de Montpellier*, obra de Francisco Amado Pouget. Publicado em 1702 a pedido de Carlos Joaquim Colbert, bispo de Montpellier. A pedido do Marquês de Pombal, foi adotado pelo governo português em 30.09.1770 em todas as escolas. Somente dois bispos do Brasil aceitaram: D. Antônio do Desterro, do Rio de Janeiro e D. Miguel de Bulhões, do Pará. Apesar da reação de vários bispos brasileiros o livro foi adotado até o início do período imperial. Em 1780, se difundia a teologia de Lião, cujo líder era o bispo Antônio Malvin de Montazet.

^{16[16]} Cf. Riolando AZZI, "A catequese no Brasil. Considerações históricas", in *Convergência* 10 (1977), 497-499. Ralfy MENDES DE OLIVEIRA, *O movimento catequético no Brasil*, Ed. Salesiana Dom Bosco, São Paulo 1980, 11-12. Bernardo CANSI, *Vamos conhecer e amar a catequese*, Ed. Vozes, Petrópolis 1994, 68.

O tema mais discutido no compêndio teológico era a infalibilidade papal, aceitando apenas a infalibilidade nas decisões da Igreja mediante a adesão da unanimidade moral dos pastores. Enquanto o manual de teologia de Lião destinava-se à formação do clero, o catecismo de Montpellier destinava-se ao público em geral, especialmente às crianças. Ao mesmo tempo em que prescrevia o Catecismo de Montpellier, a Corte lusitana se preocupava com a influência das novas idéias revolucionárias, que despertavam no povo a idéia da independência. Por isso recomendava que no ensino de catecismo se continuasse a inocular a necessidade do respeito e da obediência às autoridades constituídas.

1.1.4. A reforma católica (1840-1920)

A finalidade desta era implantar no Brasil o espírito e as conclusões do Concílio de Trento (1545-1563). O tradicional catolicismo lusitano, de origem medieval, devia ser substituído por um catolicismo de caráter mais romano, isto é, para o catolicismo reformado ou tridentino. A reforma católica se estabeleceu no Brasil através de três fases: 1. A fase de implantação, que se estendeu durante o período do segundo reinado, de 1840 a 1889. 2. A fase da consolidação, nas três primeiras décadas da época republicana: 1890-1920. 3. A fase da expansão, cujos limites cronológicos podem ser estabelecidos entre 1920 e 1960. Esta última pode ser denominada como a Restauração Católica.

O período da reforma católica perdurou por cem anos. Essa pretendia em primeiro lugar, reformar a vida do clero e do povo católico; em segundo lugar, como instrumento necessário para a autonomia do trabalho episcopal, desvinculando-se da influência regalista do governo civil.

O que caracteriza o movimento catequético^{17[17]} desse período é que ele é totalmente liderado pelo episcopado, como aliás o era a própria reforma católica.

Surgem a elaboração dos catecismos episcopais, segundo o espírito tridentino para reavivar a fé cristã entre o povo. Esses novos textos passam a substituir o Catecismo de Montpellier, nas regiões em que fora introduzido.

O primeiro catecismo publicado nesse período é da autoria do bispo do Pará, D. Romualdo de Souza Coelho. Em Mariana teve a divulgação de um catecismo popular, traduzido do francês por D. Antônio Viçoso, esse oferece a mais completa instrução religiosa em todas as classes em 67 lições, dividido em quatro partes. Em São Paulo, D. Antônio Joaquim de Melo, também elabora um catecismo e na carta de apresentação do mesmo, datada em 20 de junho de 1859, ressalta a utilidade desse trabalho para o clero e para o povo, e prescreve a obrigatoriedade do seu uso na diocese. O bispo assinala também que a obra procura ser fiel ao concílio de Trento.

^{17[17]} Para um maior aprofundamento veja: Ralfy MENDES DE OLIVEIRA, *O movimento catequético no Brasil*.

D. Macedo Costa preocupou-se em elaborar um catecismo, que veio substituir no Pará o catecismo de D. Romualdo Coelho. Outro catecismo importante publicado nessa época é o do bispo do Rio de Janeiro a *Cartilha Católica dos Principais Pontos de Doutrina Cristã*, em data de 24 de setembro de 1874. Desse modo, o período imperial será caracterizado pela proliferação de catecismos diocesanos.

Com a proclamação da República em 15.11.1889, o Estado separou-se oficialmente da Igreja, denominando-se neutro em matéria religiosa. Começa a crescer a ligação do episcopado brasileiro com Roma. Para a formação teológica do clero fundou-se em Roma o seminário Pio Brasileiro. Para a Igreja é uma realidade nova do qual ela mesma terá que enfrentar uma série de problemas e os desafios, procurando reconquistar o seu lugar na sociedade. O ensino ministrado nos estabelecimentos públicos passa a ser leigo do qual o episcopado brasileiro é contra e manifestaram isso nos pronunciamentos da 1ª e 2ª pastorais coletivas de 1890 e 1900.^{18[18]}

Em 1899 realizou-se em Roma o 1º Concílio Plenário da América Latina convocado por Leão XIII. Era a aplicação do Concílio Vaticano I às Igrejas dos Países latino-americanos. Os decretos desse Concílio trataram da educação da juventude e da infância nas escolas primárias, secundárias e universitárias. Os bispos queriam um único catecismo para cada nação que fosse de acordo com as diretrizes do Catecismo Romano para salvaguardar os princípios doutrinários.^{19[19]}

Deste modo, em 1904 na 2ª Conferência realizada em Aparecida realizaram a oficialização do catecismo como texto único em todo o país em forma de três manuais: *O catecismo resumido da doutrina cristã, o primeiro e o segundo catecismo da doutrina cristã. O terceiro catecismo da doutrina cristã* foi aprovado um ano mais tarde.^{20[20]}

Com a publicação da encíclica do Papa Pio X sobre o ensino da religião, *Acerbo Nimis*, em 1905, teve eco em diversas cartas pastorais dos bispos, enfatizando o ensino religioso como um meio de preservação da ordem social. E para obter a difusão do ensino religioso, os bispos reformadores atuaram mediante três formas principais: cartas pastorais, visitas diocesanas e colaboração dos institutos religiosos.

Em 1915 surge uma outra pastoral coletiva, verdadeira constituição eclesiástica para a Igreja no Brasil, essa destaca a atenção para o ensino da doutrina cristã e a importância do catecismo paroquial. Um outro documento importante também é a Carta pastoral de Dom Leme escrita em 1916, essa analisava a situação do catolicismo no Brasil onde constatou a ignorância religiosa como

^{18[18]} Cf. Bernardo CANSI, “Sinais de la catequese inculturada na Evangelização do Brasil”, in *Hacia una catequesis inculturada. Memorias de la II Semana Latinoamericana de Catequesis*, 240-241. ID., *Vamos conhecer e amar a catequese*, Ed. Vozes, Petrópolis 1994, 68. Cf. Mauro PASSOS - AAVV., *Uma história no plural. 500 anos do movimento catequético brasileiro*, Ed. Vozes, Petrópolis 1999, 34-35.

^{19[19]} Cf. Ralfy MENDES DE OLIVEIRA, *O movimento catequético no Brasil*, 14. Cf. Mauro PASSOS - AAVV., *Uma história no plural*, 38.

^{20[20]} Cf. Mauro PASSOS - AAVV., *Uma história no plural*, 44.

um sério problema. A solução para este fato que estava acontecendo entre os católicos era o conhecimento da doutrina cristã.^{21[21]}

Começam a atuar na educação congregações femininas vindas da Europa como: as Filhas da Caridade, as Irmãs Dorotéias e as Irmãs de São José. A maioria das congregações masculinas e femininas que ingressam no Brasil, na época republicana, se dedicam a atividade educativa, e nelas o ensino do catecismo ocupa sempre lugar de destaque. Crescem as associações religiosas e os padres redentoristas assumem a direção dos centros de romaria e santuários.

1.1.5. 1.1.5. A restauração católica (1920-1960)

É a última fase da Reforma Católica no Brasil, e se caracteriza pelo esforço do episcopado em afirmar a presença da Igreja na sociedade, e reatar o entendimento oficial com o governo, mediante mútua colaboração entre Igreja e Estado. Durante este período a promoção da catequese continuou a ser um dos pontos básicos da atuação dos bispos. Surgem instituições católicas como: colégios católicos, faculdades, universidades e também pastorais católicas, etc. No âmbito da catequese se promove a Congregação da Doutrina Cristã. Na catequese escolar, a ação do Mons. Álvaro Negromonte^{22[22]} é a mais eficaz. Alguns bispos começaram a sentir a necessidade de contar com o apoio dos leigos para a missão catequética.

Um dos marcos importantes dessa fase foi o Primeiro Congresso Catequético, celebrado em Belo Horizonte de 3 a 7 de setembro de 1928, promovido pelo arcebispo D. Antônio Cabral. Como resultado desse Congresso, a 12 de outubro do ano seguinte o Presidente de Minas, Antônio Carlos de Andrade, assinava o decreto que permitia o ensino religioso nas escolas dentro do horário das aulas. Nesse período o texto oficial de religião continua sendo elaborado pelos bispos.

Em 1950 se realiza no Rio de Janeiro o I Congresso Nacional do Ensino da Religião, sendo promotor e relator principal o Pe. Álvaro Negromonte. Cresce positivamente a evangelização no Brasil, com a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 14 de outubro de 1952, em grande parte por obra de D. Helder Câmara e baseando-se nas estruturas da Ação Católica, veio influenciar e impulsionar significativamente a vida pastoral, com benéficos reflexos sobre a catequese.

^{21[21]} Cf. *Ibidem*, 39,41.

^{22[22]} Podemos falar de Movimento Catequético no Brasil a partir do Pe. Negromonte (1901-1964) que, animado de grande zelo pastoral, consegue movimentar grande número de forças eclesiais, organizar instituições, realizar vários congressos, cursos intensivos, semanas de catequese e produzir obras catequéticas num verdadeiro movimento catequético. Seus textos e obras de pedagogia catequética espalharam-se por todo Brasil em numerosíssimas edições, algumas com tradução em castelhano. Baseado na *Escola Ativa*, introduz na catequese o Método Integral que propunha como objetivo formar o cristão íntegro, firme na fé, forte no amor e pleno na esperança. Cf. Luiz ALVES DE LIMA, "O recente movimento catequético brasileiro", in *Revista de Catequese* 19 (1996) 73, 5-6.

Em 1953 na cidade de Belém a CNBB criou o Secretariado Nacional de Defesa da Fé e Moral com o objetivo de combater tudo o que fosse contrário e suspeito à Igreja como: protestantismo, espiritismo, maçonaria, comunismo, positivismo, paganismo da colônia japonesa, imoralidade, amoralismo, meios de comunicação, etc.^{23[23]}

Realiza-se em 1954 a 2ª Assembléia da CNBB, que para contrastar de forma positiva a penetração do protestantismo, Mons. Agnelo Rossi propõe a idéia do catequista popular com a função de assumir a catequese e o culto dominical nos lugares onde o sacerdote não podia ir. Com a aprovação da CNBB o setor responsável pela formação catequética destes catequistas leigos seria o Secretariado Nacional de Defesa da Fé e Moral.^{24[24]}

Em 1955 Pio XII convocou a 1ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizado no Rio de Janeiro e como fruto deste evento criou-se o Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM).

Em Barra do Piraí (RJ), o bispo D. Agnelo Rossi promove a Primeira Concentração de Catequistas Populares no dia 28 de outubro de 1956.

2. Renascimento catequético contemporâneo^{25[25]}

2.1. Os anos do Concílio

A partir de 1960 a Igreja do Brasil entra em uma nova fase, que é a renovação católica, tendo como fonte principal os documentos e as finalidades do Concílio Vaticano II (1962-1965). O episcopado lançou em abril de 1962 a petição expressa de João XXIII, o plano de emergência. Os objetivos eram: a renovação da paróquia, o ministério sacerdotal, o sistema da educação católica e a ação da Igreja no campo sócio-econômico. Inicia-se uma pastoral de conjunto a nível diocesano, regional e nacional. Cria-se uma nova visão eclesiológica, que exige uma renovação do próprio conteúdo da catequese.

Em vista dessa renovação criou-se em março de 1963 no Rio de Janeiro o Instituto Superior de Pastoral Catequética (ISPAC), com a finalidade de formar os responsáveis pela catequese em plano nacional, regional, diocesano e escolar.^{26[26]}

^{23[23]} Cf. Ralfy MENDES DE OLIVEIRA, *O movimento catequético no Brasil*, 51.

^{24[24]} Cf. *Ibidem*, 52-53.

^{25[25]} Cf. Bernardo CANSI, "Fragmentos de la historia de la catequesis en Brasil", in *Teología y Catequesis* 45-48 (1993), 194.

^{26[26]} Cf. Ralfy MENDES DE OLIVEIRA, *O movimento catequético no Brasil*, 56.

Efetuiu-se em 1964 o lançamento do plano nacional da Campanha da Fraternidade, que com o passar dos anos se tornou um momento privilegiado para a evangelização e para a catequese em todo o país.

O Plano de Pastoral de 1966-1970 assume o espírito do Concílio e quer aplicá-lo na realidade brasileira. Pela primeira vez aparecem as seis linhas da pastoral: promover uma unidade no seio da Igreja, a ação missionária, a ação catequética, a ação litúrgica, a ação ecumênica e melhor inserção do povo de Deus, como fermento, na construção do mundo, segundo os desígnios de Deus.

1. Medellín^{27[27]}

O ano de 1968 foi difícil para o Brasil tanto na política como socialmente com o recrudescimento do regime militar 1964-1984,^{28[28]} mas por outro lado foi rico de acontecimentos para a Igreja no Brasil e na América Latina.

Em de julho de 1968 o Secretariado Nacional de Catequese convocou no Rio de Janeiro o Encontro Nacional de Catequese, que foi o ponto de partida para um verdadeiro giro histórico da educação da fé no país, onde a reflexão e as finalidades, os conteúdos e os métodos catequéticos não partem da teoria, mas da realidade sócio-política, econômico-cultural e religiosa do povo brasileiro. Se aprofundou na 6ª Semana Internacional de Catequese (agosto) em Medellín e consagrou-se na 2ª Conferência Episcopal Latino-Americana, também em Medellín (setembro).^{29[29]}

A importância destes três acontecimentos para a catequese brasileira é de grande valor. Assumindo e atuando os postulados do Vaticano II, há uma substancial renovação da vida cristã: a fé é vivida a partir da situação (em geral da injustiça social), e colocando a força do Evangelho a serviço da promoção humana. A educação da fé igualmente enveredou-se por estes caminhos: a catequese adquire uma dimensão antropológica, social, transformadora, libertadora.

Os primeiros destinatários já não são as crianças, mas os adultos: eles são capazes plenamente de viver o Evangelho também em sua dimensão social e política. O método quase que se transforma em conteúdo; é a ação concreta em nome da fé (práxis), e é nesta ação que se pode ouvir a Deus: Ele fala através dos acontecimentos. O catequista já não pode ser alguém ausente da

^{27[27]} Veja também: Paulo E. ANDRADE PONTE, “La catequesis Latinoamericana al impulso de Medellín y Puebla”, in *Medellín* 58-59 (1989), 133-151.

^{28[28]} Cf. Luiz ALVES DE LIMA, “Panoramica de la renovación catequística brasileña de los últimos años”, in *Medellín* 72 (1992), 798. ID., *A face brasileira da catequese*, 22-24. Israel NERY, “Brasil: presente y futuro de la catequesis”, in *Sinite* 33 (1992) 99, 58. Benedetto BELLESI, “Storia di una nazione”, in *Rivista Missioni Consolata* 102 (2000) 9-10, 25-28.

^{29[29]} Nesta 2ª Conferência Episcopal Latino-Americana em Medellín, foi dedicada uma parte à catequese que é o doc. 8. Cf. Bernardo CANSI, *Aspectos práticos da Catequese Renovada*, Ed. Vozes, Petrópolis 1991, 54-56.

vida e da história concreta de seu povo; ao contrário, é alguém que inserido no processo histórico da comunidade, é capaz de fazer a interação entre fé e vida e de conduzir seus irmãos na fé a descobrir Deus que se revela no dia a dia.^{30[30]}

2.2. Puebla^{31[31]}

Em 1979 aconteceu em Puebla a 3ª Conferência Episcopal Latino-Americana, também dedicou o documento n. 3 sobre a catequese. Puebla recolocou a catequese como via de evangelização. Mostrou o papel principal do educador da fé, pois ele é uma pessoa fundamentada na Palavra de Deus, que percebe a presença ou a ausência de Deus na história. É um profeta, um ministro da Palavra de Deus.

A catequese consiste na educação ordenada e progressiva da fé. Seu papel é renovar a vida cristã. O aspecto pessoal, comunitário e social são destaques na catequese. A catequese e o catequista devem ligar-se mais à celebração da fé da comunidade.

2.3. O Diretório Catequético Nacional^{32[32]}

Durante a década de setenta e início dos anos oitenta, consolidou-se no Brasil, como em geral na América Latina, a reflexão da teologia da libertação, que por um lado brotou de uma práxis libertadora e por outro lado a reforçou. A catequese (...) e como de resto toda a pastoral, se vê grandemente influenciada por esta nova maneira de fazer teologia.

O documento *Catequese Renovada, Orientações e conteúdo*, foi aprovado em 1983, em Itaíci, São Paulo, esse irá refletir, com certo equilíbrio a originalidade da nova teologia.^{33[33]} Esse documento veio à luz sob o influxo do Sínodo de 1977, de Puebla e do estímulo de João Paulo II tanto em sua exortação *Catechesi Tradendae*, como através de vários pronunciamentos e encontros com o Episcopado brasileiro por ocasião de sua visita ao Brasil em 1980.

^{30[30]} Cf. Luiz ALVES DE LIMA, “O recente movimento catequético brasileiro”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 73, 6-7. Bernardo CANSI, “A catequese em 1992”, in *REB* 52 (1992), 937. Ralfy MENDES DE OLIVEIRA, “Brasil”, in *Dizionario di Catechetica*, 93.

^{31[31]} Cf. Bernardo CANSI, *Aspectos práticos da Catequese Renovada*, 56-57. ID., “A catequese em 1992”, in *REB* 52 (1992), 937.

^{32[32]} Cf. Luiz ALVES DE LIMA, “O recente movimento catequético brasileiro”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 73, 8.

^{33[33]} Mais do que sua aprovação num texto oficial, foi significativo o processo pelo qual ele foi gerado: envolveu a participação dos catequistas de base, grande número de catequetas e quatro assembléias gerais do episcopado, além de ter sido precedido por dois instrumentos de trabalho e a redação de vários roteiros de catequese. O intenso processo participativo que resultou na CR teve em D. Albano Cavallin seu animador principal, sendo assessorado por inúmeros catequetas.

2.4. O desenvolvimento do Movimento Catequético no Brasil^{34[34]}

Com a publicação do documento *Catequese Renovada* e outros documentos posteriores despertou um grande interesse em todo o território nacional.

Foram usadas as mais diversas formas para divulgar, estudar, aprofundar e operacionalizar o diretório *Catequese Renovada*, particularmente para os catequistas de base: cursos, encontros, assembleias, seminários, painéis, reuniões, debates, congressos, fóruns, semanas.

O seu ponto alto foi a Primeira Semana Brasileira de Catequese (12 a 18 de outubro de 1986),^{35[35]} com o objetivo de avaliar o MCB após CR e relançar suas grandes intuições. Posteriormente outros encontros nacionais continuam a enfrentar os novos desafios da catequese, tais como a inculturação, a catequese urbana e a catequese para um mundo em mudança.^{36[36]} Vários organismos e pessoas contribuíram no desenvolvimento do Movimento Catequético. Um mérito particular no campo da reflexão catequética e aplicação da catequese é a *Revista de Catequese*, fundada em fins de 1977, no clima do Sínodo sobre a catequese, exerceu um grande influxo no MCB e continua sendo um instrumento de estudo, aprofundamento e divulgação da renovação catequética. Entre as pessoas que animaram a catequese no pós-concílio duas merecem de ser recordadas.^{37[37]}

Em primeiro lugar Frei Bernardo Cansi, falecido em 1996. A sua figura de catequista sorridente e otimista é reproduzida de mil maneiras no coração dos catequistas. O seu amor incondicional à catequese, sua paixão pela Bíblia e pela Liturgia, sua metodologia muito próxima dos pequeninos e excluídos, sua pedagogia dos símbolos e sinais para introduzir a todos no Mistério da Salvação, seu enorme esforço de inculturação não só a partir de um mundo rural e de periferia, mas também as exigências da modernidade e das grandes cidades.

Uma outra figura muito importante para o movimento catequético brasileiro e latino-americano é D. José Costa Campos, Bispo de Valença (RJ) e depois de Divinópolis (MG), falecido em 10 de julho de 1997. Ele liderou a renovação catequética na década de 60, no pré e pós-Concílio, época de profundas transformações.

^{34[34]} Cf. Luiz ALVES DE LIMA, “O recente movimento catequético brasileiro”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 73, 8-9.

^{35[35]} Cf. Bernardo CANSI, “A catequese em 1992”, in *REB* 52 (1992), 938.

^{36[36]} Sobre este tema a CNBB escreveu: *Catequese para um mundo em mudança*, série Estudos da CNBB n. 73, Paulus, São Paulo 1994.

^{37[37]} Cf. Luiz ALVES DE LIMA, “Análise da realidade catequética”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 80, 27.

Seu entusiasmo pela catequese e principalmente sua capacidade de organização e movimentação de pessoas e idéias, proporcionou um crescimento muito grande da reflexão e prática catequéticas, abrindo caminhos para uma profunda renovação que veio a ser coroada sobretudo com a aprovação do documento *Catequese Renovada* (1983) na qual também trabalhou.

Mas sua contribuição específica se situa no quadro da renovação pós-conciliar, que em termos de pastoral e catequese, encontrou suas expressões máximas no Encontro de Catequese do Rio de Janeiro em julho de 1968 e logo depois, em agosto e setembro nos documentos de Medellín.

3. Catequese Renovada

Este documento representou um momento de síntese do caminho catequético pós-conciliar da Igreja no Brasil e constitui o ponto de referimento para a sucessiva atividade catequética. Queremos recordar os destinatários, os conteúdos e as suas escolhas.

3.1. 3.1. Destinatários^{38[38]}

Antes de tudo este documento não quis ser um texto de catequese, mas foi pensado como um roteiro que contivesse orientações sobre o conteúdo da catequese, onde os elaboradores de textos catequéticos deveriam inspirar-se. É um conjunto de orientações ou diretrizes catequéticas de natureza teológico pastoral para a Igreja no Brasil.

O documento *Catequese Renovada* não foi elaborado com uma única finalidade, mas foi idealizado para satisfazer várias tarefas; a principal delas é a de orientar a projeção e a realização de uma catequese renovada, que abrange todo o território brasileiro. Uma outra finalidade é a de estimular uma ação catequética atualizada, onde esta for deficiente ou ultrapassada.

Os destinatários do documento *Catequese Renovada* são: os agentes e os coordenadores de catequese e principalmente os autores de textos ou manuais de catequese. Numa visão ampla, podemos dizer que a comunidade eclesial passa a ser a sua destinatária.

A grande novidade deste documento é que ele assume os adultos como seus destinatários privilegiados, porém esta preferência não descuida os outros destinatários (crianças, adolescentes, jovens e anciãos).

3.2. Os conteúdos

^{38[38]} Cf. Nelson Gil TOLENTINO, *A renovação da catequese no Brasil. Instâncias fundamentais do Diretório Catequético Nacional: Catequese Renovada*, Tese de doutorado n. 266, Universidade Pontifícia Salesiana, Roma 1989, 74-75.

O documento *Catequese Renovada* se divide em 4 capítulos:^{39[39]}

1º capítulo: A catequese renovada e a comunidade na história da Igreja

- A catequese tem sempre que levar em consideração o ambiente e o lugar onde ela se realiza, para poder responder às necessidades do povo.
- A comunidade está convidada a descobrir sua própria história para ver o que Deus já realizou e o que ainda precisa ser feito.
- A Igreja toma posição diante do que vai acontecendo em cada época e manifesta essa posição em documentos que o catequista deveria conhecer. Alguns desses documentos são: os textos do Concílio Vaticano II, as conclusões das assembleias dos bispos em *Medellín*, *Puebla* e *Santo Domingo*, as recomendações do Papa Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*, as várias orientações dadas por João Paulo II etc.
- Sendo membro e construtor da Igreja, o catequista deveria saber qual direção e de que maneira essa Igreja espera que seu trabalho caminhe.

2º capítulo: Princípios para uma catequese renovada

Nessa parte encontramos: Os *fundamentos* da catequese, que decorrem da própria Revelação de Deus a seus filhos. Esta Revelação nos foi manifestada por Deus: através de palavras, gestos e fatos; como um processo através dos tempos; gradativamente e aos poucos; partindo daquilo que o povo já conhece; de forma completa na pessoa de Jesus; comunicada pelo Espírito Santo.

As fontes da catequese são: a) Sagrada Escritura; b) Tradição; c) Magistério; d) Liturgia; e) Vida da comunidade; f) Sinais dos tempos; g) Vida dos Santos; h) Devoções populares.

Os critérios para a catequese são: 1. Cristocentrismo; 2. Integridade; 3. Hierarquia das verdades; 4. Adaptação.

O grande princípio que inspirou o documento *Catequese Renovada* foi a *Interação Fé e Vida*, que relaciona a história da salvação. Colocar isso em prática envolve mudar a linguagem, usar recursos da realidade do catequizando, ouvir e analisar os problemas da comunidade etc. Em muitos subsídios populares se desenha o catequista renovado tendo a Bíblia em uma das mãos e o jornal na outra, como sinal de missão de ler os fatos da vida a partir do plano de salvação de Deus.

A leitura da realidade como parte do método e do conteúdo: o método preferido é o VER-JULGAR-AGIR, partindo da realidade. É mais ou menos assim:



^{39[39]} “Instrumento de trabalho”, in *Revista de Catequese* 17 (1994) 65, 42-50.

da vida ↗ para a Bíblia ↗ e de novo para a vida

3º capítulo: Temas fundamentais para uma catequese renovada

São temas da nossa fé que orientam o nosso agir de cristãos:

a) A verdade sobre o homem: parceiro de Deus no plano da salvação; sua liberdade e dignidade moral; pecado e reconciliação; compromisso com a fraternidade; construtor da história.

b) A verdade sobre Jesus: seu projeto de salvação; sua encarnação (participação na vida humana); sua vida, seus ensinamentos e sua prática; sua morte e ressurreição; Deus revelado em Jesus e no Espírito Santo.

c) A verdade sobre a Igreja: fundada por Jesus como sinal do Reino; povo de Deus; comunidade a serviço da salvação; dimensão comunitária e ecumênica da Igreja; sacramentos, que são ação de Cristo na Igreja; Maria, modelo da Igreja.

4º capítulo: A comunidade catequizadora

Junto com o *princípio de interação fé e vida*, a importância da comunidade catequizadora foi alicerce do processo de Catequese Renovada. O catequista não catequiza sozinho, ele é membro e porta-voz da comunidade onde o catequizando está convidado a viver na fé. Por isso, a catequese não é uma instrução, um ato de aprender lições como se faz na escola. Ela é um caminho a ser percorrido na comunidade, junto com os irmãos de fé.

Os grandes objetivos são: participar da comunidade; seguir Jesus como membro da Igreja; valorizar a comunidade como lugar de alimentar, partilhar, aprofundar e celebrar a fé.

3.3. As tarefas da catequese^{40[40]}

O documento *Catequese Renovada* não fala claramente das tarefas da catequese, mas de, exigências da catequese, por isso, tentarei enumerá-las. O único número que menciona a palavra: *as tarefas fundamentais da catequese* é o n. 87.

Como se deve realizar a Catequese para alcançar seus objetivos? Como a Catequese pode levar os cristãos - crianças, jovens e adultos - a acolher a Palavra de Deus e a fazer dela a luz que orienta a sua vida? A questão pode ser abordada em diversos níveis e sob diversos enfoques.

^{40[40]} Cf. CR 76-79.82-83.87.89.93.98.100-101.

- *Fidelidade a Deus e ao homem*: A exigência primeira e fundamental da catequese é a fidelidade ao plano de Deus. Essa fidelidade é, antes de tudo; fidelidade ao movimento, pelo qual Deus entra na história dos homens e nela se encarna, pelo seu Filho.

- *Fidelidade às fontes*: Fidelidade à *Revelação* significa, para a Catequese, encontrar nela a sua fonte. A Revelação divina chega até nós através da *Sagrada Escritura*, dentro da *Tradição viva da Igreja*, recebida dos apóstolos. Compreensão da Palavra proclamada e meditada na *Liturgia*.

A catequese tem, entre suas tarefas fundamentais, a entrega do Evangelho (*traditio Evangelii*). Ela deve abrir ao catequizando o livro da Sagrada Escritura, que tem por centro o Evangelho. Assim, “a catequese é a verdadeira introdução à leitura da Escritura”, de que falaram os Bispos no Sínodo de 1977 em sua *Mensagem ao Povo de Deus* (n. 9).

Para qualquer forma de Catequese se realizar na sua integridade, é necessário estarem unidos: o conhecimento da Palavra de Deus; a celebração da fé nos sacramentos e a confissão da fé na vida cotidiana.

Uma segunda exigência é a *integridade* do conteúdo. A catequese deve levar o cristão a penetrar plenamente no mistério de Cristo. Por isso procurará apresentar integralmente sua mensagem.

Outra exigência, que explicita e complementa as duas primeiras, é a *da hierarquia das verdades*. Pode-se também falar de *adaptação* do conteúdo. Embora o critério da adaptação deva ser aplicado, antes de tudo, à linguagem e ao método da catequese, também o conteúdo pode necessitar de adaptação, inclusive por sua estreita conexão com o método.

3.4. As escolhas metodológicas

Sobre a metodologia catequética,^{41[41]} a catequese renovada incentiva catequistas e formadores de catequistas a dedicarem parte de seu tempo ao estudo dos métodos mais adequados, evitando assim, a tentação do empirismo e da improvisação. Em segundo lugar se reconhece a pluralidade de métodos, e de acordo com as respectivas autoridades, uma diocese, uma comunidade ou catequista, podem escolher os que julgarem mais adequados. “A variedade dos métodos é um sinal de vida e uma riqueza” (CT 51; cf. DCG 72).^{42[42]}

Porém, todos esses métodos deverão obedecer, com ampla possibilidade de diferentes aplicações concretas, ao chamado “*princípio da interação*” (ou de interpelação).^{43[43]}

^{41[41]} Veja CANSI: *A pessoa e a formação do catequista*, também, menciona e o princípio metodológico da interação na Catequese Renovada, 93-96.

^{42[42]} CR 110-111.

^{43[43]} CR 112.

Pois, na catequese realiza-se uma *inter-ação*, isto é, um relacionamento mútuo e eficaz entre a experiência de vida e a formulação da fé; entre a vivência atual e o dado da Tradição. De um lado, a experiência da vida levanta perguntas; de outro, a formulação da fé é busca e explicitação das respostas a essas perguntas. De um lado, a fé propõe a mensagem de Deus e convida a uma comunhão com ele, que ultrapassa a busca e as expectativas humanas; de outro, a experiência humana é questionada e estimulada a abrir-se para esse horizonte mais amplo.^{44[44]}

Também o método seguido em Puebla, o “*Ver-Julgar-Agir*”, quer levar a essa interação entre a experiência de vida, ou a visão da situação histórica, de um lado, e a reflexão baseada sobre a doutrina da fé, do outro, a fim de gerar uma praxe cristã.^{45[45]}

3.5. As opções da catequese

Entre as opções fundamentais recordamos as principais: ligação entre fé e vida, catequese comunitária, inculturada e libertadora.^{46[46]}

3.5.1. Ligação entre fé e vida^{47[47]}

O princípio da interação fé e vida inspirou o documento *Catequese Renovada*. Este princípio relaciona o conteúdo da catequese em uma *inter-ação*, isto é, em um relacionamento mútuo e eficaz entre a experiência de vida, principalmente na comunidade e a formulação da fé.^{48[48]} A formulação da fé deve acompanhar o crescimento da fé da comunidade e responder às suas respectivas exigências.

Para uma catequese verdadeira, não basta preparar somente os temas, ma essa deve promover a integração da caminhada da comunidade cristã com a mensagem evangélica, a partir das exigências expostas.^{49[49]}

3.5.2. Catequese inculturada^{50[50]}

^{44[44]} CR 113.

^{45[45]} CR 115.

^{46[46]} CR 163.

^{47[47]} Cf. Wolfgang GRUEN, “Novas orientações para a catequese no Brasil”, in *Revista de Catequese* 7 (1984) 27, 40. Cf. “Instrumento de Trabalho”, in *Revista de Catequese* 17 (1994) 65, 44. Cf. Luiz ALVES DE LIMA, “Análise da realidade catequética”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 80, 24-25. Para ter uma visão mais ampla veja: Luiz ALVES DE LIMA, *A face brasileira da catequese*, 425-435.

^{48[48]} Cf. CR 113.

^{49[49]} Cf. CR 283.

^{50[50]} São vários os escritos sobre o tema da inculturação, como: Luiz ALVES DE LIMA, *A face brasileira da catequese*. Universidade Pontifícia Salesiana. Faculdade de Teologia. Especialização em catequese. Tese de doutoramento n. 346. Roma 1995, 435-442; Fermio José CANSI, *A pessoa e a formação do catequista*, 85-87;

“O diretório catequético *Catequese Renovada* não chegou incorporar explicitamente este tema, mas a caminhada posterior fez dele o grande lugar de confluência dos esforços de atuação do princípio metodológico de interação”.^{51[51]}

Hoje, a catequese é definida como processo permanente, progressivo, orgânico da fé, da esperança, da caridade, da vida cristã e, tem como agente fundamental, o adulto. Mas esse agente pertence a um grupo cultural e do qual podemos dizer que, a cultura é o encontro do homem e da mulher com a natureza, com a sociedade, com Deus e consigo mesmo. Por isso, “a catequese inculturada é como uma fonte, uma vitamina, um alimento que dá musculatura, corpo forte, resistente às culturas, pois a educação da fé promove as pessoas com tudo o que elas têm de bom e purifica aquilo que as escraviza, domina, marginaliza”.^{52[52]}

Podemos entender a inculturação como a expressão da vontade de superar toda manipulação de uma cultura e mesmo toda forma de adaptação superficial e exterior a ela: é a busca de uma expressão do Evangelho no coração mesmo de uma cultura, de forma criativa, de modo que a cultura revele novas potencialidades do Evangelho e o Evangelho revele novas possibilidades daquela cultura.^{53[53]}

“A tarefa específica da evangelização consiste em anunciar a Cristo e convidar as culturas a não ficar sob um esquema eclesialístico, mas sim a acolher pela fé e sem nenhuma coação, a Deus como único Pai e mestre, manifestado por Cristo”.^{54[54]}

Quanto à cultura urbana, a catequese e toda a pregação do Evangelho, está fazendo um esforço muito grande para inculturar-se nesta nova realidade,^{55[55]} reconhecendo que o ideal está muito distante.^{56[56]}

Bernardo CANSI, “Sinais de la catequese inculturada na Evangelização do Brasil”, in *Hacia una catequesis inculturada. Memorias de la II Semana Latinoamericana de Catequesis*, 195-245; Francisco VAN DEN BOSCH, “Catequese e promoção humana no contexto da inculturação”, in *Revista de Catequese* 18 (1995) 69, 30-46; Ralfy MENDES DE OLIVEIRA, “Entrevista. Catequese e inculturação”, in *Revista de Catequese* 17 (1994) 65, 410; AAVV., “Cultura brasileira, catequese e inculturação (Parte I)”, in *Revista de Catequese* 10 (1987) 40, 33-39; ID., “(Parte II)”, in *Revista de Catequese* 11 (1988) 41, 27-31; etc.

^{51[51]} Luiz ALVES DE LIMA, *A face brasileira da catequese*, 436.

^{52[52]} Bernardo CANSI, “Inculturação, Endoculturação da Igreja e Catequese”, in *Medellín* 20 (1994) 79, 399.

^{53[53]} Cf. Luiz ALVES DE LIMA, “Catequese e Evangelização da cultura e das culturas”, in *Revista de Catequese* 15 (1992) 60, 9.

^{54[54]} Francisco VAN DEN BOSCH, “Catequese e promoção humana no contexto da inculturação”, in *Revista de Catequese* 18 (1995) 69, 35.

^{55[55]} Para este tema veja: Antônio Luiz M. dos SANTOS, “Catequese urbana: sua realidade e desafios”, in *Revista de Catequese* 21 (1998) 84, 15-24.

^{56[56]} Cf. Mário BONATTI, “Catequese na cultura urbana moderna”, in *Revista de Catequese* 18 (1995) 72, 20-29.

O grande modelo da catequese inculturada é Jesus que fez acontecer e proclamou a Boa Nova de tal maneira que a sociedade, e nela a religião, fosse atingida em sua estrutura. Atuou no meio do povo, para ajudá-lo a acolher este germe de novidade. Deste modo estimulou a inculturação da Boa Nova.^{57[57]}

3.5.3. Catequese comunitária

Toda a IV Parte do documento CR, é dedicado a comunidade catequizadora e, diz que para uma verdadeira catequese, não basta planejar um conjunto de temas, mas, a partir das exigências dessa, promover a integração da caminhada da comunidade cristã com a mensagem evangélica.^{58[58]}

Pois, o lugar ou ambiente normal da catequese é a comunidade, por isso, a catequese não é tarefa individual, mas realiza-se em uma comunidade cristã, madura, que acolha e dê testemunho do Evangelho.^{59[59]} Mas além das comunidades como a família, a paróquia, surgem, hoje em dia, muitas comunidades, entre as quais as pequenas comunidades eclesiais, as associações, os grupos juvenis, etc.^{60[60]}

A fé é comunitária, e as CEBs é um exemplo dessa fé que é vivida, partilhada, isto é, da dimensão fraterno-participativo.^{61[61]} Cada comunidade tem a sua história que deve ser respeitada, e na sua caminhada de comunidade observamos alguns elementos que estão presentes e interagem. Esses são quatro: a) a união entre os membros; b) a abordagem da realidade; c) a vida eclesial; d) a explicitação da fé. Tais elementos crescem e caminham quando a comunidade caminha.^{62[62]}

3.5.4. Catequese libertadora.

De um modo especial, a catequese, em nosso contexto procura “esclarecer como convém (...) realidades como a ação do homem para a sua libertação integral, o empenho na busca de uma sociedade mais solidária e fraterna e a luta pela justiça e pela construção da Paz”.^{63[63]}

A catequese libertadora transforma-se no caminho mais apelante, exigente e urgente do processo catequético.

^{57[57]} Cf. Wolfgang GRUEN, “Jesus Cristo, centro da mensagem, é o modelo da catequese inculturada”, in *Revista de Catequese* 17 (1994) 67-68, 81.

^{58[58]} CR 283. Cf. CR 94.

^{59[59]} Bernardo CANSI, “A catequese nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1995-1998)”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 22-30.

^{60[60]} CR 118.

^{61[61]} Cf. Fermino José CANSI, *A pessoa e a formação do catequista*, 59-60.

^{62[62]} CR 288. Cf. Luiz ALVES DE LIMA, *A face brasileira da catequese*, 420.

^{63[63]} CR 93, cf. (CT 29; cf. EN 30-38; Medellín, Cat. 6).

A interação entre o clamor do povo e Teologia da Libertação^{64[64]} ou “catequese libertadora é uma resposta evangélico-profética assumida pelos educadores da fé como caminho capaz de gerar um novo rosto aos povos desfigurados pela fome, pela injustiça e iniquidades econômico-políticas”.^{65[65]}

4. 4. A catequese atual do Brasil

Com a conclusão da breve história do movimento catequético no Brasil é oportuno recordar a reflexão atual da catequese que são: as características, as tendências e os desafios.

Segundo a 2ª Conferência Episcopal Latino-Americana realizada em Medellín a catequese não pode ignorar as mudanças econômicas, demográficas, sociais e culturais, pois essas situações históricas e as aspirações humanas fazem parte do conteúdo da catequese.^{66[66]}

Por isso, a catequese precisa ter os olhos voltados para a realidade e para a história do povo. Assim sendo, poderá identificar e conhecer os seus problemas e usar linguagens que possam comunicar a fé.^{67[67]}

^{64[64]} O que é a Teologia da Libertação? “É a reflexão da vida da comunidade cristã enquanto comprometida com a libertação” (Leonardo BOFF - Clodovis BOFF, *Teologia da Libertação no Debate Atual*, Ed. Vozes, Petrópolis 1985, 20.). A TdL (Teologia da Libertação), é caracterizada pela opção preferencial pelos pobres de Puebla nn. 1134-1165. Distinguimos dois tipos de pobre em termos de TdL: a) *o pobre sócio-econômico*: é aquele que é privado dos meios necessários para sobrevivência (comida, vestuário, casa, saúde básica, instrução elementar e trabalho). b) *o pobre evangélico*: é aquele que se coloca a serviço de Deus e dos irmãos, deste modo se torna instrumento e sinal do Reino de Deus.

As raízes históricas da TdL, estão no início da colonização quando os missionários (Bartolomeu de las Casas, Antônio de Montesinos, Antônio Vieira, Frei Caneca e outros) questionaram qual era o tipo de Igreja no continente e o modo como eram tratados os índios, os negros, os mestiços e as populações pobres do campo e da cidade.

Os Governos populistas dos anos 50-60 com Perón na Argentina, Vargas no Brasil e Cárdenas no México incentivaram uma consciência nacionalista e um significativo desenvolvimento industrial de substituição de importações, beneficiando as burguesias nacionais e as populações urbanas mas lançando na marginalização ou no favelamento porções imensas do campesinato. Um fato importante neste contexto foi a revolução de Cuba em 1959 como uma alternativa no rompimento do fator principal do subdesenvolvimento: a dependência.

A metodologia da TdL tem a sua origem dos três passos de Joseph Cardijn (1882-1967), “ver-julgar-agir”, que resulta determinante também na encíclica *Populorum Progressio* (1967). Para ter uma visão mais ampla veja: Leonardo BOFF - Clodovis BOFF, *Como fazer Teologia da Libertação*, Ed. Vozes, Petrópolis 1986, 93-107. “Teologia della Liberazione”, in *Lessico di Missiologia*, Edmondo COCCIA-Paolo GIGLIONI (edd.), Ed. Vaticana, Città del Vaticano 2000, 378-379. Fermino José CANSI, *A pessoa e a formação do catequista*, 26-31.

^{65[65]} Fermino José CANSI, *A pessoa e a formação do catequista*, 96.

^{66[66]} Cf. CELAM, *II Conferencia General del Episcopado Latinoamericano, Medellín - La Iglesia en la actual transformación de America Latina a luz del Concilio*, in Conferencias Generales, Río de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo. Documentos Pastorales, San Pablo, Chile 1993, doc. 8, nn. 5-6.

^{67[67]} Cf. Francisco MERLOS ARROYO, “Principais tendências da catequese contemporânea”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 75, 8-9.

4.1. As características da catequese no Brasil^{68[68]}

Nas principais características de nossa catequese, está delineado o novo rosto que a catequese adquiriu nestes últimos anos. Podemos sintetizar em 12 pontos que traçam o ideal catequético proposto por CR e que vem adquirindo realização de um modo especial nas pequenas comunidades.

1. *Educação para a vivência da fé*: a catequese renovada procura superar o ensino doutrinal e educar para a vida de fé. O catequista é considerado pedagogo que acompanha o educando orientando-o para as experiências de vida cristã.

2. *Vivência da fé em comunidade*: a comunhão e participação na vivência da fé é característica fundamental da comunidade cristã. A comunidade de fé se constitui, assim, em fonte, lugar e meta da catequese.

3. *Processo permanente de educação da fé*: é a dimensão permanente da catequese; a educação da fé se prolonga por toda a vida. Não se destina só a crianças, adolescentes ou jovens, mas a todas as idades e de modo especial aos adultos.

4. *Catequese cristocêntrica*: a catequese renovada procura conduzir ao centro do Evangelho, ao *kerigma*, à conversão, ao segmento e à opção por Jesus Cristo que nos revela o Pai, no Espírito Santo (dimensão trinitária). Embora a catequese esteja a serviço do homem em sua situação concreta (dimensão antropológica), ela procura educar para a vivência do mistério d'Aquele que revelou o homem ao homem, o novo Adão, Jesus Cristo.

5. *Ministério da Palavra*: assim é considerada a catequese; ela é anúncio da Palavra de Deus, a serviço da qual se coloca. O catequista precisa ter a convicção (mística) de que é profeta hoje, comunicando a Palavra de Deus com todo seu dinamismo e eficácia na força do Espírito Santo. Conseqüentemente a Bíblia é considerada como o Livro da fé, e por isso mesmo, o texto fundamental da catequese. O catecismo ou texto de catequese é relativizado e colocado em sua função menor de subsídio a serviço da iniciação ao conhecimento bíblico.

6. *Coerência com a Pedagogia de Deus: Catequese Renovada* e outros documentos assumem toda a doutrina sobre a Revelação contida na DV, tirando daí as conseqüências para a catequese. O modo de educar para a fé deve seguir o mesmo processo e pedagogia que Deus usou para revelar-se, isto é: revelação progressiva através de palavras e acontecimentos; da vida da comunidade; do amor pelos pobres no processo de educação da fé.

^{68[68]} Cf. Luiz ALVES DE LIMA, "O recente movimento catequético brasileiro", in *Revista de Catequese* 19 (1996) 73, 11-13. ID., "Panorámica de la renovación catequística brasileña de los últimos años", in *Medellín* 18 (1992) 72, 802-805.

7. *Catequese transformadora e libertadora*: a mensagem da fé, iluminando a existência humana, forma a consciência crítica diante das estruturas injustas e leva a uma ação transformadora da realidade social.

8. *Catequese inculturada*: a catequese quer educar para uma fé que impregne todas as realidades humanas com a força do Evangelho; quer assumir os valores da cultura, a linguagem, os símbolos, a maneira de ser e de viver do povo nas suas diversas expressões culturais.

9. *Interação fé-vida*: o conteúdo da catequese, tema do qual se iniciou todo o processo de elaboração de CR, compreende dois elementos que se interagem: a experiência da vida e a formulação da fé. A interação entre fé-vida é a tarefa principal, a arte do catequista e seu constante desafio diante das situações concretas (CR 163).

10. *Catequese integrada nas outras pastorais*: como dimensão, a catequese está presente em todas as pastorais, e como atividade específica também deve estar articulada com as demais pastorais no espírito da pastoral orgânica ou de conjunto.

11. *Fonte de espiritualidade*: um dos pontos centrais da formação do catequista é a sua espiritualidade. Porém, deverá ser uma espiritualidade que se inspira na própria atividade de educador da fé; ser catequista é viver da mística própria daquele que está a serviço da Palavra de Deus, compreendida em toda sua riqueza e amplitude. Será uma espiritualidade bíblica, cristocêntrica, eclesial, mariana, litúrgica e encarnada na realidade do povo.

12. *Opção preferencial pelos pobres*: fazendo parte viva de uma Igreja que numa longa caminhada descobriu os pobres não só como destinatários principais de sua missão, mas também seu potencial evangelizador, a catequese não pode deixar de caminhar também nesta linha; não se trata de um tema da catequese, mas de uma perspectiva geral, que orienta concretamente objetivos, sujeito e destinatários, conteúdo, métodos, recursos e a mesma formação de catequistas.

4.2. 4.2. *As tendências e os desafios da catequese*^{69[69]}

4.2.1. Tendências: entre as principais recordamos.

- a) Uma busca cada vez maior de espiritualidade e mística como alimento e sustento de toda a ação catequética.
- b) Esforço de considerar a educação da fé em primeiro lugar como uma autêntica experiência de Deus, envolvendo integralmente toda a pessoa humana.

^{69[69]} Luiz ALVES DE LIMA, “Análise da realidade catequética”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 80, 30.

- c) Colocar toda a catequese no prisma do processo da inculturação em sintonia com o esforço da Igreja neste sentido.
- d) Considerar a cidade e o mundo moderno como ambientes privilegiados de evangelização e catequese, buscando expressões da fé que sejam mais inteligíveis pelo mundo urbano.
- e) Caminhar na direção de uma catequese permanente superando o conceito de catequese restrito somente às primeiras idades.

4.2.2. 4.2.2. Desafios: estes surgem da realidade concreta da catequese atual no Brasil. Recordamos aqueles mais significativos.

- a) Atuar o princípio de interação em toda a atividade catequética sem cair na tentação do “pancatequismo”.
- b) Integrar na catequese as conquistas das ciências da educação, particularmente a pedagogia.
- c) Encontrar uma linguagem da fé mais compreensível para as pessoas que vivem num mundo secularizado com dificuldades de entender a linguagem tradicional da Igreja.
- d) Formar o catequista como verdadeiro comunicador de experiências de fé.
- e) Criar maior unidade na pastoral catequética, organizando melhor a catequese tanto no âmbito regional, quanto diocesano e paroquial.
- f) Estabelecer normas claras para a catequese, particularmente a respeito da formação de catequistas e o exercício de sua missão e conseguir da Igreja o reconhecimento do catequista como verdadeiro ministro da palavra.

5. 5. Uma reflexão catequética aberta^{70[70]}

A catequese requer um contínuo aprofundamento e busca. A reflexão catequética deve sobretudo ter presente os referimentos antropológicos e bíblico-teológico.

5.1. 5.1. Alguns referenciais antropológicos da catequese hoje^{71[71]}

^{70[70]} Este tema foi discutido no: “VII Encontro Nacional de Catequese em Brasil”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 80, 31- 42.

^{71[71]} Este debate foi feito pelo Pe. Joaquim MOL, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 80, 31- 33.

A catequese é o processo de educação da fé e, esse se dá pela interação vida-fé. Seus sujeitos são interativos: a pessoa do catequizando e a pessoa do catequista, numa comunidade, e o Senhor dos Três, Deus. A catequese, em busca de uma fé madura, precisa levar em conta diversos aspectos, dentre eles, referenciais antropológicos.

5.1.1. 5.1.1. A compreensão da pessoa a partir da realidade que vivemos:

Antes de tudo, vivemos em um mundo de constante mudanças, e podemos caracterizá-las com quatro etapas: são rápidas (tudo muda com velocidade), profundas (mexe nas coisas mais profundas da vida) , universais (atinge a todos e em todos os lugares) e permanentes (não para). Nesta visão analisamos, a pessoa humana sob três ângulos:

1. *Ângulo da sociedade*: são muitas as pessoas que não conseguem estabelecer com os outros relações duradouras e sadias, tem dificuldades em conviver com o outro, são cheias de dúvidas e incertezas, afinal, são pessoas instáveis e individualistas.

2. *Ângulo do mercado*: predomina quem é mais forte, quem pode competir, quem tem dinheiro e prestígio. Em resumo o mercado tem gerado pessoas consumistas e sem ética.

3. *Ângulo interno da pessoa humana*: muita gente acreditava nos benefícios do progresso, do qual virou uma crença, pois, para elas o progresso resolveria todos os problemas. O progresso aconteceu em todos os campos da sociedade e de maneira especial em áreas que afetam a vida humana: saúde, trabalho e transporte. Só que os benefícios não chegam à vida da maioria das pessoas, em consequência vem a decepção, a indiferença e o desespero das pessoas.

5.1.2. 5.1.2. Compreensão da pessoa a partir de uma nova realidade

A reflexão sobre a pessoa humana a partir do novo que nasce em que vivemos. A sociedade continua em mudanças que favorecem a construção de algo novo que vai construindo uma nova modernidade. Nasce uma linguagem que favorece o entendimento entre as pessoas. São pessoas novas, que não querem isolamento, mas querem falar, se expressar, interagir, construir, melhorar. É algo novo dentro da realidade que pode gerar uma outra realidade. São três os aspectos:

⚡ Estão surgindo pessoas com uma nova consciência, capazes de articular e mobilizar outras pessoas.

⚡ Estão surgindo pessoas de diálogo. O diálogo é uma postura de vida de quem reconhece que o mundo é plural e, para viver num mundo de diferentes é preciso conviver.

⚡ Estão surgindo pessoas em busca do transcendente, de definição de sua espiritualidade, de elaboração de sua identidade religiosa, de encontro com Deus.

Entre os vários problemas de hoje a catequese deve ter presente particularmente dois:

≠ *O pluralismo religioso*: As religiões e confissões religiosas estruturadas e de cunho mais históricos, estão assustadas diante do enorme desafio da liberdade com que os homens lidam com o sagrado, os valores de todas as religiões, sobretudo a moral, o mundo do mistério e do esotérico. Os catequistas e os catequizandos estão mergulhados permanentemente neste oceano plural e se sentem interpelados de modo contínuo sobre as suas razões para crer, esperar e amar, a partir da opção cristã da Igreja.

≠ *A situação sócio-política e econômica*: A catequese não pode acontecer sem ter como conteúdo a realidade social do mundo e especialmente dos pobres na interação fé e vida.

5.2. 5.2. Referenciais Bíblico-Teológicos da catequese^{72[72]}

A Teologia é a explicação da experiência de Deus, enquanto a Catequese é a comunicação testemunhal desta mesma experiência. A teologia bíblica, que contém a expressão cultural judaico-cristã da revelação e da experiência, entre Javé e o povo de Israel, e entre Jesus Cristo e as primeiras comunidades: é o referencial que pode ser privilegiado agora.

O ser humano contextualizado em seu tempo, espaço, experiência e cultura, é chamado a pronunciar a Ressurreição na história, e a catequese efetiva esse chamado.

Cabe à catequese revelar a experiência de Deus e o sentido pleno e eterno de cada gesto de irmandade universal, até que se construa na história a plenitude do tempo para o Novo Céu e a Nova Terra.

A desigualdade, a exclusão, a indiferença entre as pessoas, é o contrário do projeto de Deus. Catequizar é testemunhar e construir a Casa Paterna, na qual todos tenham vida, e vida eternamente.

No contato da reflexão bíblico-teológico a catequese deve sempre esclarecer melhor sua identidade na Igreja.^{73[73]}

A catequese como processo educativo inicial e permanente da fé, da esperança e da caridade, tem como objetivo ajudar, cada membro da Igreja, a caminhar com segurança para a sua maturidade cristã. A partir dos critérios do Evangelho, essa maturidade se revela no modo como a pessoa os vive, segundo os seguintes aspectos da vida humana:

^{72[72]} Cf. Maria Inês CARNIATO, “Alguns referenciais bíblico-teológicos da catequese”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 80, 36.

^{73[73]} Cf. José Israel NERY, “Desafios de alguns referenciais teológicos e pastorais à catequese hoje”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 80, 37.

≠ a *adesão pessoal*, de convertido, numa relação de liberdade, confiança e intimidade com o *Deus Trindade*;

≠ a *inserção* ativa, participativa, com seus dons e carismas, na Comunidade Eclesial (...);

≠ o *engajamento* na construção e na alimentação de relações comunitárias e sociais a partir dos valores evangélicos, colocando em destaque a opção preferencial pelos pobres;

≠ o assumir, na ética da fé e da esperança cristãs, o sofrimento e a morte, tendo como referencial a Páscoa do Senhor Jesus e o horizonte escatológico da vocação humana.

Conclusão

Neste percurso que acabamos de fazer, vimos como foi o desenvolvimento da catequese no Brasil. Como os missionários trabalharam e os métodos que eles usaram para a evangelização dos índios e dos negros.

O documento *Catequese Renovada*, foi fruto de um trabalho, no qual teve a participação não só das autoridades eclesiais, mas também, de todos os catequistas de base.

Não foi feita uma análise profunda da sociedade brasileira,^{74[74]} por que o Brasil é uma nação grande e pluricultural, por isso, é difícil dizer com exatidão o percurso da catequese em cada região. Tratamos também sobre os desafios que a catequese enfrenta ainda hoje, como por exemplo: a catequese inculturada e a catequese urbana.

Diante de toda a caminhada da catequese, sempre teve a participação de pessoas que trabalharam para uma catequese melhor.

Resumindo, foi neste contexto da catequese que Frei Bernardo Cansi trabalhou.

^{74[74]} Para ter uma visão mais detalhada da sociedade e da catequese brasileira, veja: Luiz ALVES DE LIMA, *A face brasileira da catequese*.

CAPÍTULO II

CANSI: A PESSOA E A OBRA

No capítulo anterior vimos como foi o caminho da catequese no Brasil, pois, o estudo deste contexto e aquele de Fr. Bernardo que faremos agora, nos ajudarão a compreender melhor a sua pessoa e a sua obra. Veremos quem era e onde nasceu, qual foi a sua contribuição na catequese e na formação dos catequistas e também citaremos algumas de suas obras catequéticas.

1. 1. Acenos biográficos^{75[75]}

Fr. Bernardo, cujo nome civil era Fermino José Cansi, nasceu no dia 03 de julho 1937 em Paiol Queimado, hoje Município de São Jorge, então distrito de Nova Prata (RS). Filho de Alexandre Cansi e Irene Maria Albarello, era o terceiro de uma família de catorze irmãos, sendo seis homens e oito mulheres. Batizado aos 12 de julho de 1937, recebeu o Sacramento da Crisma aos 09 de maio de 1940. Optou pela vida religiosa na Ordem dos Franciscanos Capuchinhos, ingressando no dia 01 de março de 1951 no Seminário Santo Antônio de Vila Flores, RS.

Emitiu os primeiros votos aos 25 de janeiro de 1957 em Flores da Cunha e a profissão perpétua aos 25 de janeiro de 1960 em Ijuí, RS. Foi ordenado sacerdote em 02 de janeiro de 1966, em sua terra Natal por D. Cândido Maria Bampi, e no dia 06 do mesmo, celebrou a sua primeira missa na capela dos Santos Anjos, município de São Jorge.

Seu primeiro título acadêmico foi o de bacharel em filosofia, obtido na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (1959-1961) posteriormente completado com a licenciatura (1967). Fez o curso de Teologia Seminarístico de 1962 a 1965 na Escola Superior de Teologia São Lourenço mantido pela Província Sagrado Coração de Jesus (RS), em Porto Alegre. Em 1966 frequentou o Instituto Superior de Pastoral Catequética (ISPAC) do Regional Sul 3 em Porto Alegre, para fazer a especialização em catequese. Sua formação teológica coincide, com a realização do Concílio Vaticano II, tempo de grande renovação na Igreja.

^{75[75]} Luiz ALVES DE LIMA, “Uma vida dedicada à catequese”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 35-43. Cf. “Negrologia”, in *REB* 56 (1996), 985-986. Cf. “Memória de Frei Bernardo Cansi”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 78, 78. Cf. Jânison DE SÁ SANTOS, *Aspectos metodológicos da catequese no pensamento e na obra de Bernardo Cansi (1937-1996)*, Universidade Pontifícia Salesiana. Faculdade de Teologia - Departamento de Pastoral Juvenil e Catequética, Roma 1999, 25.

O ISPAC havia sido fundado três anos antes no Rio de Janeiro como uma das grandes expressões da renovação pós-conciliar que fazia caminho no Brasil. Além de sua Matriz no Rio de Janeiro, o ISPAC se multiplicou também em várias capitais.

2. 2. O seu serviço à catequese

A sua primeira experiência de atividade pastoral foi feita na Paróquia de Santo Antônio do Partenon em Porto Alegre de 1968 a 1969. Transferido para Brasília, foi pároco no Santuário de Nossa Senhora de Fátima de 1970 a 1979. Nesta época a sua atividade catequética começou a se expandir cada vez mais, atingindo também os níveis nacionais. Nesse período Fr. Bernardo iniciou também uma atividade nos meios de comunicação: primeiramente a Missa Televisada transmitida pela TV Brasília; depois a Ave Maria pela Rádio Planalto e a Missa Dominical transmitida pela Rádio Nacional.

2.1. 2.1. Educador de catequistas^{76[76]}

Em 1977 o Instituto Teológico Pio XI dos Salesianos instituiu o Curso de Metodologia Catequética de nível nacional e Fr. Bernardo foi um dos primeiros a ser convocado para fazer parte do seu corpo docente. Assim, ininterruptamente de 1977 até 1995, ele esteve sempre alguns dias do mês de janeiro em São Paulo no Instituto Pio XI para ministrar alguma matéria catequética.

Fez parte dos Grupos de Trabalho que, a partir de 1977, por ocasião do Sínodo da Catequese, se reunia para estudar a caminhada catequética no Brasil e traçar orientações. Este grupo foi responsável pela elaboração do documento da CNBB *Catequese Renovada* com grande participação das bases. Fr. Bernardo trabalhou principalmente na elaboração do primeiro capítulo. Os membros deste grupo deram origem em 1984 ao GRECAT (Grupo Nacional de Reflexão Catequética) do qual ele sempre participou ativamente, principalmente como grande divulgador da *Catequese Renovada*.

No início de 1980 ele foi para Campo Grande (MS), onde assumiu a direção dos formandos capuchinhos de teologia, lecionando também no Instituto Teológico local até 1982. Além desta atividade formativa junto à sua família religiosa, Fr. Bernardo também fez parte da coordenação dos Frades Capuchinhos do Brasil Central como Conselheiro e depois como Definidor por quatro períodos, entre os anos 1972 e 1987. Retorna à atividade pastoral em 1983 como pároco da Catedral de Coxim, exercendo contemporaneamente o cargo de vigário geral da Prelazia.

^{76[76]} Cf. Luiz ALVES DE LIMA, “Uma vida dedicada à catequese”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 36.

2.2. 2.2. Como assessor da CNBB a sua atividade aumenta^{77[77]}

Como ele tinha sido um dos membros mais ativos do grupo que coordenou a elaboração do documento *Catequese Renovada*, foi convidado em 1984 por D. Albano Cavallin, encarregado nacional da Linha 3 da CNBB, para assumir, junto com o Ir. Israel José Nery, a assessoria nacional da catequese. Neste primeiro período ele esteve à frente da catequese nacional de 1984 a 1987.

Com a expansão de sua atividade passa a assessorar os diversos regionais e dioceses: realiza inúmeros encontros, faz palestras, ministra cursos, orienta grupos de estudo, assembléias, seminários e semanas de estudo e aprofundamento. A Igreja no Brasil vivia um momento de grande penetração do documento *Catequese Renovada* em todos os lugares. Os catequistas tinham muita vontade de aprender e de se atualizar. Fr. Bernardo com o seu entusiasmo pela educação da fé, foi quem mais atraiu e reuniu catequistas nestes encontros pelo Brasil afora.

Neste sentido foi muito importante sua presença, ao lado do Ir. Israel Nery, na preparação, na condução e desdobramento da 1ª Semana Brasileira de Catequese em 1986. Tal foi o seu envolvimento nesta preparação, que escolheu como tema para sua tese de mestrado em Roma, um argumento ligado a esta 1ª Semana Brasileira de Catequese.^{78[78]}

Terminado este período de assessoria nacional da catequese, retorna às bases: em 1988 é nomeado pároco de N. Sra. da Glória, em Ceilândia, um dos grandes núcleos satélites de Brasília. Nessa paróquia viveu com mais profundidade a opção pelos pobres, aprendendo muitas lições, principalmente no sentido da inculturação.

Como Fr. Bernardo era muito solicitado para trabalhar no âmbito catequético do Brasil, a sua Província o liberou para estar totalmente a serviço da formação de catequistas. Assim, em 1989 e 1990 a sua presença se multiplica por todas as partes do Brasil. Nestes dois anos ele deixou escrito: “atingi cerca de 22.700 educadores da fé, entre sacerdotes, religiosos e leigos, atendendo cerca de 70 solicitações de assessoria no campo da catequese”.^{79[79]}

Na verdade, neste período ele foi informalmente um terceiro assessor nacional de catequese (além dos dois oficialmente nomeados). Depois disso, foi reconduzido para um segundo período de assessoria junto à CNBB na área da catequese. Trabalha com Therezinha Motta Lima da Cruz do qual permanece neste cargo de 1989 até maio de 1995. Este foi também um período intenso de cursos, encontros, reuniões em todos os níveis.

^{77[77]} Ibidem, 37.

^{78[78]} O título da sua tese é: *A pessoa e a formação do catequista a partir de uma análise histórico-crítica da 1ª Semana Brasileira de Catequese (1986)*. Roma, Universidade Pontifícia Salesiana - Faculdade de Teologia. Especialização em catequese 1996.

^{79[79]} Luiz ALVES DE LIMA, “Uma vida dedicada à catequese”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 38.

O tema da inculturação da catequese e da catequese urbana vai tomando vulto nesta época e Fr. Bernardo através de sua conhecida didática, aprofunda estes temas, não só com a atividade de palestrista e escritor, mas também com a produção de alguns vídeos que conservam visualmente para nós a memória de sua dinâmica presença e entusiasmo.

2.3. 2.3. *O desejo de aperfeiçoar-se nos estudos*^{80[80]}

Fr. Bernardo sentia a necessidade de uma maior aperfeiçoamento no campo catequético, por isso, vários amigos de há muito o vinham aconselhando para que fizesse um ano sabático ou mesmo um período maior de estudos a fim de aprimorar-se do ponto de vista acadêmico. Seus inúmeros escritos nem sempre primavam pela forma que este gênero exige. Quando algum escrito seu chegava às editoras, tinham sempre que ser submetidos a uma séria revisão. Por isso, seria importante para ele um curso acadêmico, por que, seu único curso mais especializado tinha sido em 1966 com o ISPAC de Porto Alegre.

Entre tantas possibilidades, ele escolheu a Universidade Pontifícia Salesiana de Roma. Assim, sua província o liberou em junho de 1995 para fazer o mestrado e doutorado em teologia pastoral catequética. Através do Instituto Teológico Pio XI de São Paulo, afiliado à mesma Universidade Salesiana de Roma, ele conseguiu o bacharelado em Teologia. Com este título aliado ao seu larguíssimo currículo e folha de serviço à Igreja na área da catequese, foi possível reduzir bastante as exigências para o mestrado na Universidade de Roma.

Em um ano fez todas as exigências e escreveu sua tese. Queria obter um rigor mais científico na formulação de seu pensamento e na elaboração de seus escritos. Foi o que conseguiu com a redação dos diversos trabalhos e principalmente com a tese de mestrado.

Já tinha estado na Europa em outras ocasiões, principalmente quando participou em setembro de 1992, como conferencista, do Congresso Internacional de Catequese em Sevilla (Espanha) por ocasião da comemoração do V Centenário da Evangelização da América Latina. Fez um curso de língua inglesa na Irlanda. E durante o ano acadêmico transcorrido a Roma, além de freqüentar a Universidade Salesiana teve oportunidade também de ministrar palestras em outros locais, como a Universidade Urbaniana, discorrendo sempre sobre sua rica experiência na pastoral catequética.

2.4. 2.4. *Ofereceu a vida pela catequese*^{81[81]}

^{80[80]} Ibidem. Veja também: Israel José NERY, “Doze sonhos de Frei Bernardo Cansi”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 79, 39.

^{81[81]} Luiz ALVES DE LIMA, “Uma vida dedicada à catequese”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 39-40.

Durante a redação de sua tese, defendida em 12 de junho de 1996,^{82[82]} manifestou-se a terrível doença que o levaria ao túmulo. Quando começou a encaminhar o doutorado, adoeceu, foi internado e constatada a gravidade da doença, regressou ao Brasil em julho a fim de se tratar. Em Brasília, sede de sua província religiosa e onde residia antes de ir para a Europa, recebeu todos os cuidados e carinho de seus confrades capuchinhos: tudo foi feito para superar a doença. Infelizmente, o câncer já havia tomado todo o aparelho digestivo. Tentou ainda por quase dois meses uma terapia alternativa. Mas este tratamento naturalista não teve sucesso.

Até o último momento ele alimentava esperanças de cura e de retorno ao trabalho pastoral. Quando seus confrades o colocaram diante da gravidade da situação, Frei Bernardo ofereceu a Deus todos seus sofrimentos e a própria vida pela catequese. As inúmeras visitas de amigos e conhecidos foram reduzidas para poupar-lhe o sofrimento: estava extremamente debilitado.

Entretanto, aqueles que durante sua vida foram companheiros nos intensos trabalhos apostólicos, não puderam se ausentar em seus últimos momentos. Assim, D. Vital Wilderink, encarregado nacional da catequese, acompanhado de Ir. Eliza Shafaschek, assessora da mesma dimensão catequética, foi levar-lhe a bênção e as orações que em todo o Brasil se faziam por ele. Nesta ocasião Fr. Bernardo afirmou: “Eu vou continuar ajudando a catequese lá do céu!”. D. Vital pediu-lhe uma mensagem para transmitir a todos os catequistas do Brasil, e ele afirmou: “Amem, amem, amem a Bíblia”.^{83[83]}

Apesar de estar em estado terminal, pediu licença a seu superior para fazer três dias de jejum em preparação para a sua morte.

Veio a falecer às 05:00 hs de 31 de agosto de 1996, último dia do mês dos catequistas e foi sepultado no dia 1º de setembro, primeiro dia do mês da Bíblia, contando 59 anos de vida, 39 de vida religiosa e 30 de sacerdócio.

Pediu que fosse sepultado com o texto da Bíblia Sagrada e do documento *Catequese Renovada* sobre seu peito, pois estes textos eram as suas duas grandes paixões. Quis também que a pobreza e simplicidade franciscanas o acompanhassem na morada final: o hábito franciscano e uma palma, símbolo da vitória, sem nenhuma flor.

^{82[82]} Com a defesa de sua tese Fr. Bernardo recebeu a: “Premiação de Honra ao Mérito: Medalha da Pontifícia Universidade Salesiana, por haver terminado o próprio currículo de estudos no tempo previsto e com a nota máxima *Summa cum laude* (30/30) na Faculdade de Teologia (Catequese)”. Veja: “Memória de Frei Bernardo Cansi”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 78, 78.

^{83[83]} Luiz ALVES DE LIMA, “Uma vida dedicada à catequese”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 39.

E assim foi feito: ele que catequeticamente usava tão bem de tudo para significar as grandes realidades da fé, transformou seu funeral^{84[84]} numa verdadeira celebração catequética. Se seu esquife não tinha nenhuma flor como ele pedira, elas no entanto se multiplicaram nas 15 coroas que amigos, irmãos e várias instituições depositaram em seu féretro, como homenagem carinhosa e cheia de gratidão. O sepultamento foi no Campo da Esperança, em Brasília, com a presença de muitos amigos.

3. 3. O rosto humano e espiritual de Cansi^{85[85]}

Neste momento passaremos a conhecer Fr. Bernardo mais de perto. Quem era e qual era a sua espiritualidade, mas para isso, contamos com a colaboração de Therezinha M. L. da Cruz. A autora descreve a sua experiência de trabalho com Bernardo no Grupo Nacional de Reflexão Catequética desde os anos 80 e nos anos de 1991-1995 quando os dois foram assessores nacionais da dimensão bíblico-catequética (Linha 3 da CNBB). Descreve também a riqueza de sua figura humana e do seu trabalho como catequista. Fazemos este percurso junto com Therezinha:

3.1. 3.1. As surpresas de Fr. Bernardo

O discurso dele era sempre num tom diferente das minhas preocupações habituais. Pensei com meus botões: “Não vai dar certo!”.

Um dia ele me apareceu com uma carta para o arcebispo de Sevilla, escrita nas costas de dois cartões postais da Campanha da Fraternidade, grampeados juntos. Parecia mais um bilhete desses que a gente deixa para o pessoal de casa. Quando eu não quis assinar porque não é assim que se escreve para uma autoridade, ele sacudiu a cabeça sem perder o bom-humor e foi fazer tudo direitinho como mandava o figurino das formalidades, mas ainda tentou me dizer que “somos todos irmãos e não precisa essa cerimônia toda, não!”.^{86[86]} Fiquei imaginando o que ele não seria capaz de fazer quando eu não estivesse olhando.

Para ter uma idéia, ele trocava as datas de encontros, perdia o horário do avião, fazia questão de não perceber que havia estereótipos esperados de comportamento para certas situações. Mas o

^{84[84]} Durante o funeral o seu superior provincial pronunciou uma homilia onde Fr. Bernardo disse um dia em Roma, quando constatou a seriedade da doença: “Eu quero entrar no céu com o diploma na mão!”, se referindo ao doutorado. Ele entrou sim, não com o diploma de doutorado da Universidade Salesiana de Roma que estava buscando, mas com aquele da Universidade da Fé, da mutidão de catequistas espalhados por todo o nosso país. Veja: Moacir CASAGRANDE, “Um doutor formado na Universidade da Fé e do Povo. Homilia pronunciada durante as exéquias de Fr. Bernardo Cansi em 1º de setembro de 1996 pelo seu superior provincial”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 44-46.

^{85[85]} Cf. Therezinha M. L. da CRUZ, “Uma celebração chamada Bernardo”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 47-52.

^{86[86]} *Ibidem*, 48.

susto do começo foi dando lugar a uma grande alegria. As “travessuras” do companheiro de trabalho sinalizavam um tipo especial de ser humano, com uma riqueza que ultrapassava de longe os contratempos que de vez em quando decorriam desse jeito diferente de ser. Duas coisas principalmente possibilitaram a superação do susto: a alegria afetuosa de aceitar com total humildade e despojamento que a gente mexesse em suas propostas.

3.2. 3.2. *Fr. Bernardo não tinha senso de medida*^{87[87]}

Se marcava um encontro de catequistas, sugeria mais bibliografia do que era humanamente possível utilizar. Escrevia sempre a pedido, dentro das necessidades do trabalho ou simplesmente porque tinha acordado com uma boa idéia (um sonho, dizia ele).

Pesquisava muito: na Bíblia, nos documentos da Catequese, na história da Igreja. Valorizava conteúdos sérios, registros históricos. Queria fazer um bom trabalho. Escrevia rapidamente, sem tempo para revisão, premido por uma necessidade de pôr para fora o que borbulhava na cabeça.

Certa vez me entregaram em Fortaleza um livro que ele havia escrito, como fundamentação do que havia discutido no trabalho com os catequistas; não era um volume grande, mas havia sido escrito numa tarde, entre o término do encontro e o embarque para Brasília num vôo noturno.

Ao voltar do Encontro Intereclesial das Comunidades de Base em Santa Maria, veio disposto a defender os direitos das mulheres, dos índios, dos pajés e dos negros, incluindo pais e mães de santo.

Tinha participado de trabalhos em grupo com eles e incluiu todos no grande amor de sua vida, que eram os pequenos, os pobres de todo tipo. E, é claro, não fez nada disso com moderação. Com o correr do tempo, ia ficando mais fácil perceber que o excesso tinha tudo a ver com uma enorme paixão pela defesa da vida, pelo Reino, pela fraternidade que precisava ser vivenciada, etc.

3.3. 3.3. *O menino da roça*

Bernardo lembrava sempre as suas origens, em família rural no Rio Grande do Sul. Contava coisas de sua gente, de seus irmãos, de D. Irene, sua mãe. Gostava quando, em momentos de maior carinho, os colegas voltavam a chamá-lo de “Fermino”, seu nome de Batismo, ou mesmo de “Mino”, o apelido de infância. Falava dos tempos de seminário e se queixava porque lá, em tempos onde ninguém falava em inculturação, o ambiente agredia a sua cultura de menino de roça, que

^{87[87]} Ibidem.

aprendeu a falar com dialeto italiano e agora tinha de saber latim. “Foi um sofrimento!”, ^{88[88]} dizia ele, acentuando a frase com gesto, entonação e expressão fisionômica.

Nunca deixou de ser o Fermino de Nova Prata, mesmo depois de uma vida inteira na cidade grande, Bernardo entendia a alma do homem do campo, rezava com o ritmo e os símbolos da natureza. Mas, como aprendia depressa e tinha um coração grande, nos últimos anos achou espaço em seu carinho catequético para os recursos da cidade e estendeu a poesia de sua expressão aos símbolos do asfalto e da tecnologia. E assim rezávamos juntos, quando viajávamos de Brasília a São Paulo: ele me ensinando a louvar Deus pela plantação e pelo gado e eu partilhando com ele a oração despertada pelas luzes da cidade ao chegarmos.

3.4. 3.4. *Um homem acolhedor*^{89[89]}

Bernardo prestava muita atenção às pessoas. Não recebia um serviço com um simples “obrigado”: puxava conversa com quem o atendia, interessava-se de fato pelo que o outro dizia. E se o outro era pobre, guardava tudo que ouvia com uma espécie de reverência pela sabedoria e pelo sofrimento do povo. A acolhida vinha com direito a risada, abraço e o tratamento de “queridinho/a”, que era como chamava a todos. Por isso, o “queridinho” acabou sendo ele mesmo, em todo lugar: na CNBB, na paróquia, no meio dos catequistas. Ir a algum lugar depois que ele houvesse passado por lá, significava sempre voltar carregada de recados, mensagens e abraços para o queridinho.

3.5. 3.5. *Uma alma pura e alegre*^{90[90]}

Alguns dizem que ele era ingênuo. Carinhosamente, em tom de brincadeira, amigos mais próximos se referiam a ele como um S.P.O. (sem pecado original). De fato, não percebia bem certo tipo de malícia e era pura perda de tempo, por exemplo, contar-lhe alguma piada de duplo sentido.

Suas alegrias eram puras, constantes e espontâneas. Era guloso para os doces e chocolates que quase sempre ganhávamos dos catequistas, mas partilhava tudo. Gostava de fazer pequenas surpresas quando chegava de viagem, arrumando a minha mesa com presentinhos e flores e ficando para espiar a minha reação. Mas o grande encanto era a incontrolável risada, acompanhada dos pulos que dava quando fazia palestras, no ardor da argumentação. Era um amigo muito protetor, sempre querendo assumir em meu lugar as viagens mais sacrificadas, e cuidando para me livrar de

^{88[88]} Ibidem, 49.

^{89[89]} Ibidem. Veja também: Israel José NERY, “Doze sonhos de Frei Bernardo Cansi”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 79, 38.

^{90[90]} Cf. Therezinha M. L. da CRUZ, “Uma celebração chamada Bernardo”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 50.

situações embaraçosas. Ficava muito feliz quando nós conseguíamos realizar direito as tarefas da assessoria e comemorava o dever cumprido com abraço, risada e louvor a Deus.

Um dia me confidenciou que rezava todos os dias para pedir proteção ao anjo da guarda. Fiquei imaginando quanto trabalho teria esse anjo para andar atrás das aventuras e santas imprudências do nosso Bernardo.

3.6. 3.6. *Afinal de contas quem era Fr. Bernardo Cansi?*^{91[91]}

Era uma pessoa rica em humanidade e em experiência de Deus, e tinha o dom da palavra. Possuía uma invejável capacidade de comunicação, principalmente com os mais simples: comunicava-se não só com a palavra, mas também com todo o corpo. Possuía uma gestualidade que ia desde o movimento das mãos; da mímica facial e até dos saltos durante as palestras. Traduzia os textos difíceis e complicados da pastoral catequética, em termos populares, usando comparações, figuras, metáforas compreensíveis a todos.

Qualquer objeto, palavra, conceito ou acontecimento servia para ele na comunicação da fé ou mesmo na formação dos catequistas. No seu entusiasmo e grande vontade de traduzir em linguagem simples os difíceis conceitos da renovação catequética, às vezes exagerava um pouco. Era comum ver o Fr. Bernardo descrever o catequista como uma espécie de super agente de pastoral responsável por tudo o que acontece na comunidade cristã.

Mas estes são aspectos que não diminuem a grandeza de sua comunicação e o dinamismo de sua atividade em benefício da formação dos catequistas. Quem o ouvia ficava entusiasmado pelo ministério catequético e se sentia tocado pelo ardor em proclamar a todos a mensagem evangélica em sua pureza, mas ao mesmo tempo iluminando as duras realidades da vida.

3.7. 3.7. *Homem de uma grande espiritualidade*^{92[92]}

Tinha uma profunda experiência de Deus e amava muito a natureza. Fr. Bernardo lembra que: “A comunicação com a natureza torna-nos mais orantes e contemplativos”.^{93[93]} A natureza e tudo o que nela existe são reflexos do Criador, pois ela é um meio que nos leva à comunicação com o Senhor do Universo.^{94[94]}

^{91[91]} Cf. *Ibidem*, 51. Cf. Luiz ALVES DE LIMA, “Uma vida dedicada à catequese”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 41.

^{92[92]} Cf. Luiz ALVES DE LIMA, “Uma vida dedicada à catequese”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 41.

^{93[93]} Bernardo CANSI, “Comunicação e educação da fé”, in *Grande Sinal* XLIII (1989) 19, 140.

^{94[94]} Cf. *Ibidem*.

A sua maneira de educar para a fé levava a valorizar mais a Palavra viva de Deus, a mensagem vibrante da Sagrada Escritura, a adesão a Jesus Cristo, a vivência, o testemunho, a celebração rica de expressões ligadas com a vida dos catequizandos; mas ao mesmo tempo uma fé libertadora, que dá força na luta pela transformação da realidade social, principalmente em favor dos mais pobres, bem de acordo com as exigências da cultura moderna.

4. 4. A sua produção catequética^{95[95]}

A obra catequética de Fr. Bernardo Cansi talvez possa ser comparada, em intensidade e volume de produção, à do Pe. Álvaro Negromonte nas décadas de 1940 a 1960. Como ele, também o Fr. Bernardo pode ser chamado de apóstolo da catequese, grande divulgador da catequese renovada, um mestre na formação de catequistas, um apaixonado pela Palavra de Deus.

Nestes últimos anos ele empunhou a bandeira da renovação catequética, animando a todos com coragem, com sua fé e acima de tudo com seu conhecido e contagiante entusiasmo.

Não se pode dizer que Frei Bernardo era um intelectual no sentido acadêmico do título de catequeta, pois seus escritos precisam de uma certa formalidade e não primam pelo rigor científico. Não deixou nenhuma nova teoria ou mesmo uma sistematização original do fato catequético e não escreveu uma catequética com um pensamento original.

4.1. 4.1. Escritor fecundo^{96[96]}

Sua fecundidade, porém, não se reduzia à palavra pronunciada e comunicada vivamente. Quase tudo aquilo que falou e comunicou em seus inúmeros cursos e palestras, ficou registrado em seus escritos. Após cada encontro ou assembléia, curso ou palestra, ele escrevia e mandava para as editoras. E logo era traduzido em livro e artigo, pois tudo o que trazia o nome de Bernardo Cansi tinha sucesso editorial. Seus livros vendiam e vendem ainda muito bem, sinal da grande aceitação do público catequético, principalmente por parte dos mais simples.

Ainda está por ser realizado um levantamento completo da obra escrita de Frei Bernardo Cansi. Os arquivos do Instituto Teológico Pio XI de São Paulo e da Universidade Salesiana de Roma possuem relatórios elaborados pelo próprio Frei Bernardo a respeito de suas obras publicadas. Entretanto, precisam de maior exatidão: na maioria faltam o ano de publicação ou número de edições e às vezes faltam também outras referências. E provavelmente é também uma lista incompleta, particularmente com referência aos artigos.

^{95[95]} Cf. Luiz ALVES DE LIMA, “Uma vida dedicada à catequese”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 40.

^{96[96]} *Ibidem*, 42-43.

Conforme esta lista, o Frei Bernardo publicou 52 livros^{97[97]} quase todos pelas Editoras Vozes e Paulinas-Paulus. Os artigos são 44, na sua maioria editados na *Revista de Catequese* (25), mas também em: *Revista Eclesiástica Brasileira* (7), *Convergência* (4), *Medellín* - Colômbia (3), *Família Cristã* (1), *Grande Sinal* (1), *Sedoc* (1), *Actas del Congreso Internacional de Sevilla*^{98[98]} (1), *Teología y Catequesis* - Espanha (1). Há, entretanto, referências de que teria escrito, só na revista *Família Cristã* cerca de nove artigos.

A atividade literária do Fr. Bernardo Cansi foi reconhecida pela Academia de Letras de Brasília (ACLEB) que o elegeu em 30 de agosto de 1991 como titular da cadeira n. 39, cujo patrono é Fr. José de Santa Rita Durão.

Atento à evolução da modernidade e aos problemas das linguagens na comunicação da fé, produziu e protagonizou cinco vídeos, alguns bastante longos, em vista da formação dos catequistas.

4.2. 4.2. Algumas de suas obras

Aqui não colocarei o elenco de todos os seus escritos para evitar uma repetição, tendo em vista que serão todos descritos por ordem cronológica no apêndice. Por isso, enumero somente alguns dos quais julgo importante nos seguintes setores:

4.2.1. 4.2.1. Catequético

^{97[97]} Quanto à exatidão da sua bibliografia não é certa, neste artigo Luiz ALVES DE LIMA, “Uma vida dedicada à cateques” in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 43 - coloca: 52 livros e 44 artigos. Ir. Israel José NERY, “Doze sonhos de Frei Bernardo”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 79, 39 - menciona 70 livros e centenas de artigos. *O comitê Pró-Memorial Frei Bernardo Cansi*, junto à CNBB nos passou uma lista dos seus escritos de 53 livros, em uma outra parte diz que a sua bibliografia constam mais de 60 títulos, entre livros e artigos. Veja: e-mail: mlidia@mre.gov.br

^{98[98]} “Actas del Congreso Internacional de Sevilla. Del V Centenario al III Milenio”. Sevilla, setembro 1992. Centro de Estudios Teológicos San Dámaso - Madrid, in *Teología y Catequesis* 45-48 (1993), 189-205.

1. *Catequese e Educação da Fé*, Ed. Vozes, Petrópolis 1994.

Acreditar, alimentar a fé, vivenciá-la, fá-la frutificar para os outros e celebrá-la com a comunidade é obra de uma vida e garantia de uma vida eterna. Fr. Bernardo compara a fé como uma árvore que para crescer e produzir frutos precisa de cuidados especiais. Sabemos que toda planta tem os fungos e insetos que a destroem e matam, por isso, a necessidade de cura é importante, assim também é a nossa fé. Este livro é rico de perspectivas para os catequistas que ensinam e para aqueles que querem se educar na fé.

2. *Catequistas Populares*, Ed. Vozes, Petrópolis 1991.

Os catequistas populares são milhares e pessoas simples. Forma-se na luta diária, lendo a Bíblia, rezando à Nossa Senhora e aos santos. Participam das comunidades e são sobrecarregados de trabalhos em casa e na Igreja. Não são liberados para a catequese e procuram dedicar o tempo livre que têm, os domingos e os sábados, noites e dias, feriados. São leigos e leigas que desejam crescer na missão catequética. Este livro tem como finalidade promover a formação de catequistas populares no Brasil, pois eles são verdadeiros educadores da fé na sua família e sua comunidade.

4.2.2. 4.2.2. Bíblico

A Bíblia deve iluminar a realidade. É a Palavra de Deus, pois ela é uma força transformadora, seja a nível pessoal, comunitário e social. Como a luz de uma lâmpada serve para iluminar e indicar o caminho, da mesma forma atua a Bíblia na catequese. Ela deve refletir sua luz e fazer ressonar a sua força ao longo da vida, nos fatos, nos acontecimentos e no dia-a-dia da comunidade.^{99[99]}

O quintal catequético, Ed. Vozes, Petrópolis 1995.

Os Evangelhos mostram a progressão da semente: A terra produz o fruto; o fruto é colocado na terra: aparecem as folhas; depois as espigas com grãos; vem a colheita (cf. Mc 4,28-29). Assim acontece com a educação da fé: acolhemos a Palavra desde a infância; depois, com o passar do tempo, começamos a amadurecer na fé, produzindo frutos, especialmente na idade adulta. E acabamos, como sementes maduras, sendo colhidos pelo Ceifador da Igreja.

Assim, este livro nos mostra que a catequese deve ser feita segundo o modelo do terreno, ou seja, o campo catequético.

^{99[99]} Cf. Bernardo CANSI, “A catequese em 1992”, in *REB* 52 (1992), 946.

4.2.3. 4.2.3. Litúrgico

Simbolismos e Técnicas de Encenação para a Catequese, Ed. Vozes, Petrópolis 1989.

O Autor quer dar neste livro algumas sugestões no que se refere a encenações e simbolismo na catequese. Culto sem catequese é frieza, morte, paralização da fé. Catequese sem liturgia é fazer do cristianismo uma abstração, uma idéia desencarnada.

Uma catequese dinâmica deve encaminhar os cristãos a uma celebração mais consciente e participada. A encenação ou dramatização são instrumentos que põem em prática os objetivos de Puebla: comunhão e participação. Tanto a catequese dos símbolos, como as encenações dão valor primordial à espontaneidade, transformando os catequizandos e o povo em sujeitos da ação, da procura de Deus e da fé. São enfocados neste livro alguns símbolos como: a mesa, o corpo, o cálice, o pão, a refeição, o vinho, as pedras, as frutas, as nuvens, o sal, o fogo, a porta, o círio pascal, as velas, etc.

4.2.4. 4.2.4. Metodológico

No que se refere ao método Fr. Bernardo segue o método de Paulo Freire que é a conscientização, essa promove a tomada de consciência da parte de cada indivíduo de existir como ser-em-situação e a responder a sua perseverança de inserção no mundo.^{100[100]}

Cansi diz que: “Um método que nos faz crescer e amadurecer na fé é partir dos pobres, dos seus valores vividos, vida, esperanças, organização, desprendimento, solidariedade, confiança em Deus, capacidade de comunhão, serviço, simplicidade”.^{101[101]}

Aspectos práticos da Catequese Renovada, Ed. Vozes, Petrópolis 1991.

Neste livro o Autor procura apontar alguns meios eficazes, como o princípio da interação, o roteiro de atividades evangélico-transformadores, a caminhada da comunidade, os acontecimentos,

^{100[100]} Cf. Paulo FREIRE, “Il metodo”, in *Enciclopedia Pedagogica*, Mauro LAENG (ed.). Vol. III. Editrice La Scuola, Brescia 1989, 5131.

^{101[101]} Bernardo CANSI, *Aspectos práticos da Catequese Renovada*, 16.

os fatos e sinais dos tempos. O que acontece ao longo da estrada, dos passos e do itinerário feito pela comunidade, são ferramentas aptas para educar a fé da comunidade.

O método ver-julgar-agir-celebrar e avaliar deve ser apontado por todos nós como exemplar, como tipo a ser manuseado no campo da Educação da Fé.

4.2.5. 4.2.5. Catequese Familiar

1. *Catequese Familiar (I). Os sacramentos na vida da família*, Ed. Paulinas, São Paulo 1985.

“Catequese Familiar” foi elaborado com o objetivo de ajudar a família a vivenciar os sacramentos na simplicidade da vida cotidiana. À luz da Palavra de Deus e das propostas de cada sacramento, pais e filhos são convidados a ver juntos a realidade da fé que os envolve, a julgar os acontecimentos do mundo e do seu dia-a-dia, agir, colaborando na mudança do que não está segundo o Evangelho, e, por fim, a celebrar a vida.

Fr. B. Cansi elaborou cada capítulo deste livro partindo de sua vasta experiência como assessor da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) no setor de Catequese. Mas, de modo especial, ele coloca em cada página sua experiência na própria família, que, na verdade, sempre soube dar significado a todo gesto simples e humano vivido num lar. Com isso, o autor conduz pais e filhos, hoje, a fazerem do seu dia-a-dia um sacramento e a descobrirem o “jeito” de viver aqueles valores que dão consistência à família.

2. *Catequese Familiar (II). Os mandamentos na vida da Família*, Ed. Paulinas, São Paulo 1986.

Este segundo livro de Catequese Familiar ajuda a vivenciar a aliança com Deus através da prática dos mandamentos. E surge num momento histórico importante, quando a realidade sócio-econômico-política do País e do mundo exige dos cristãos um discernimento constante, à luz da Palavra de Deus. Os problemas sociais se repetem ao longo da História. E a família precisa estar atenta. Por isso, este livro convida pais e filhos a ver juntos a realidade da fé que os envolve; a julgar os acontecimentos do mundo e do seu dia-a-dia; a agir colaborando na mudança do que não está de acordo com o evangelho de Jesus. Por fim, convida-os a celebrar a vida.

Fr. Bernardo como no volume antecedente, elaborou cada capítulo deste livro partindo de sua vasta experiência. Coloca em cada página a sua experiência na própria família, que sempre soube dar significado a todo gesto simples e humano vivido num contexto de aliança com Deus.

4.2.6. 4.2.6. Espiritual

Quero ser diferente, Ed. Paulinas, São Paulo 1980.

Você quer ser feliz? Todos procuram uma fonte de água diferente. Como existem os caminhos que conduzem às fontes e às cisternas, existem caminhos retos e seguros que nos levam às fontes da felicidade. Se eu puder indicar ao leitor alguns caminhos da felicidade, ficarei muito contente. Creio que a missão dos amigos é mostrar os caminhos da verdadeira e duradoura felicidade. Gostaria que você encontrasse a felicidade que tanto deseja ter em si mesmo. Percorra alguns dos caminhos que estão neste livro. Siga-os. Persiga-os até chegar à Fonte da Água viva e pura.

Conclusão

Concluimos a nossa reflexão sobre Fr. Bernardo dizendo que ele era uma pessoa muito alegre e espontânea, criativo e cheio de entusiasmo. Tinha uma grande capacidade de comunicação e a partir das coisas pequenas lhes dava um significado.

Deu a vida pela catequese e tanto é que foi estudar em Roma para aperfeiçoar-se nos seus estudos. Amava os catequistas e para eles escreveu muitos livros. Podemos dizer que a fonte dos seus escritos foram os próprios catequistas, isto é, ele escrevia a partir da sua experiência feita com eles nos seus encontros.

CAPÍTULO III

A VISÃO DA CATEQUESE SEGUNDO CANSI

No capítulo anterior fizemos um percurso histórico da pessoa de Fr. Bernardo, quem era e como contribuiu no campo catequético do Brasil. Neste momento veremos como Cansi descreve a catequese. Essa é um processo de educação da fé que acompanha a pessoa em todos os momentos da sua vida, é uma educação permanente. A catequese deve estimular o cristão a ter uma consciência crítica favorecendo assim uma maior participação na transformação da Igreja e da sociedade.

O lugar privilegiado da catequese é a família, depois vem os outros lugares e entre esses destaca-se a comunidade eclesial de base do qual é meta, fonte, lugar, condição, etc. E por último diremos quais foram os seus sonhos para a catequese brasileira.

1. 1. A identidade da catequese^{102[102]}

“Hoje, a catequese é definida como processo permanente, progressivo, orgânico da fé, da esperança, da caridade, da vida cristã e quer atingir o adulto que é agente fundamental”.^{103[103]} Ela engloba toda a vida da pessoa e exige de nós muito esforço e dedicação, pois Fr. Bernardo diz:

“Apaixonar-se pela catequese é dedicar-se todos os dias ao seu aprofundamento. À descoberta de sua identidade. Na procura de recursos para que possa aparecer na comunidade”.^{104[104]}

A catequese é destaque na ação da Igreja como prioridade pastoral que tem por finalidade formar pessoas maduras na fé.^{105[105]}

Portanto, a catequese deve despertar a consciência crítica e encorajar o povo a organizar-se como comunidade livre e independente: porque ser cristão é servir os pobres, libertar os fracos, é denunciar o mal, a opressão, as injustiças e a falta de participação do povo na vida política, econômica, cultural e social. Com este estímulo os cristãos serão capazes de colaborar na renovação da Igreja e na transformação da sociedade em sentido evangélico.^{106[106]}

^{102[102]} Neste ponto examinarei quais eram as idéias de Cansi na identidade da catequese partindo dos seus escritos, utilizando também outros escritos dos quais com toda probabilidade ele se inspirou.

^{103[103]} Bernardo CANSI, “Inculturação, endoculturação da Igreja e Catequese”, in *Medellín* 20 (1994) 79, 397.

^{104[104]} ID., “A catequese em 1992”, in *REB* 52 (1992), 944.

^{105[105]} Cf. ID., “A catequese nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1995-1998)”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 23.

^{106[106]} Cf. ID., *Catequese: uma Atividade Popular. Visão panorâmica e definição de Catequese*, Ed. Vozes, Petrópolis 1988, 20. Cf. *Puebla* 982; E. ALBERICH, *Catechesi*, in *Dizionario di Catechetica*, 107.

1.1. 1.1. Um novo conceito de catequese^{107[107]}

A catequese faz parte do mundo íntimo, da liberdade, da conversão, da mudança interior da pessoa. Essa envolve os dois aspectos da pessoa: o lado humano e o lado divino. Fr. Bernardo compara a catequese como uma aliança entre pessoas confiáveis. Promovendo um constante doar-se ao outro. A fé entra em comunicação e comunhão estreitas com alguém e não com uma coisa ou algo material. E como trata-se do mistério da intimidade, do coração das pessoas e de Deus, este processo é interminável.^{108[108]}

E só poderemos definir a catequese à luz da experiência de Deus. Sem experiência de Deus, de vida comunitária, de empenho pela mudança da sociedade, de ser imagem e semelhança de Deus que cria por amor, que nada guarda para si mesmo, que é misericordioso e benevolente, pai e mãe, será penoso e superficial dizer, falar, exprimir e determinar o que seja a Fé, sua educação e amadurecimento.^{109[109]}

1.1.1. 1.1.1. Catequese é educação da fé

A fé é uma comunhão entre pessoas e possui uma dimensão pessoal, comunitária e transformadora. Sempre é a pessoa que deve decidir-se, doar-se e confiar em Cristo. Esta aceitação conduz à vida comunitária. Tornar-se filho pela fé é aceitar os outros como membros da família. E ser povo de Deus é dar testemunho da justiça e dos valores do Reino no mundo. Ser Homem Novo implica criar um Mundo Novo, com fundamentos evangélicos.

Mas a fé deve estar ligada à vida. O Evangelho tem como função iluminar a vida do povo. A educação da fé é uma tarefa não só das crianças, mas particularmente é missão dos Adultos. São os adultos os que mais devem praticar a justiça, a partilha de bens e trabalhar pelas reformas da sociedade, como a Reforma Agrária e Urbana.^{110[110]}

1.1.2. 1.1.2. Catequese é educação da vida^{111[111]}

^{107[107]} Quanto a este novo conceito da catequese, se encontra também em: Bernardo CANSI, *A pessoa e a formação do catequista*, 56.

^{108[108]} Cf. Bernardo CANSI, *Catequese e Educação da Fé*, Ed. Vozes, Petrópolis 1994, 12.

^{109[109]} *Ibidem*, 12-13.

^{110[110]} Cf. Bernardo CANSI, *Catequese e Educação da Fé*, 19-20.

^{111[111]} *Ibidem*, 20-22.

A Palavra de Deus não deve fechar-se em si mesma. Ela existe para a Igreja, para a fé e para a Evangelização. A Bíblia é luz para a vida. O mais importante é a vida da comunidade. A fé deve educar para a vida. Catequese como educação da vida significa mais justiça, mais respeito à pessoa humana, mais partilha, mais vida fraterna, mais saúde, mais cultura. Mais homem e mulher irmãos e irmãs, vivendo a fé no serviço e na paz.

Educação da vida significa mais confrontação da vida da Igreja de hoje com os Evangelhos, com as comunidades cristãs. Mais respeito às culturas dos povos e sua história. Mais fidelidade ao homem concreto, livre e feliz.

Educar a vida, fazê-la desabrochar e amadurecer, tornando-a vida plena, vida defendida, preservada, vida cada vez mais semelhante à de Cristo, é o desejo vivo da catequese.

2. 2. A finalidade, as fontes e as tarefas

A catequese sempre se refere a pessoas e comunidades que estão engajados dentro de uma pastoral; por isso, precisamos ter em mente a sua finalidade, as fontes e as tarefas.

2.1. 2.1. A finalidade da catequese renovada

Recordando o doc. *Catequese Renovada* Fr. Bernardo afirma que é preciso superar a catequese que se orienta simplesmente pelos planos de aula; a prática (a práxis) catequética deve ser modificada. Por isso, temos que destacar mais tempo, mais condições de diálogo, melhores métodos e redescobrir que a finalidade última da catequese é formar cristãos e não somente instruir sobre religião.^{112[112]}

A catequese é a ação eclesial que tem a finalidade de fazer ressoar a Palavra de Deus na comunidade, na história, na sociedade, na cultura moderna. Seu papel primordial é profético-transformador dentro e fora da Igreja.^{113[113]}

O objetivo da catequese deve ser educar na fé e transformar o homem. Por isso, na catequese renovada, as atividades devem ser educativas e transformadoras. É preciso construir uma sociedade diferente. Nova, mais de acordo com a mensagem do Evangelho. As atividades catequéticas visam à educação para um novo modo de agir e viver, em que a reflexão e informação constituem elementos de um todo muito mais amplo. Não estão presas a uma ordem fixa. Não fornecem nem supõem respostas pré-fabricadas. Estimulam a criatividade, a busca comunitária da experiência de Deus e a descoberta e vivência de sua mensagem.^{114[114]}

^{112[112]} Cf. ID., *Aspectos Práticos da Catequese Renovada*, Ed. Vozes, Petrópolis 1991, 58-59.

^{113[113]} Cf. ID., “Inculturação, endoculturação da Igreja e Catequese”, in *Medellín* 20 (1994) 79, 397. cf. CR 31.

^{114[114]} Cf. ID., *Aspectos Práticos da Catequese Renovada*, 59. Cf. CR 157.

2.2. 2.2. *As fontes da catequese*

A preocupação da igreja sempre foi a de ser fiel ao conteúdo da Revelação. Nós não precisamos e não devemos inventar nada. Já existem as fontes da revelação, de onde tiramos a água viva da salvação que devemos repartir com nossos irmãos, sobretudo com os mais pobres.

Essas fontes e conteúdos são: Tradição dos apóstolos; Sagrada Escritura; Liturgia e o Ano Litúrgico; Credo; Pai-Nosso; Ave-Maria; Os Mandamentos; História da Igreja; Magistério da Igreja; Os Sinais dos tempos.^{115[115]}

Tradição dos apóstolos: ela deve ter um lugar de destaque, especialmente o Evangelho. Não se trata só de pegar alguns trechos da Bíblia, mas de pegar o cerne, ajudando as pessoas a procurar diretamente no Livro Sagrado. A Bíblia é como uma luz que deve orientar a nossa vida. Não basta saber o que Deus quer: precisa viver.

Liturgia e o Ano Litúrgico: são as celebrações dos sacramentos e os cultos, as novenas, as ladainhas. As celebrações dos sacramentos, contêm o mistério de Deus e o revelam através dos gestos. A liturgia é fonte inesgotável da catequese, pois nela se encontram a ação santificadora de Deus e a expressão orante da fé da comunidade.

História da Igreja e dos Santos: saber o que se passou na Igreja desde o começo até os nossos dias ajuda a descobrir a presença do Espírito de Jesus que, apesar das falhas, leva os cristãos a construir o Reino de fraternidade e de justiça.

Magistério da Igreja: O Magistério está a serviço da Palavra de Deus.

Sinais dos tempos: são os fatos e os acontecimentos, a nossa realidade. É muito importante prestar atenção a tudo aquilo que acontece ao nosso redor, porque é diante dos acontecimentos que os profetas iam revelando a vontade de Deus, assim como fazia também Jesus.

2.3. 2.3. *As tarefas da catequese*

Mesmo quando Deus se revela através de um profeta, é sempre ao povo que se dirige; e é sempre numa ligação vital com a comunidade que a pessoa é chamada e chega à fé em Deus.^{116[116]}

^{115[115]} ID., *Catequese Renovada. Versão popular, Diocese de São Mateus (ES)*, Ed. Paulinas, São Paulo 1988, 52-54. ID., “A catequese nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil (1995-1998)”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 24. Estas fontes e conteúdos também se encontram nos seguintes doc.: CR 60-62. 84. 86. 89-90. 93, DCG 45.

^{116[116]} CR 38.

Por isso, a tarefa da catequese é confiada, em primeiro lugar, a toda a comunidade eclesial, que com toda a sua vida, contribui para a educação de seus membros na fé.^{117[117]}

A catequese ajuda a desenvolver e aceitar Cristo. Ela, como a mãe, auxilia no crescimento dos filhos. É tarefa da mãe educar a prole, tornando-a responsável, capaz de assumir os compromissos que a vida propõe. Da mesma forma a catequese procura educar o encontro que o homem fez com Cristo, encorajando-o a assumir a cruz, o martírio, o sacrifício de si mesmo pela libertação de seus irmãos. Integra-o mais na comunidade e no compromisso com a justiça.^{118[118]}

3. 3. Os destinatários

A catequese deve acompanhar a vida das pessoas. Ela obedece à capacidade que a pessoa tem de captar a mensagem de Deus. Progride, de acordo com a idade, com o modo de pensar e de agir do catequizando. É como se estivéssimos subindo uma escada. Vamos degrau por degrau, segundo os passos que somos capazes de dar. Os graus são três: criança, jovem e adulto. O destinatário privilegiado é o adulto (é claro que não se despreza os outros), mas como a catequese é adesão a Cristo, à Igreja e é transformação do mundo, a maior responsabilidade é do adulto.^{119[119]}

É sempre Jesus Cristo que comunicamos, mas de um modo diferente, correspondente à faixa etária em que os discípulos se encontraram. Assim, temos mais uma qualidade ou uma propriedade de catequese: é o aspecto gradual ou progressivo.^{120[120]}

“O verdadeiro sujeito responsável pela catequese é toda a comunidade. A comunidade é também o destinatário da catequese, pois a fé exige constante aprofundamento e amadurecimento. É também o objetivo, quer dizer, a catequese constrói comunidades”.^{121[121]}

4. 4. Os lugares da catequese^{122[122]}

^{117[117]} Cf. CR 144; DCG 21. Cf. Luis A. DE LIMA, “Testimonio: La comunidad catequizadora en Brasil”, in *Medellin* 15 (1989) 57, 125-126.

^{118[118]} Bernardo CANSI, *Catequese: Uma atividade popular*, 20.

^{119[119]} Entre estes destinatários Cansi privilegia o adulto e também partilha da mesma linha da CR, veja: Bernardo CANSI, *Catequese e Educação da fé*, 20. CR 130.

^{120[120]} Bernardo CANSI, *Catequese: Uma atividade popular*, 21. Cf. *Puebla* 998.

^{121[121]} ID., *Catequese: Uma atividade popular*, 24.

^{122[122]} Cf. ID., *Catequese Renovada versão popular*, 72-73.

O lugar ou ambiente normal da catequese é a comunidade cristã. A catequese não é tarefa individual, mas realiza-se sempre na comunidade cristã.^{123[123]} Também a família é o lugar por excelência da catequese, especialmente na primeira infância.^{124[124]} Além das comunidades como a família, a paróquia,^{125[125]} comunidade destinada à educação, surgem, muitas outras comunidades, entre as quais as pequenas comunidades eclesiais de base, as associações, os grupos juvenis etc.^{126[126]} Lugar de catequese podem ser também a rádio, o jornal ou a televisão, quando apresentam valores cristãos. De outro lado, a comunidade tem o dever de formar uma consciência crítica diante dos meios de comunicação social.^{127[127]} Destes lugares da catequese destacaremos a comunidade.

4.1. 4.1. A comunidade catequizadora^{128[128]}

As comunidades eclesiais de base, CEBs,^{129[129]} são o tipo de Igreja assumido pela *Catequese Renovada*. Nelas tem a participação e a vida comunitária. Os ministérios crescem e são atribuídos tanto para homens como para mulheres. A oração, a justiça, os direitos humanos, os mutirões, a ajuda mútua, a coerência, a ligação da fé com os problemas, lutas e realidade da comunidade são coisas que acontecem todos os dias.

Damos dez funções à comunidade: ela é meta, fonte, lugar, condição, conteúdo, metodologia, pedagogia, meio pedagógico, sujeito e destinatária da catequese.^{130[130]}

Quatro passos podem ser feitos, de um modo crescente, pela catequese em nível comunitário:^{131[131]}

^{123[123]} CR 118. Cf. *Medellín* 8, 10 b.

^{124[124]} Cf. Bernardo CANSI, *Catequese e Educação da Fé*, 102-108. *Medellín* 8, 10 c. Cf. CR 121-123

^{125[125]} Cf. *Puebla* 644, diz que a paróquia acompanha as pessoas e as famílias na educação e crescimento da sua fé, também é o lugar de encontro e de fraterna comunicação entre as pessoas.

^{126[126]} Cf. CR 118. 126; *Puebla* 983; Nelson Gil TOLENTINO, *A renovação da catequese no Brasil. Instâncias fundamentais do Diretório Catequético Nacional: Catequese Renovada*. Tese de doutorado n° 266. Universidade Pontifícia Salesiana, Roma 1989, p. 248.

^{127[127]} Cf. CR 128.

^{128[128]} Bernardo CANSI, *Vamos conhecer e amar a catequese*, 123-124. Cf. Luiz ALVES DE LIMA, “A comunidade catequizadora no Brasil”, in *Revista de Catequese* 10 (1987) 40, 7-20.

^{129[129]} Cf. *Puebla* 643.

^{130[130]} Cf. Bernardo CANSI, “Inculturação, endoculturação da Igreja e da Catequese”, in *Medellín* 20 (1994) 79, 397. José GEEURICKX, “Formacion de catequistas en la parroquia”, in *Catequesis Latino-Americana*, 4 (1985) 15-16, 598 (este artigo se refere à comunidade como fonte, lugar e meta da catequese).

1. A amizade: é o primeiro passo para formar comunidade de fé. As famílias se reúnem, quer preparando o Natal ou a Páscoa, etc.

2. A solidariedade: o grupo de catequistas ou de famílias solidariza-se com pessoas em extrema necessidade, como doentes, vítimas de enchentes, pestes, secas, migrações.

3. Busca da fonte do mal: a comunidade quer saber o “porque” de tamanha malandragem, problemas sociais, corrupção, mentiras, politicagem, má distribuição da riqueza, falta de reforma urbana e agrária.

4. Engajamento dos leigos: A solução de tudo nasce dos compromissos, das ações evangélico-transformadoras assumidas pela comunidade. A comunidade nesta fase torna-se catequizadora pelo mutirão, pela unidade, pela partilha, pela democracia e serviços existentes entre famílias, adultos, grupos.

As CEBs reúnem pessoas de todas as etapas da vida, desde a infância até a velhice. As pessoas na CEB se conhecem, se amam, têm projetos comuns e procuram, o quanto possível, viver a história da Salvação. “Nela, Cristo é o centro de sua fé, celebrada permanentemente na Eucaristia”.^{132[132]}

5. 5. Os sonhos de Fr. Bernardo para a catequese^{133[133]}

Para desenvolver esta parte contamos com a colaboração de várias pessoas que trabalharam com ele e de modo especial do Ir. Israel Nery, onde os dois trabalharam juntos na CNBB, e da sua experiência feita com Fr. Bernardo do qual nos conta que ele foi:^{134[134]}

- um grande líder na renovação da catequese;
- um grande apóstolo;
- um grande amigo.

Ir. Israel diz: “(...) Estive sempre ligado à caminhada da Renovação da Catequese e, particularmente, ao Frei Bernardo Cansi, que sempre admirava muito e acompanhava. Dele captei alguns sonhos que alimentavam fortemente sua vida e seu zelo apostólico”.^{135[135]} Juntos com o Ir. Israel, vejamos quais foram estes sonhos.

^{131[131]} Estes passos que Cansi menciona, podem ser também confrontados com a CR 288; Luiz ALVES DE LIMA, “Testimonio: La comunidad catequizadora en Brasil”, in *Medellín* 15 (1989) 57, 137.

^{132[132]} Bernardo CANSI, *Catequese e educação da fé*, 109.

^{133[133]} Cf. Israel José NERY, “Doze sonhos de frei Bernardo Cansi”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 79, 31-40.

^{134[134]} *Ibidem*, 31.

^{135[135]} *Ibidem*, 33.

5.1. 5.1. A Bíblia no centro da Igreja^{136[136]}

Um dos seus sonhos era um “sonho bíblico” ou um “sonho de uma Igreja mais bíblica”. Em 1991 com a ocasião do Primeiro Seminário Nacional de Pastoral Bíblica realizado em Belo Horizonte (20-21 de fevereiro de 1992), Fr. Bernardo sentiu em si um forte apelo para provocar, a partir da Dimensão Bíblico-Catequética da CNBB, uma mobilização nacional em torno da centralidade da Palavra de Deus na Igreja.

Apoiado por D. Albano Cavallin a proposta de se começar a mobilização bíblica por um “Ano Bíblico no Brasil” foi apresentada diversas vezes à CNBB. E no Encontro do Serviço de Animação Bíblica (SAB) de 1994, em Belo Horizonte, Fr. Bernardo tratou, com entusiasmo, sobre seu “Sonho Bíblico” com um fato gerador que seria um Ano Bíblico Nacional, com o envolvimento de toda a Igreja.

Habitado a uma linguagem simbólica e parabólica Frei Bernardo dizia: “A Bíblia deve ensopar a Igreja inteira de mentalidade bíblica, como esponja em água”.^{137[137]} Apresentou um Plano Bienal da CNBB 95-96, tendo continuidade ainda em 97-98. Depois de alguns momentos, no mesmo encontro D. Albano, retomando as colocações de Frei Bernardo, completou: “A esponja foi nos colocada como símbolo da Igreja ensopada pela Palavra. Como a esponja ao ser retirada da água goteja água, a Igreja deve estar tão embebida da Bíblia que goteje a Palavra de Deus!”^{138[138]} Imbuído por seu sonho Fr. Bernardo recomendou aos Catequistas do Brasil, pouco antes de falecer: “Amem, amem, amem a Bíblia!”.^{139[139]}

5.2. 5.2. A Catequese de Adultos^{140[140]}

A longa experiência e seu contínuo contato com as bases da catequese mostraram a Fr. Bernardo, que a catequese deve atingir os adultos, pois é nesta prioridade que chegaremos a uma verdadeira renovação da Igreja e assim garante o investimento que é feito na catequese de crianças. Por isso, insistia nestas frases da *Catequese Renovada*:

^{136[136]} Ibidem. Cf. CANSI, *A pessoa e a formação do catequista*, 170.

^{137[137]} Ibidem, 34.

^{138[138]} Ibidem.

^{139[139]} Veja: Luis ALVES DE LIMA, “Uma vida dedicada à catequese”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 39. Therezinha MOTTA LIMA DA CRUZ, “Uma celebração chamada Bernardo”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 52.

^{140[140]} Cf. Israel José NERY, “Doze sonhos de frei Bernardo Cansi”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 79, 35. Veja também: Fermino José CANSI, *A pessoa e a formação do catequista*, 190. ID., *Catequese comunitária*, 81.

“É na direção dos adultos que a Evangelização e a Catequese devem orientar seus melhores agentes. São os adultos os que assumem mais diretamente, na sociedade e na Igreja, as instâncias decisórias e mais favorecem ou dificultam a vida comunitária, a justiça e a fraternidade. Urge que os adultos façam uma opção mais decisiva e coerente pelo Senhor e sua causa, ultrapassando a fé individualista, intimista e desencarnada. Os adultos, num processo de aprofundamento e vivência da fé em comunidade, criarão, sem dúvida, fundamentais condições para a educação da fé das crianças e dos jovens, na família, na escola, nos Meios de Comunicação Social e na própria comunidade eclesial” (CR 130).

Desejava que a catequese com as crianças fosse ao mesmo tempo catequese para os pais, num processo participativo, tendo os catequistas apenas como mediadores da interação catequética pais e crianças. Era importante para ele que se chegasse à Catequese Familiar, pois a família, dizia ele, como igreja doméstica é o lugar por excelência da catequese.^{141[141]}

5.3. 5.3. *Catequese como verdadeira celebração e festa*^{142[142]}

Fr. Bernardo queria quebrar a rigidez da catequese paroquial, viciada no estilo catecismo de conteúdos doutrinários e no jeito escolar de ensinar, com catequista professores e catequizandos como alunos na catequese. Para ele a catequese devia ser muito criativa, como tarefa de todos, uma construção em comunidade. Em seus cursos, palestras e escritos Frei Bernardo insistia constantemente no método participativo, com técnicas de dinâmica de comunicação e de grupos, dramatizações e encenações, jograis e símbolos.^{143[143]}

Atento, anotava o que via e aprendia do povo simples e sofria muito quando os catequistas e agentes de pastoral denunciavam um crescente abismo entre boa parte do clero que não se renovava. Queria ajudar o clero^{144[144]} a ser mais fraterno, comunicativo, criativo; assim poderiam investir mais na formação dos leigos e terem neles mais confiança.

5.4. 5.4. *Formação de Catequistas*^{145[145]}

^{141[141]} Cf. Bernardo CANSI, *Catequese e educação da fé*, 102-108.

^{142[142]} Cf. Israel José NERY, “Doze sonhos de frei Bernardo Cansi”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 79, 34.36.

^{143[143]} Sobre isso escreveu: Bernardo CANSI, *Simbolismos e técnicas de encenação para a catequese*, Ed. Vozes, Petrópolis 1989. ID., *Aspectos práticos da Catequese Renovada*, Ed. Vozes, Petrópolis 1991. ID., *Jograis e celebrações. Datas cívicas e comemorativas*, Ed. Paulinas, São Paulo 1978.

^{144[144]} Cansi no seu livro: *Conquistas e desafios da Catequese Renovada*, Ed. Vozes, Petrópolis 1993, no capítulo 7 trata deste tema.

^{145[145]} Cf. Israel José NERY, “Doze sonhos de frei Bernardo Cansi”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 79, 36. Veja também: CANSI, *A pessoa e a formação do catequista*, 148-150. ID., “Formação de catequista”, in *REB* 52 (1992) 205, 144-145.

Frei Bernardo queria ver a Igreja investir na formação dos catequistas. Ele, coerentemente, a isso deu prioridade em seu ministério e sobre o tema escreveu muito.^{146[146]} Ficava encantado com a boa vontade e a dedicação desta imensa parcela de fiéis, sobretudo mulheres, engajada na catequese.^{147[147]} Sabia da fragilidade da formação dos catequistas em conteúdos bíblicos e teológicos, em Igreja e sacramentos, em conhecimentos de psicologia e pedagogia, etc. Admirava-se, com alegria, da capacidade criativa dos catequistas e da força do Espírito Santo, atuando através deles.

Também preocupava-se com a espiritualidade do catequista. Ser catequista, dizia ele, é um ministério, pois é colocar-se à disposição do Espírito Santo para ser dele instrumento no processo da educação da fé, da esperança e da caridade, em cada catequizando, encaminhando-o para a maturidade cristã, na relação com Deus, com os outros, consigo, com a natureza, em sua participação na comunidade eclesial e na transformação evangélica da sociedade.^{148[148]}

5.5. 5.5. A opção preferencial pelos pobres^{149[149]}

Frade franciscano capuchinho, humilde, pobre, itinerante, apaixonado pela Palavra de Deus, Frei Bernardo, a exemplo de São Francisco, era muito sensível à situação dos empobrecidos. Procurava dar atendimento prioritário aos catequistas de lugares pobres, longínquos. De saúde muitas vezes fragilizada, enfrentava horas e horas de ônibus, se consumia em palestras, celebrações sempre vibrantes e por isso mesmo esgotantes. Nem sempre tinha condições de entregar para o caixa da fraternidade onde morava, algum óbulo destes encontros, pois simplesmente nada recebia.

Frei Bernardo sonhava com nossa Igreja bem mais profética, engajada, corajosa e martirialmente, com a libertação social e econômica dos pobres. Sobre isso falava muitas vezes e também escrevia.^{150[150]}

5.6. 5.6. Amor pelos pequeninos^{151[151]}

A pureza e simplicidade de Fr. Bernardo o projetavam espontaneamente em direção às crianças, apesar de seu porte agigantado, que o colocaria naturalmente distante dos pequenos.

^{146[146]} Um dos seus escritos sobre a formação do catequista é: Bernardo CANSI, *Catequistas Populares*, Ed. Vozes, Petrópolis 1990.

^{147[147]} Sobre o tema da mulher como catequista Cansi menciona no seu livro: *Catequese e Educação da fé*, 111. E também na sua tese: *A pessoa e a formação do catequista*, 97.

^{148[148]} Cf. Bernardo CANSI, *A pessoa e a formação do catequista*, 152-154.

^{149[149]} Cf. Israel José NERY, “Doze sonhos de frei Bernardo Cansi”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 79, 37.

^{150[150]} Veja: Bernardo CANSI, “Os pobres, o melhor critério catequético”, in *Convergência* 273 (1994), 307-317. ID., “Evangelizar no meio pobre e com meios pobres”, in *REB* 44 (1984), 373-380. ID., *Catequese comunitária*, 60.

^{151[151]} Cf. Israel José NERY, “Doze sonhos de frei Bernardo Cansi”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 79, 38.

Ficaram famosas as missas nas quais ele, como presidente da celebração, entrava cercado de crianças e carregando algumas delas nos braços. E ficaram ainda mais famosos seus “cultos para e com as crianças” e seus livros específicos nos quais se desmanchava de amor aos pequeninos.^{152[152]} Tinha um forte desejo de ver as nossas Igrejas cheias de crianças vindas com os pais, aprendendo deles e da comunidade e comunicar-se fraternalmente com o Senhor na Palavra, no amor, no canto, nos gestos, nas orações e, especialmente, na Eucaristia.^{153[153]}

5.7. 5.7. A interação fé-vida^{154[154]}

Fr. Bernardo trabalhou muito o Princípio metodológico da interação fé e vida, a partir do Documento *Catequese Renovada* números 110-117. Ele via neste princípio a chave não somente da renovação da catequese mas de todo o processo evangelizador, pastoral e celebrativo de nossa Igreja. Ele conectava este princípio com o método Ver, Julgar, Agir utilizado pela Ação Católica e depois assumido por muitas instâncias de nossa Igreja, sobretudo no Brasil. Seu sonho era ver solucionado o abismo crescente da separação fé e vida dos fiéis, ruptura esta, aliás, considerada pelo Papa Paulo VI, em *Evangelii Nuntiandi* 28, como um dos principais pecados do mundo moderno.

Conclusão

Estes e outros sonhos de Fr. Bernardo Cansi sobre a renovação da Catequese e a renovação da Igreja, ficam como um testamento dele para todos nós que recebemos a vocação e missão de educadores da fé em nossa Igreja. O líder carismático, que marcou profundamente os rumos da catequese no Brasil, a própria história da catequese em nosso País, já não está mais fisicamente entre nós, mas sua bandeira, seus sonhos, sua mística permanecem vivos, nos desafiando continuamente.^{155[155]}

Segundo Cansi para descobrir a identidade da catequese é importante apaixonar-se por ela e dedicar-se sempre no seu aprofundamento. Essa faz parte do mundo íntimo da pessoa, da sua experiência de Deus, da vida comunitária, etc. A fé deve estar ligada à vida. Os destinatários da catequese são de todas as idades, mas de modo especial o adulto. A catequese é transformadora, é justiça social, é partilha, é amor ao próximo, é a fé que deve ter a interação com a vida.

^{152[152]} Veja: Bernardo CANSI, *Catequese para os pequenos*, Ed. La Salle, Canoas (RS) 1983.

^{153[153]} Sobre isso escreveu: ID., *Pais e filhos vivendo a missa*, Ed. Paulinas, São Paulo 1978. Neste livro contém a explicação da missa parte por parte com mensagens para os pais, catequese e atividades para as crianças.

^{154[154]} Cf. Israel José NERY, “Doze sonhos de frei Bernardo Cansi”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 79, 39. Veja também: CANSI, *A pessoa e a formação do Catequista*, 92-96. ID., *Aspectos práticos da Catequese Renovada*, 31-39.

^{155[155]} Cf. Israel José NERY, “Doze sonhos de frei Bernardo Cansi”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 79, 40.

CAPÍTULO IV

O CATEQUISTA

Neste capítulo examinaremos muitos escritos de Fr. Bernardo Cansi que dedicou a sua vida ao estudo amoroso dos catequistas e da catequese, e de algumas pessoas do qual trabalharam com ele.

Em vista disso, veremos quem é o catequista e qual é a sua missão na comunidade. Quais são os elementos necessários para ser um bom catequista, isto é, as suas qualidades. Ele é também uma pessoa integrada na comunidade e a sua tarefa é de ajudá-la a desenvolver uma consciência crítica diante dos acontecimentos.

A vida de oração é muito importante para o catequista, pois essa, o ajudará a ser fiel à Palavra de Deus e ao homem. Durante o seu caminho de formação espiritual é importante também a formação metodológica.

1. 1. A identidade do catequista

Ser catequista é viver uma vocação característica dentro da Igreja. Ela é uma realização da vocação batismal. Pelo batismo, todo cristão é mergulhado em Jesus Cristo, participante de sua missão profética: proclamar o Reino de Deus. Pela crisma, o catequista é enviado para assumir sua missão de dar testemunho da Palavra com força e coragem.^{156[156]}

“No Batismo o catequista nasce para uma vida nova; na crisma torna-se anunciador da vida pascal, adulta. Pela crisma assume para sempre sua tarefa de ser presença, testemunha de Deus na comunidade. Pelo Batismo entrou na comunidade; pela Crisma torna-se formador de comunidade. Pelo Batismo recebe a luz de Deus; pela Crisma transforma-se em anunciador da verdadeira luz. É o missionário de Cristo ressuscitado”.^{157[157]}

O catequista é enviado por Deus, constituído ministro da Palavra pelo poder do Espírito Santo, e é enviado pela comunidade, pois é em seu nome que ele fala.^{158[158]}

2. 2. As qualidades de um catequista segundo Cansi^{159[159]}

^{156[156]} CNBB, *Formação dos Catequistas doc. 50*, Ed. Paulinas, São Paulo 1990, n. 44.

^{157[157]} Bernardo CANSI, *Catequistas Populares*, 49.

^{158[158]} CNBB, *Formação dos Catequistas doc. 50*, n. 46. Cf. Luiz ALVES DE LIMA, “Formação de Catequistas”, in *Revista de Catequese* 6 (1983) 21, 35.

2.1. 2.1. *Diálogo e solidariedade*

O catequista é alguém que tem a capacidade de dialogar com as pessoas e ser solidário com os mais pobres. É capaz de partilhar da dor e penúria, fome e desamparo, doença e luto, pois essa é uma qualidade que deve revestir o comportamento do educador da fé. Ele é um aliado dos que choram e padecem. Reconfortar os pobres, sustentando-os nas provações e privações, faz parte da qualidade humana do catequista de base.

O catequista deve ser um abrigo, um repouso, um consolador de aflitos. É um encorajador dos que estão abatidos. Um aliviador da carga injusta e pesada que está sobre os ombros dos pobres.
160[160]

2.2. 2.2. *Qualidades intelectuais*

O catequista deve ter um conhecimento amplo e atualizado da Bíblia; reconhecimento e experiência do trabalho em grupos; capacidade de troca de experiências; conhecimento da doutrina católica e das principais verdades sobre Cristo, a Igreja e o homem.

2.3. 2.3. *Qualidades espirituais*

O catequista seja dedicado ao diálogo íntimo com Deus na vida de oração e na contemplação. Seja uma pessoa eucarística e ligada à religiosidade do povo; respeitosa para com os símbolos e expressões religiosas dos simples e pobres. Pessoa alegre, satisfeita; prudente e audaz; com senso profético e otimista.

2.4. 2.4. *Qualidades eclesiais*

O catequista é uma pessoa que acompanha a diocese e a pastoral paroquial. Cheia de fé, esperança e caridade libertadora. Engajada na comunidade. Formadora de agentes da comunidade.

¹⁵⁹[159] Cf. Bernardo CANSI, *Catequistas Populares*, 64-66. ID., *Catequese comunitária*, 22. ID., *A pessoa e a formação do catequista*, 58. ID., *O novo tipo de catequista*, Ed. Paulinas, São Paulo 1987, no capítulo 10 cita estas qualidades. CNBB, *Formação dos Catequistas doc. 50*, também menciona as qualidades do catequista (49): o catequista perfeito não existe. No processo de formação, no engajamento na comunidade, na prática do dia-a-dia, o catequista vai adquirindo aptidões, qualidades humanas, práticas metodológicas e pedagógicas. Os aspectos dessa formação são: 1. A dimensão pessoal (50); 2. A dimensão comunitária e eclesial (51); 3. A dimensão sociopolítico-cultural (52); 4. A dimensão pastoral (53).

¹⁶⁰[160] Cf. Bernardo CANSI, *Catequistas Populares*, 64.

Inculturada em seu povo. Com opção evangélica e preferencial pelos empobrecidos. Conhecedora, o quanto possível, do pensamento teológico e das diretrizes gerais da pastoral no Brasil.

2.5. 2.5. *Qualidades pedagógicas*

O catequista é alguém que é capaz de caminhar com os problemas, esperanças e lutas do povo. Que saiba aplicar métodos participativos, ativos e grupais. É um conhecedor do método: ver-julgar-agir-celebrar e do princípio da interação vida e fé. É sensível aos sinais, expressões não-verbais e símbolos entre os empobrecidos. Sabe utilizar-se dos meios pobres e da vida: fatos, situações vividas pelos simples, etc.

Como sabemos não existe um catequista perfeito, por isso, Cansi observa que estas qualidades são de um catequista idealizado pela comunidade.^{161[161]}

3. 3. O papel do catequista^{162[162]}

Elencamos algumas funções do catequista na comunidade eclesial:

3.1. 3.1. *O catequista é alguém que caminha com o seu povo*^{163[163]}

Ele é integrado na comunidade, conhece a sua história e suas aspirações e sabe animar e coordenar a participação de todos.^{164[164]} O catequista não fala a nome próprio, mas em nome da comunidade de fé: a Igreja. Vivendo no meio do seu povo ele participa das suas alegrias e angústias, das suas lutas, derrotas e vitórias e também pode traduzir a mensagem em linguagem simples e popular, de modo que seja acessível a todos.^{165[165]}

3.2. 3.2. *O catequista é um profeta*

^{161[161]} Cf. *Ibidem*, 66.

^{162[162]} Cf., Luiz ALVES DE LIMA, “Testimonio: La comunidad catequizadora en Brasil”, in *Medellín* 15 (1989) 57, 133-134. Cf. Bernardo CANSI, *Aspectos práticos da Catequese Renovada*, 49-51; Alberto ANTONIAZZI, “Renovação da Igreja e Ministério do Catequista”, in *Revista de Catequese* 8 (1985) 29, 15-17. ID., (traduzido em espanhol), “Renovación de la Iglesia y Ministerio del Catequista”, in *Catequesis Latino-Americana*, 4 (1985) 15-16, 590-592.

^{163[163]} Cf. Bernardo CANSI, *Catequese comunitária*, 19.

^{164[164]} Cf. CNBB, *Formação dos Catequistas doc. 50*, n. 46; CR 144.

^{165[165]} Cf. Luiz ALVES DE LIMA, “Testimonio: La comunidad catequizadora en Brasil”, in *Medellín* 15 (1989) 57, 133.

Na Bíblia, os profetas eram pessoas que viviam no meio do seu povo, tinham uma experiência de Deus profunda, percebiam os seus caminhos e ações, e iluminados pelo Espírito Santo, procuravam guiar o povo para onde Deus queria através de exortações, instruções, denúncias de erros e pecados, críticas de abusos e, sobretudo, através do anúncio da salvação da parte de Deus.

O profeta é como o embaixador de Deus. Não inventa palavras, diz o que Deus quer. Assim é o catequista dentro da comunidade. Ajuda os catequizandos a: 1. fazer uma experiência de Deus que se revelou e que continua se revelando hoje; 2. entender os sinais de Deus na história e a discernir a sua vontade.^{166[166]}

3.3. 3.3. O catequista é um comunicador

Como comunicador, o catequista não fala sozinho. “Sua vocação vai amadurecendo também na comunicação. Pois comunicar é abrir-se aos outros, aos pequeninos e adultos”.^{167[167]} Ele desperta e provoca a palavra dos membros da comunidade. Ele questiona, leva o grupo a encontrar as soluções e os caminhos, pistas e saídas para os seus próprios problemas. Ajuda o povo a caminhar com suas forças. Faz nascer a coragem, a confiança na comunidade. Torna-se o porta-voz da Igreja. Catequiza em nome de Deus e da comunidade. É tarefa do catequista apresentar os meios para ser cristão e mostrar a alegria de viver o Evangelho, pois catequizar é comunicar.^{168[168]}

4. 4. A espiritualidade do catequista^{169[169]}

Antes de tudo para ver o que é espiritualidade vejamos primeiro o que é espírito. Espírito é a força que nos convida a viver, de corpo e alma. O espírito é o que há de mais profundo em nós.

Espiritualidade vem de *Espiritus*, mas também de *Spirare*, isto é, soprar. É o que acontece na nossa vida: um sopro, um ardor, uma unidade. A espiritualidade é o conjunto das inspirações e das convicções que animam interiormente os cristãos em sua relação com Deus, assim como o conjunto das reações e das expressões pessoais e coletivas e das formas exteriores visíveis que concretizam tal relação.

^{166[166]} Cf. Ibidem. Cf. Bernardo CANSI, *Catequese comunitária*, 20.

^{167[167]} Bernardo CANSI, “Comunicação e educação da fé”, in *Grande Sinal XLIII* (1989) 19, 135.

^{168[168]} Cf. Bernardo CANSI, *Catequese comunitária*, 20; O doc. *Catequese Renovada* nos nn. 145-147, também cita este tema.

^{169[169]} Cf. CNBB, *A espiritualidade do catequista*, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 79, 41-42. E sobre este assunto se pode encontrar também em: Juventino KESTERING, “Mística e espiritualidade da catequese e do catequista”, in *Revista de Catequese* 17 (1994) 66, 5-12. CNBB, “Formação da espiritualidade”, in *Formação dos Catequistas doc.* 50, nn. 153-158.

Se o espírito é a força de vida que em nós habita, por espiritualidade se entende o cultivo, o fortalecimento da força espiritual, ou seja, da própria vida. Então podemos nos perguntar para que a espiritualidade? A espiritualidade é a força para nos manter fiéis ao compromisso pessoal e comunitário, com o bem, com a transformação da sociedade a partir do ser humano, da vida concreta.

4.1. 4.1. A missão do catequista^{170[170]}

A missão que o catequista é chamado a desenvolver requer dele uma intensa vida sacramental e espiritual, o hábito da oração, o sentido profundo da excelência da mensagem cristã, atitude de caridade, humildade e prudência.

O catequista é uma pessoa de profunda espiritualidade e que leva uma vida de oração. A oração é comunhão e intimidade profunda com Deus. Diálogo que liberta e fortalece para o serviço pastoral e a militância pelas causas do Reino. Por isso, a formação deve ter o cuidado de desenvolver (...) principalmente sua vivência pessoal e comunitária da fé e seu compromisso com a transformação do mundo, a fim que a atuação do catequista nunca esteja separada do seu testemunho de vida.

4.2. 4.2. O catequista é um contemplativo^{171[171]}

Como vimos o catequista é alguém que é integrado na comunidade e conhece a sua história, e por isso, deve ser um contemplativo de Deus e da realidade tendo como modelo Jesus Cristo.

4.2.1. 4.2.1. O catequista é um contemplativo de Deus

^{170[170]} Cf. Bernardo CANSI, *Aspectos práticos da Catequese Renovada*, 45. Cf. CNBB, *Formação dos Catequistas doc.* 50, nn. 153. 155. DCG 114. CR 146. 148. 150-151. DIOCESE DE DUQUE DE CAXIAS, “Catequese: Educação na fé em comunidade para a cidadania”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 75, 37.

^{171[171]} Cf. Bernardo CANSI, “O novo tipo de catequista”, in *Revista de Catequese* 8 (1985) 29, 32-40. Cf. ID., (tradução em espanhol), “Catequistas como Cristo: Contemplativos de Dios y de la realidad”, in *Catequesis Latino-Americana* 4 (1985) 15-16, 534-542.

A verdadeira qualificação do catequista não depende somente da técnica, mas nasce também da contemplação. O contato pessoal e comunitário com Deus é fonte de educação permanente da fé do catequista.

Para ser um contemplativo, o catequista deve manter a união com Deus da mente e do coração. A sabedoria divina consegue-se pela oração. O verdadeiro conhecimento de Deus é fruto de atividade contemplativa e deve conduzir à caridade.

A oração contemplativa procura uma comunhão cada vez maior com Deus, em Cristo. Afirmamos que os momentos em que o catequista se encontra com Deus são os mais importantes para a própria missão de educador da fé. Portanto, a contemplação é um encontro de conversão. É deixar-se mudar por Deus. É entrar no desígnio de Deus. É deixar-se envolver pela total amizade do Senhor.

4.2.2. O catequista é uma pessoa no mundo

O catequista é alguém que mostra ao povo a presença e a vontade de Deus. Ele transforma-se num interlocutor de Deus, no homem exercitado no diálogo, na comunhão e participação. Torna-se o comunicador de Deus e dos homens. Como fez Cristo, o catequista leva ao Senhor a situação existencial, a fome, sede, perseguições e dificuldades do seu povo.

Quando reza, não o faz sozinho, faz-se porta-voz de todo o seu povo, da Igreja toda, especialmente dos mais pobres e oprimidos. Como Cristo, o catequista procura ser pastor e redentor de sua comunidade. O catequista é o homem dos sinais, das pegadas de Deus. Faz-se luz aos que estão tristes e desanimados. Sua maior tarefa é a vida da comunidade. Tem consciência e se empenha em fazer com que todos se co-responsabilizem por seus irmãos. Sua inserção na caminhada da comunidade eclesial é a carteira de identidade ou o sinal característico de sua verdadeira qualificação e de sua compreensão renovada da catequese.

4.2.3. 4.2.3. A espiritualidade contemplativa do catequista segundo o modelo de Jesus Cristo

Jesus é o catequista-modelo, o contemplativo do Pai, o libertador do povo; o catequista da oração, do diálogo filial com Deus e o questionador, o pregador da igualdade, o libertador dos oprimidos pela dor, pela opressão e pela pobreza e miséria, fome e doenças, pecado e lei. Através dele é que compreendemos a dimensão contemplativa da ação catequética e do catequista renovador. Ele era o homem-Deus da oração.

O fundamento da oração dele é a expressão: Abbá - Pai, que mostra uma intensíssima comunicação de amor. Jesus é o modelo da oração perfeita (cf. Lc 3,21; 5,16; 6,12). É o homem da

solidão (cf. Mc 1,21-34), mas que o leva à comunhão com o povo. Existe uma interação entre oração e missão em Jesus. Interação entre o diálogo com o Pai e a libertação do povo.

5. 5. A formação do catequista^{172[172]}

Os elementos dessa formação são: inserção na caminhada da comunidade eclesial; consciência crítica da realidade sócio-econômico-política, cultural e ideológica, para aprender a ler nela os sinais de Deus; conhecimento atualizado e experiencial da Bíblia; fidelidade à Tradição e ao Magistério; visão da história da Igreja; vida de oração; ciências humanas que favoreçam de perto a sua missão (psicologia, pedagogia, didática, comunicação etc.).^{173[173]}

O lugar privilegiado da formação é o grupo de catequistas.^{174[174]} O catequista deve viver sua experiência cristã e sua missão dentro de um grupo de catequistas, que dará continuidade à formação e oferecerá oportunidades para a oração em comum, a reflexão, a avaliação das tarefas realizadas, o planejamento e a preparação dos trabalhos futuros. Assim, o grupo de catequistas expressa mais visivelmente o caráter comunitário da tarefa catequética.^{175[175]}

5.1. 5.1. A formação através da experiência catequética direta

Além dos momentos específicos de estudo e reflexão a formação ordinária e fundamental do catequista para Cansi, acontece no âmbito de sua ação. “O método é o caminho que os catequistas percorrem para educar o povo na fé e na vida”.^{176[176]} E o método *ver-julgar-agir-celebrar*, é o meio usado para desenvolver as etapas do amadurecimento da vocação do catequista durante a sua formação.

5.1.1. 5.1.1. Ver^{177[177]}

Trata-se de estudar a realidade com olhos abertos, com mente e consciência críticas, a situação real em que o povo se encontra. Também o catequista deve encontrar as raízes do mal, das

^{172[172]} Cf. Bernardo CANSI, *Catequistas Populares*, 53-63. Este tema também se encontra em: ID., *Um desafio para o catequista. Transformar a realidade*, Ed. Paulinas, São Paulo 1991. Mary DONZELLINI, “Metodología Catequética”, in *Teologia y Catequesis* (1993) 45-48, 469-484.

^{173[173]} Cf. Luiz ALVES DE LIMA, “Testimonio: La comunidad catequizadora en Brasil”, in *Medellín* 15 (1989) 57, 134. Cf., CR 148.

^{174[174]} Cf. Bernardo CANSI, *Catequese comunitária*, 23.

^{175[175]} CR 151.

^{176[176]} Bernardo CANSI, *Um desafio para o catequista*, 6.

^{177[177]} Cf. Ibidem, 18. ID., *Catequistas Populares*, 53-56. Cf. Mary DONZELLINI, “Metodología Catequética”, in *Teologia y Catequesis* (1993) 45-48, 473.

injustiças e das explorações existentes. Os passos da pedagogia de Cristo foram: ver, viver, sentir e entender a realidade durante 30 anos. Ele constatou, e mergulhou em profundidade, a vida dos pobres e a exploração como carpinteiro. Sua consciência e reflexão foram crescendo a partir da realidade.

Assim, os catequistas devem ser capazes de ler, com olhos proféticos e sinceros, a realidade do povo. O ver é o primeiro livro formador dos catequistas.

Podemos desenvolver o ver em cinco partes: social, cultural, religioso, econômico e político.

a) a) A realidade social

O catequista percebe que a situação social do povo é precária, deplorável e desumana. É só observar a realidade dos favelados, dos camponeses, dos negros, dos índios, dos desempregados, dos drogados, dos alcoólatras, dos velhos e das crianças.

O catequista é ciente de que no campo social, hoje, estão os clamores mais fortes de Deus, exigindo reformas imediatas na política e na economia.^{178[178]} Como educador da fé, o catequista deve ajudar o povo a organizar-se, defendendo seus direitos e pondo em prática o bem comum, a justiça e o amor evangélico e preferencial pelos empobrecidos.

b) b) A realidade cultural

A cultura é a marca de cada povo.^{179[179]} sua história, terra, literatura, língua, arte, tradições, usos e costumes. Cada povo tem sua maneira de se comunicar e tem seus valores e contravalores. A maneira de sentir, pensar, viver e agir são características de cada povo. Não existe uma cultura só. São muitas as línguas, as filosofias, as teologias, os costumes, os pensares e o modo de viver. A todas o catequista deve respeitar procurando corrigir apenas o que é contra a verdade, a justiça ou à visão bíblica da pessoa humana.

c) c) A realidade religiosa

^{178[178]} Cf. *Medellín* 7,13.

^{179[179]} Cf. *Puebla* 386-393.

O catequista esteja atento aos valores manifestados e vividos pela religião do povo. Neles pode encontrar riquezas evangélicas em abundância.^{180[180]}

Nas aspirações religiosas importantes do povo o catequista deve descobrir: a sede de Deus e a vitalidade religiosa; o crescimento da consciência comunitária da fé, que leva ao compromisso social e político; a alegria de festejar, celebrar e compartilhar; o desejo de compreender mais a Palavra de Deus na comunidade; os diversos serviços e ministérios surgidos na comunidade eclesial; a sede de construir uma sociedade de justiça e igualdade com um espírito profético. O catequista deve olhar a realidade de uma maneira profunda, ver as situações, as pessoas, as estruturas, organizações, etc.^{181[181]}

d) d) A realidade econômica

Esta realidade, confrontada com os profetas, Jesus Cristo e as comunidades primitivas, é escandalosa e fere o coração de Deus e a medula de seu plano de direito e justiça. É uma situação cuja raiz e fundamento são a injustiça, a iniquidade, o pecado.

A economia deve estar a serviço de todos, especialmente dos mais fracos e empobrecidos. A finalidade fundamental da produção não é o mero aumento dos produtos, nem o lucro ou a dominação do homem, mas o serviço do homem completo, atendendo as exigências de sua vida intelectual, moral, espiritual e religiosa. Portanto, o catequista deve conhecer os projetos do sistema capitalista no campo da economia.

e) e) A realidade política

O catequista deve unir cada vez mais fé e política. Todo ato de fé deve transformar a realidade. Fé com obras. Sem mudanças na política, na economia e na vida do povo, a fé é morta. Deve saber como agem os responsáveis pela administração dos bens do povo.

A catequese deve despertar consciências politizadas. Um fé que separa religião da vida, e vice-versa, perde sua missão. “A política é dever de todos na Igreja” (CR 266-270), entendida como promoção e empenho pelo bem comum.

^{180[180]} Cf. *Puebla* 444-469.

^{181[181]} Cf. Mary DONZELLINI, “Metodología Catequética”, in *Teología y Catequesis* (1993) 45-48, 473-474.

5.1.2. 5.1.2. Julgar^{182[182]}

Julgar é revisar o acontecimento: o que é verdadeiro? o que está errado? julgar é comparar a nossa realidade, que precisa ser transformada, com a sociedade à qual queremos chegar; è comparar as propostas que nascem no caminho percorrido, as preocupações, as lutas com as propostas de Jesus, pois Cristo ilumina com a sua Palavra e com a sua presença a realidade que deve ser transformada.

A comunidade eclesial de base é o lugar onde devemos confrontar à luz da Palavra de Deus a nossa vida com a nossa prática, para ver se a nossa ação está de acordo com o plano de Deus. Resumindo: julgar exige conhecer a realidade humana e social, ter uma consciência crítica, conhecer a Bíblia e os documentos da Igreja para ter uma sociedade fraterna.

5.1.3. 5.1.3. Agir ou transformar^{183[183]}

É trabalhar em uma ação concreta e comprometida que os cristãos unidos em comunidade iniciam a transformar as pessoas, a própria comunidade, até conseguir que a sociedade injusta e não solidária se converta em uma sociedade fraterna. Por isso, a catequese deve ser relacionada com as outras dimensões da ação pastoral: comunitária e participativa, missionária, bíblico-catequética, litúrgica, ecumênica e sócio-transformadora.

Vendo a realidade com olhos evangélicos, com a ótica da justiça e da fé, sendo julgada com os critérios cristãos e humanos, os catequistas deparam-se com uma série de prioridades, atividades, compromissos e projetos que devem ser assumidos pessoal e comunitariamente.

5.1.4. 5.1.4. Celebrar^{184[184]}

A liturgia é o ápice da ação eclesial, do qual encaminha-se toda a atividade evangelizadora da comunidade, pois se trata da experiência mais humana e cristã de unidade, participação e comunhão. A partir de uma celebração viva e ativa surgem novos horizontes e ações em vista de uma família, de uma educação e de uma administração dos bens.

^{182[182]} Ibidem, 474-475. Cf. Bernardo CANSI, *Catequistas Populares*, 57-58.60. ID., *O desafio do catequista*, 30.71.

^{183[183]} Cf. Mary DONZELLINI, “Metodología Catequética”, in *Teologia y Catequesis* (1993) 45-48, 475. Cf. Bernardo CANSI, *Catequistas Populares*, 59. ID., *O desafio do catequista*, 47.

^{184[184]} Cf. Mary DONZELLINI, “Metodología Catequética”, in *Teologia y Catequesis* (1993) 45-48, 476-477. Cf. Bernardo CANSI, *Catequistas Populares*, 59.61-63. ID., *O desafio do catequista*, 58.77.

“Os catequistas sejam formados a fazer da Liturgia, do culto dominical da Palavra, dos exercícios de piedade, das novenas, dos grupos de oração, etc, fontes de aquisição de novas forças, fortalecimento da unidade, da reconciliação, do avivamento da esperança e da ação catequética. Saibam celebrar a vida, os acontecimentos, as situações e a cultura do povo”.^{185[185]}

Conclusão

Vimos como era rico o pensamento de Fr. Bernardo sobre o catequista e quanto empenho dedicou a esta figura que para ele era tão querida.

Segundo Cansi: “catequista é um ser em comunicação: com Deus, com a comunidade, com a natureza”.^{186[186]} É uma pessoa enviada da comunidade e pela comunidade. É um enviado de Deus e um missionário de Cristo ressuscitado. É alguém que caminha com seu povo; é um profeta; é uma pessoa de profunda espiritualidade.

A sua missão é favorecer o crescimento e o amadurecimento da fé na comunidade. Ele está a serviço da comunidade e é um que lê os sinais dos tempos através do método ver-julgar-transformar-celebrar.

CONCLUSÃO GERAL

Na conclusão farei uma breve síntese das coisas principais surgidas no meu trabalho e procurarei colocar em saliência os aspectos mais interessantes da pessoa e da obra de Fr. Bernardo, também alguns aspectos que podem ser problemáticos.

Procurarei igualmente dar o meu parecer sobre as fontes dos quais Fr. Bernardo pode ter sido inspirado.

Durante este percurso da minha pesquisa tentei desenvolver um pouco as fases da história da catequese no Brasil, deste modo poderíamos entender melhor qual era o contexto e a realidade do qual Fr. Bernardo viveu e trabalhou. Também procurei desenvolver a história de sua vida; os seus escritos; a sua visão catequética seja sobre a catequese como sobre o catequista.

Sobre os aspectos interessantes de Fr. Bernardo podemos enumerá-los da seguinte maneira: Cansi era muito comunicativo e dinâmico, acolhedor e alegre, simples e humilde, amava a Bíblia e a Catequese de coração. Estudava e pesquisava sempre para desenvolver melhor o seu ministério de educador da fé. Também possuía uma grande capacidade de traduzir os textos difíceis que os

^{185[185]} Bernardo CANSI, *Catequistas Populares*, 60.

^{186[186]} Bernardo CANSI, “Comunicação e educação da fé”, in *Revista de Catequese* 12 (1989) 45, 5.

catequistas populares (a sua grande paixão) não conseguiam entender, transformava-os em textos simples com linguagem compreensível. Este é um dom que nem todos tem.

Um outro aspecto interessante é sobre a origem do nome “catequistas populares”. Podemos dizer que Fr. Bernardo resgatou-o de Mons. Agnelo Rossi quando sugeriu a idéia deste termo na 2ª Assembléia da CNBB em 1954, para afrontar o protestantismo.

Não faltam aspectos problemáticos, Fr. Bernardo não tinha o senso de medida. Nos seus encontros que fazia com os catequistas dava uma quantia enorme de bibliografia que não era possível ler tudo. Na liturgia usava muitos símbolos que um liturgista seguramente não era de acordo; às vezes, considerava o catequista como um super agente da comunidade.

Na sua pedagogia religiosa em quem Fr. Bernardo se inspirou? É difícil responder. A sua pedagogia nasce da própria experiência, da própria criatividade educativa. Entre os vários mestres do qual Cansi fez referimento foi Paulo Freire. Quando Fr. Bernardo estava estudando na Universidade Pontifícia Salesiana, um estudante da mesma, entrevistou-lhe perguntando que tipo ou qual linha ele seguia para o seu método. Ele disse que pegou alguma coisa de Freire. Quando estudava e nos momentos de recreio invés de ir jogar ou conversar com seus amigos ele ia participar das lições de Paulo Freire para aprender o método da conscientização.

Qual é a relação de Cansi com a Teologia da Libertação? Fr. Bernardo nos seus escritos não escreveu sobre este argumento expressando uma idéia pessoal, mais era a favor da conscientização e da libertação dos pobres e dos catequistas a partir das comunidades eclesiais de base. Tendo uma consciência crítica, capaz de saber e conhecer os direitos humanos e civis de uma pessoa, essa seria capaz de lutar para um progresso em todos os níveis.

A conscientização engloba também na relação catequese-homem-política, pois a política tem a finalidade de realizar o bem comum, o serviço à comunidade, ao desenvolvimento de todo homem e de todos os homens, assim também é a tarefa do catequista e da catequese.^{187[187]}

A experiência e a contemplação da natureza sempre foram a base da sua produção pedagógica. Os livros de Cansi são escritos em maneira clara e compreensível a todos, sejam pessoas cultas ou não. Do seu modo de escrever percebi que ele sempre se inspirava a partir de suas experiências feitas com os catequistas depois de encontros, conferências ou retiros. Uma outra inspiração também era a natureza, pois dizia: “A natureza é a primeira obra artística de Deus”.^{188[188]}

Concluindo, seguramente este trabalho terá os seus limites e os seus problemas, mas espero que com esta reflexão sobre Fr. Bernardo possa abrir as portas para outras pessoas que um dia

^{187[187]} Cf. Bernardo CANSI, “O leigo catequista e o momento político”, in *Revista de Catequese* 10 (1987) 39, 18.

^{188[188]} ID., “Comunicação e educação da fé”, in *Revista de Catequese* 12 (1989) 45, 11.

podem se interessar em fazer um estudo mais aprofundado sobre esta pessoa maravilhosa que foi Cansi.

BIBLIOGRAFIA

I. I. Fontes.

1. 1. Livro

CANSI Bernardo, *Pais e filhos vivendo a missa*, Ed. Paulinas, São Paulo 1978.

....., *Jograis e celebrações. Datas cívicas e comemorativas*, Ed. Paulinas, São Paulo 1978.

....., *Quero ser diferente*, Ed. Paulinas, São Paulo 1980.

....., *Catequese com os pequenos*, Ed. La Salle, Canoas (RS) 1983.

....., *Catequese Comunitária*, Ed. Vozes, Petrópolis 1984.

....., *Catequese Renovada, Versão Popular*, Ed. Paulinas, São Paulo 1985.

....., *Catequese Familiar (I). Os Sacramentos na vida da família*, Ed. Paulinas, São Paulo 1985.

....., *Catequese Familiar (II). Os Mandamentos na vida da família*, Ed. Paulinas, São Paulo 1986.

....., *Catequese: uma Atividade Popular*, Ed. Vozes, Petrópolis 1986.

....., *O Novo Tipo de Catequista*, Ed. Paulinas, São Paulo 1987.

....., *Você não Catequiza Sozinho*, Ed. Paulinas, São Paulo 1987.

....., *Aspectos Práticos da Catequese Renovada*, Ed. Vozes, Petrópolis 1987.

....., *Catequese: uma Atividade Popular - Visão Panorâmica e definição da Catequese*, Ed. Vozes, Petrópolis 1988.

....., *Catequese renovada. Versão popular*, Diocese de São Mateus (ES), Ed. Paulinas, São Paulo 1988.

....., *Simbolismos e Técnicas de Encenação para a Catequese*, Ed. Vozes, Petrópolis 1989.

....., *Catequistas Populares, as escolas que os formam e a importância de sua formação*, Ed. Vozes, Petrópolis 1990.

....., *Um Desafio para o Catequista: Transformar a Realidade*, Ed. Paulinas, São Paulo 1991.

....., *Conquistas e desafios da Catequese Renovada*, Ed. Vozes, Petrópolis 1993.

....., *Vamos Conhecer e Amar a Catequese*, Ed. Vozes, Petrópolis 1994.

....., *Catequese e Educação da Fé*, Ed. Vozes. Catequese fundamental 13, Petrópolis 1994.

....., *O Quintal Catequético*, Ed. Vozes, Petrópolis 1995.

....., *A pessoa e a formação do catequista a partir de uma análise histórico-crítica da 1ª Semana Brasileira de Catequese (1986)*. Roma, Universidade Pontificia Salesiana - Faculdade de Teologia. Especialização em catequese 1996.

2. 2. Artigos:

CANSI Bernardo, “Evangelizar no meio pobre e com meios pobres”, in *REB* 44 (1984), 373-380.

....., “Catequistas como Cristo: contemplativos de Dios y de la realidad”, in *Catequesis Latino-Americana* 4 (1985) 15-16, 534-542.

....., “O novo tipo de catequista”, in *Revista de Catequese* 8 (1985) 29, 32-40.

....., “O leigo catequista e o momento político”, in *Revista de Catequese* 10 (1987) 39, 16-26.

....., “Comunicação e educação da fé”, in *Revista de Catequese* 12 (1989) 45, 5-14.

....., “A catequese em 1992”, in *REB* 52 (1992), 937.

....., “Formação de catequista”, in *REB* 52 (1992) 205, 144-145.

....., “Fragmentos de la historia de la catequesis en Brasil”, in *Actas del Congreso Internacional de Sevilla. Del Vº Centenario al III Milenio*. Sevilla, setembro 1992. Centro de Estudios Teologicos “San Dámaso” - Madrid - *Teología y Catequesis*, 45-48 (1993), 189-205.

....., “Inculturação, endoculturação da Igreja e catequese”, in *Medellin* 20 (1994) 79, 397-412.

....., “Os pobres, o melhor critério catequético”, in *Convergência* 273 (1994), 307-317.

....., “A catequese nas diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil (1995-1998)”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 22-30.

II. II. Magistério Episcopal Latino-Americano.

CELAM, *III Conferencia General del Episcopado Latinoamericano, Puebla - La evangelizacion en el presente y en el futuro de America Latina* - Consejo Episcopal Latinoamericano, Ed. L. Canal y Asociados Ltda, Bogotá 1979.

CNBB, *Catequese Renovada - Orientações e Conteúdo doc. 26*, Ed. Paulinas, São Paulo 1983.

CNBB, *Os povos indígenas e a nova república*, Ed. Paulinas, São Paulo 1986.

CNBB, *Formação dos Catequistas doc. 50*, Ed. Paulinas, São Paulo 1990.

CELAM, *II Conferencia General del Episcopado Latinoamericano, Medellín - La Iglesia en la actual transformación de America Latina a la luz del Concilio*, in *Conferencias Generales*, Río de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo. Documentos Pastorales, San Pablo, Chile 1993 .

CNBB, *Catequese para um mundo em mudança doc. 73*, Ed. Paulus, São Paulo 1994.

CELAM, Consejo Episcopal Latinoamericano - Departamento De Catequesis (DECAT), *Hacia una catequesis inculturada. Memorias de la II Semana Latinoamericana de Catequesis*, Santafé de Bogotá, 1995.

III. III. Magistério Universal

SACRA CONGREGAZIONE DEL CLERO, *Direttorio Catechistico Generale*, ELLE DI CI, Leumann (Torino) 1971.

JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Catechesi Tradendae de sua Santidade o Papa João Paulo II, ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis de toda a Igreja sobre a catequese no nosso tempo*, Ed. Typis Polyglottis Vaticanis, Roma 1979.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral para a Catequese*, Editrice Vaticana, Città del Vaticano 1997.

CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, *Dominus Iesus. Dichiarazione circa l'unicità e l'universalità salvifica di Gesù Cristo e della Chiesa*, Ed. Paoline, Milano 2000.

IV. IV. Estudos.

ANTONIAZZI Alberto, "Renovação da Igreja e ministério do catequista", in *Revista de Catequese* 8 (1985) 29, 15-17.

ALBERICH Emilio, "Catechesi", in *Dizionario de Catecheta*, Joseph GEVAERT (ed.), Ed. ELLE DI CI, Leumann (Torino) 1987, 107.

ALVES DE LIMA Luiz, "Formação de Catequistas", in *Revista de Catequese* 6 (1983) 21, 35.

....., "A comunidade catequizadora no Brasil", in *Revista de Catequese* 10 (1987) 40, 7-20.

....., "Panoramica de la renovación catequística brasileña de los últimos años", in *Medellín* 72 (1992), 795-817.

....., "Catequese e Evangelização da cultura e das culturas", in *Revista de Catequese* 15 (1992) 60, 9.

....., *A face brasileira da catequese. Um estudo histórico-pastoral do movimento catequético brasileiro das origens ao diretório "catequese renovada"*. Roma, Universidade Pontificia Salesiana - Faculdade de Teologia. Especialização em catequese 1995 - Tesis n. 346.

....., "O recente movimento catequético brasileiro", in *Revista de Catequese* 19 (1996) 73, 5-24.

....., "Uma vida dedicada à catequese. Traços biográficos de Fr. Bernardo Cansi", in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 35-43.

-, “Análise da realidade catequética”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 80, 24-30.
- AAVV., “Cultura brasileira, catequese e inculturação (Parte I)”, in *Revista de Catequese* 10 (1987) 40, 33-39; ID., “(Parte II)”, in *Revista de Catequese* 11 (1988) 41, 27-31.
- AZZI Riolando, “A catequese no Brasil. Considerações históricas”, in *Convergência* 10 (1977), 491-513.
- BARBARA Susanna, “Candomblé. Danzando con gli déi”, in *Rivista Missioni Consolata* 102 (2000) 9-10, 117-122.
- BELLESI Benedetto, “Storia di una nazione”, in *Rivista Missioni Consolata* 102 (2000) 9-10, 18.
-, “I neri. Ancora incatenati”, in *Rivista Missioni Consolata* 102 (2000) 9-10, 42-50.
- BERNARDI Francesco, “Gli indios. Il potente che teme il diverso”, in *Rivista Missioni Consolata* 102 (2000) 9-10, 30-41.
- BOFF Leonardo - Clodovis BOFF, *Teologia da Libertação no Debate Atual*, Ed. Vozes, Petrópolis 1985.
-, *Como fazer Teologia da Libertação*, Ed. Vozes, Petrópolis 1986.
- BONATTI Mário, “Catequese na cultura urbana moderna”, in *Revista de Catequese* 18 (1995) 72, 20-29.
- CASAGRANDE Moacir, “Um doutor formado na Universidade da Fé e do Povo. Homilia pronunciada durante as exéquias de Fr. Bernardo Cansi em 1º de setembro de 1996 pelo seu superior provincial”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 44-46.
- CARNIATO Maria Inês, “Alguns referenciais bíblico-teológicos da catequese”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 80, 36.
- CNBB, “Catequesis en Brasil”, in *Catequesis Latino-Americana* 13 (1981) 2, 74-97.
-, “A espiritualidade do catequista”, in *Revista de Catequese* 20 (1997) 79, 41-42.
-, “Formação da espiritualidade”, in *Formação dos catequistas doc. 50*, Paulinas, São Paulo 1990.
- DIOCESE DE DUQUE DE CAXIAS, “Catequese: Educação na fé em comunidade para a cidadania”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 75, 37.
- DE SÁ SANTOS Jânison, *Aspectos metodológicos da catequese no pensamento e na obra de Bernardo Cansi (1937-1996)*, Universidade Pontifícia Salesiana. Faculdade de Teologia - Departamento de Pastoral Juvenil e Catequética, Roma 1999.
- DONZELLINI Mary, “Metodología Catequética”, in *Teologia y Catequesis* (1993) 45-48, 469-484.
- E. E. ANDRADE PONTE Paulo, “La catequesis Latinoamericana al impulso de Medellín y Puebla”, in *Medellín* 58-59 (1989), 133-151.

FREIRE Paulo, "Il metodo", in *Enciclopedia Pedagogica*, Mauro LAENG (ed.), Vol. III. Editrice La Scuola, Brescia 1989, 5131.

GARCIA AHUMADA Enrique, *Comienzos de la catequesis en America Latina y particularmente en Chile*, La Florida, Santiago de Chile 1991, 430-431.

GEEURICKX José, "Formacion de catequistas en la parroquia", in *Catequesis Latino-americana* 4 (1985) 15-16, 598.

"Instrumento de trabalho", in *Revista de Catequese* 17 (1994) 65, 42-50.

KESTERING Juventino, "Mística e espiritualidade da catequese e do catequista", in *Revista de Catequese* 17 (1994) 66, 5-12.

MACHADO DE FREITAS Maria Lídia, "O comitê Pró-Memorial Frei Bernardo Cansi", in *CNBB* e-mail: mlidia@mre.gov.br (09.03.2001).

MENDES DE OLIVEIRA Ralfy, *O movimento catequético no Brasil*, Ed. Salesiana Dom Bosco, São Paulo 1980.

....., "Brasile", in *Dizionario de Catecheta*, Joseph GEVAERT (ed.), Ed. ELLE DI CI, Leumann (Torino) 1987, 92-94.

....., "Entrevista. Catequese e inculturação", in *Revista de Catequese* 18 (1995) 69, 30-46.

"Memória de Frei Bernardo Cansi", in *Revista de Catequese* 20 (1997) 78, 78.

MERLOS ARROYO Francisco, "Principais tendências da catequese contemporânea", in *Revista de Catequese* 19 (1996) 75, 8-9.

M. dos SANTOS Antônio Luiz, "Catequese urbana: sua realidade e desafios", in *Revista de Catequese* 21 (1998) 84, 15-24.

MOL Joaquim, "Alguns referenciais antropológicos da catequese hoje", in *Revista de Catequese* 20 (1997) 80, 31-33.

MOTTA LIMA DA CRUZ Therezinha, "Uma celebração chamada Bernardo", in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 47-52.

Movimento Franciscano Assisi, *Fonte Francescane, Cantico delle Creature*, n. 263, Biblioteca Franciscana di Milano (curata), Sezione 1ª, Ed. Messaggero Padova, Padova 1988³.

"Negrologia", in *REB* 56 (1996), 985-986.

NERY Israel José, "Doze sonhos de Frei Bernardo Cansi", in *Revista de Catequese* 20 (1997) 79, 31-40.

....., "Brasil: presente y futuro de la catequesis", in *Sinite* 33 (1992) 99, 43-66.

....., "Desafios de alguns referenciais teológicos e pastorais à catequese hoje", in *Revista de Catequese* 20 (1997) 80, 37.

PASSOS Mauro - AAVV., *Uma História no Plural, 500 anos do movimento catequético brasileiro*, Ed. Vozes, Petrópolis 1999.

SUESS Paulo, “Presença indígena nas Cebcs”, in *Revista de Cultura Teologica* 6 (1998) 24, 59-70.

“Teologia della liberazione”, in *Lessico di Missiologia*, COCCIA Edmondo - Paolo GIGLIONI (edd.), Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2000, 378-379.

TOLENTINO Nelson Gil, *A renovação da catequese no Brasil. Instâncias fundamentais do Diretório Catequético Nacional: Catequese Renovada*, Tese de doutorado n. 266, Universidade Pontifícia Salesiana, Roma 1989.

VAN DEN BOSCH Francisco, “Catequese e promoção humana no contexto da inculturação”, in *Revista de Catequese* 18 (1995) 69, 30-46.

WOLFGANG Gruen, “Novas orientações para a catequese no Brasil”, in *Revista de Catequese* 7 (1984) 27, 34-47.

....., “Jesus Cristo, centro da mensagem, é o modelo da catequese inculturada”, in *Revista de Catequese* 17 (1994) 67-68, 63-87.

APÊNDICE

Escritos de Bernardo Cansi.

I. Livros^{189[189]}

-, *Celebrando o Natal*, Ed. Vozes, Petrópolis 1970.
-, *Catequese Eucarística, Livro para o professor ou catequista*, Ed. La Salle, Canoas (RS) 1970⁴.
-, *Catequese Eucarística, Livro para o aluno*, Ed. La Salle, Canoas (RS) 1970⁴.
-, *Curso de Preparação Batismal*, Ed. Paulinas, São Paulo 1971⁵.
-, *Curso de Catequese Renovada*, Ed. Vozes, Petrópolis 1974, Ed. Vozes, Petrópolis 1977³.
-, *Formação de Catequistas*, Ed. Vozes, Petrópolis 1974².
-, *O Ano Santo - 1975*, Ed. Vozes, Petrópolis 1975².
-, *Em vez de Ilhas, Continentes*, Ed. Paulinas, São Paulo 1975.
-, *Catequese do Pré-Culto, Livro do Aluno*, Ed. La Salle, Canoas (RS) 1975.
-, *Catequese do Pré-Culto, Livro do Catequista*, Ed. La Salle, Canoas (RS) 1975.
-, *Catequese do Pré-Culto, Mensagens aos Pais*, Ed. La Salle, Canoas (RS) 1975.
-, *Encontro consciente com Cristo*, Ed. Paulinas, São Paulo 1976; Ed. Paulinas, São Paulo 1979².^{190[190]}
-, *Catequese do Primeiro Grau, Somos amigos*, vol. 1, Ed. Paulinas, São Paulo 1976.
-, *Catequese do Primeiro Grau, Jesus é legal*, vol. 3, Ed. Paulinas, São Paulo 1976.
-, *Como orientar pais e filhos para o culto*, Ed. Vozes, Petrópolis 1977.^{191[191]}
-, *Jograis e Celebrações. Datas religiosas*, Ed. Paulinas, São Paulo 1978².
-, *Jograis e Celebrações. Datas comemorativas*, Ed. Paulinas, São Paulo 1978².
-, *Jograis e Celebrações. Datas cívicas e comemorativas*, Ed. Paulinas, São Paulo 1978³.
-, *Pais e filhos vivendo a missa*, Ed. Paulinas, São Paulo 1979².^{192[192]}
-, *Catequese: uma Força Libertadora*, Ed. Paulinas, São Paulo 1980.
-, *Quero ser diferente*, Ed. Paulinas, São Paulo 1980.
-, *Curso de Preparação à Crisma*, Ed. Vozes, Petrópolis 1980⁶.^{193[193]}

^{189[189]} Os livros são colocados em ordem cronológica. De alguns livros não se dispõe as primeiras edições. Foram colocados segundo a edição disponível.

^{190[190]} Traduzido no Chile e em Portugal.

^{191[191]} Editado também na Argentina.

^{192[192]} Editado também em Portugal.

-, *Nossa fé, nossa vida*, Ed. Paulinas, São Paulo 1981, Ed. Paulinas, São Paulo 1983².
-, *Crisma Sacramento do desafio*, Ed. Paulinas, São Paulo 1981⁴.
-, *Preparação Batismal*, Ed. Paulinas, São Paulo 1982, Ed. Paulinas, São Paulo 1991⁸.
-, *Catequese com os pequenos*, Porto Alegre, Ed. La Salle, Canoas (RS) 1983².
-, *A felicidade é uma conquista*, Ed. Paulinas, São Paulo 1984.
-, *Simbolismo e Técnicas de Encenações para a Catequese*, Ed. Vozes, Petrópolis 1984², Ed. Vozes, Petrópolis 1986³, Ed. Vozes, Petrópolis 1989⁴.
-, *Catequese Comunitária*, Ed. Vozes, Petrópolis 1984².
-, *Catequese Renovada, Versão Popular*, Ed. Paulinas, São Paulo 1985², Ed. Paulinas, São Paulo 1988⁷.
-, *Catequese Familiar (I). Os sacramentos na vida da família*, Ed. Paulinas, São Paulo 1985.^{194[194]}
-, *Catequese Familiar (II). Os mandamentos na vida da família*, Ed. Paulinas, São Paulo 1986.
-, *É tão fácil ser feliz*, Ed. Paulinas, São Paulo 1986⁸, Ed. Paulinas, São Paulo 1988⁹.
-, *Novena do Espírito Santo*, Ed. Paulinas, São Paulo 1986².
-, *Catequese: uma Atividade Popular*, Ed. Vozes, Petrópolis 1986.
-, *Quero 365 dias de paz*, Ed. Paulinas, São Paulo 1986.
-, *O Novo Tipo de Catequista*, Ed. Paulinas, São Paulo 1987.
-, *El nuevo modelo de catequista*, Ediciones Paulinas, Buenos Aires 1987.
-, *Você não Catequiza Sozinho*, Ed. Paulinas, São Paulo 1987.
-, *Aspectos Práticos da Catequese Renovada*, Ed. Vozes, Petrópolis 1987.
-, *Interação Fé e Vida*, Ed. Paulinas, São Paulo 1988, Ed. Paulinas, São Paulo 1990².
-, *Catequistas Populares, as escolas que os formam e a importância de sua formação*, Ed. Vozes, Petrópolis 1990.
-, *A Espiritualidade do Catequista*, Cadernos Catequéticos do Secretariado Regional Nordeste 1 1990.
-, *Um Desafio para o Catequista: Transformar a Realidade*, Ed. Paulinas, São Paulo 1991.
-, *Para viver bem*, Ed. Paulinas, São Paulo 1991.
-, *A catequese na comunidade cristã*, Ed. Vozes, Petrópolis 1991.
-, *Simbolismos Encenados*, Ed. Vozes, Petrópolis 1991.
-, *Pontos importantes da Catequese na América Latina*, Brasília 1992, mimeografado.
-, *Conquistas e Desafios da Catequese Renovada*, Ed. Vozes, Petrópolis 1993.

^{193[193]} Traduzido na Argentina.

^{194[194]} Publicado na Revista *Família Cristã*.

....., *Catequese Renovada - 10º Aniversário (1983-1993)*, Santuário de Fátima de Brasília, Ed. do Autor 1993.

....., *Vamos Conhecer e Amar a Catequese*, Ed. Vozes, Petrópolis 1994.

....., *Catequese e Educação da Fé*, Ed. Vozes, Petrópolis 1994.

....., *Ele é o caminho: celebrações litúrgicas e catequéticas*, Ed. Vozes, Petrópolis 1994².

....., *A Inculturação da Catequese-Formação do Catequista*, Ed. Fonte Viva, Paulo Afonso 1994.

....., *Catequese Inculturada*, Ed. Fonte Viva. Cadernos pastorais n. 1, Paulo Afonso-BA 1994.

....., *Catequese na Roça*, Ed. Vozes, Petrópolis 1994.

....., *O novo Catecismo: a celebração do mistério cristão*, Ed. Vozes, Petrópolis 1994.

....., *O Quintal Catequético*, Ed. Vozes, Petrópolis 1995.

....., *Catequese do Ventre Materno aos Seis Anos*, Ed. Vozes, Petrópolis 1995.

....., *A pessoa e a formação do catequista a partir de uma análise histórico-crítica da 1ª Semana Brasileira de Catequese (1986)*. Roma, Universidade Pontifícia Salesiana - Faculdade de Teologia. Especialização em catequese 1996.

....., *Fatos do cotidiano*, (s.l., s.a., s.e.).

....., *Na casa do Pai*, (s.l., s.a., s.e.).

....., *Catequese no Brasil em mudança*, (s.l., s.a., s.e.).

....., *Os valores humanos na missa*, (s.l., s.a., s.e.).

....., *Série Comunhão com Deus* (s.l., s.a., s.e.).^{195[195]}

^{195[195]} Esta série é feita de seis volumes, mas as suas edições não são disponíveis.

II. Artigos de revistas

-, “Os Catequistas no Brasil Hoje”, in *Revista de Catequese* 5 (1982) 17, 31-38.
-, “Catequese e sacramento de reconciliação”, in *Revista de Catequese* 6 (1983) 24, 47-52.
-, “Evangelizar no meio pobre e com meios pobres”, in *REB* 44 (1984), 373-380.
-, “Deficientes auditivos catequizam adultos”, in *Revista de Catequese* 8 (1985) 30, 36-44.
-, “O novo tipo de catequista”, in *Revista de Catequese* 8 (1985) 29, 32-43.
-, “Afetividade juvenil e educação da fé”, in *Revista de Catequese* 8 (1985) 31, 28-36.
-, “Catequistas como Cristo: contemplativos de Dios y de la realidad”, in *Catequesis Latino-Americana* 4 (1985) 15-16, 534-542.
-, “Ecos do Encontro Nacional de 1985”, in *Revista de Catequese* 9 (1986) 34, 53-57.
-, “Bíblia e Catequese”, in *FC* 1 (1986) 2, 1-2.
-, “Fundamentos da Catequese Renovada”, in *FC* 1 (1986) 4, 2.
- CANSI Bernardo - CAVALLIN Albano, “Primeira Semana Brasileira de Catequese”, in *Revista de Catequese* 9 (1986) 36, 17-28.
- CANSI Bernardo - AAVV., “Primera Semana Brasileña de Catequesis - Itaiaci-S.P. 12 a 18 de octubre de 1986”, in *Sinite* 28 (1987) 84, 201-207.
- CANSI Bernardo - AAVV., “1ª Semana Brasileira de Catequese”, in *SEDOC* 19 (1987), 810-813.
-, “Os métodos na catequese à luz do princípio da interação”, in CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Primeira semana brasileira de catequese*. São Paulo, Ed. Paulinas 1987, 162-207.
-, “Pontos altos da 1ª Semana Brasileira de Catequese”, in *Revista de Catequese* 10 (1987) 38, 40-46.
-, “O leigo catequista e o momento político”, in *Revista de Catequese* 10 (1987) 39, 16-26.
-, “Catequese mensagem de vida”, in *Revista de Catequese* 11 (1988) 41, 12-21.
-, “Uma nova catequese: preparando o V centenário de evangelização da América Latina”, in *Convergência* 23 (1988), 471-482.
-, “A alegria de ser catequista”, in *Revista de Catequese* 11 (1988) 43, 65-68.
-, “Uma catequista popular”, in *Revista de Catequese* 11 (1988) 43, 69-70.
-, “Catequista entre os Índios”, in *Revista de Catequese* 11 (1988) 43, 70-72.
-, “Comunicação e educação da fé”, in *Revista de Catequese* 12 (1989) 45, 5-14.
-, “Desafios da catequese no Brasil”, in *Revista de Catequese* 12 (1989) 48, 22-36.
-, “Considerações sobre a catequese de Jesus”, in *Revista de Catequese* 13 (1990) 51, 12-17.
-, “Comunicação e educação da fé”, in *Grande Sinal XLIII* (1989) 19, 133-147.

-, “Inculturação e catequese na Diocese de Caxias do Sul”, in *Revista de Catequese* 13 (1990) 52, 22-30.
-, “Inculturação, liturgia e catequese”, in *Revista de Catequese* 13 (1990) 49, 6-17.
-, “La dimensión sócio-política de la liturgia”, in *Medellin* 17 (1991) 65, 101-112.
-, “Os padres e a catequese renovada”, in *REB* 51 (1991) 202, 353-368.
-, “A dimensão sócio-política da liturgia”, in *Revista de Catequese* 14 (1991) 55, 28-37.
-, “A catequese em 1991”, in *Grande Sinal XLVI* (1992) 22, 419-426.
-, “Inculturação da catequese no catolicismo popular”, in *Revista de Catequese* 15 (1992) 58, 19-26.
-, “Inculturação da catequese no catolicismo popular”, in *Revista de Catequese* 15 (1992) 59, 3-13.
-, “O Catecismo para a Igreja Universal (Pequena história de sua gênese)”, in *REB* 52 (1992) 207, 603-623.
-, “A catequese em 1991”, in *REB* 52 (1992), 143-147.
-, “Como ressoou a catequese na 30ª AG da CNBB (1992)”, in *REB* 52 (1992) 4, 928-936.
-, “A catequese em 1992”, in *REB* 52 (1992) 4, 937-946.
-, “A catequese e as CEBs”, in *REB* 52 (1992) 4, 894-902.
- CANSI Bernardo - ALVES DE LIMA Luiz, “A catequese na preparação de Santo Domingo”, in *Revista de Catequese* 15 (1992) 60, 38-46.
-, “O Catecismo da Igreja Universal”, in *Convergência* 259 (1993), 63-64.
-, “O 8º Encontro Intereclesial das CEBs e a Catequese”, in *Revista de Catequese* 16 (1993) 61, 63-65.
-, “O catequista da cidade”, in *Revista de Catequese* 16 (1993) 63-64, 76-83.
-, “Santo Domingo e a Catequese Renovada”, in *Revista de Catequese* 16 (1993) 63-64, 37-57.
- CANSI Bernardo - MOTTA LIMA DA CRUZ Therezina, “A dimensão bíblico-catequética em 1992”, in *Revista de Catequese* 16 (1993) 61, 49.
- CANSI Bernardo - AAVV., “Depoimentos. Do 5º Centenário ao 3º Milênio”, in *Revista de Catequese* 16 (1993) 61, 36-48.
-, “Fragmentos de la história de la catequesis en Brasil”, in *Actas del Congreso Internacional de Sevilla. Del Vº Centenario al III Milenio. Sevilla, setembro 1992. Centro de Estudios Teologicos “San Dámaso” - Madrid - Teología y Catequesis*, (1993) 45-48, 189-205.
-, “La catequesis en Santo Domingos”, in *Medellin* 19 (1993) 76, 579-610.
-, “2º Encontro nacional de formação do catequista surdo”, in *Revista de Catequese* 16 (1993) 63-64, 111-112.

-, “A catequese de ontem”, in *Revista de Catequese* 16 (1993) 61, 37-42.
-, “El catecismo para la Iglesia Universal”, in *Medellin* 19 (1993) 76, 481-502.
-, “El catecismo para la Iglesia Universal, pequeña historia de su génesis”, in *Didascalía* 19 (1993) 76, 481-502.
-, “La catequesis en Santo Domingo”, in *Didascalía* 19 (1993) 76, 579-610.
-, “Inculturação, endoculturação da Igreja e catequese”, in *Medellin* 20 (1994) 79, 397-412.
-, “Alternativas e protagonistas na catequese”, in *Revista de Catequese* 17 (1994) 66, 21-28.
-, “Trinta anos de catequese consciente em Crateús-CE”, in *REB* 54 (1994), 696-700.
-, “Ano Bíblico e estudos sobre as leituras da Bíblia”, in *REB* 54 (1994), 667-684.
-, “Os pobres, o melhor critério catequético”, in *Convergência* 273 (1994), 307-317.
-, “A catequese renovada não é apenas uma utopia”, in *Revista de Catequese* 18 (1995) 72, 53-55.
-, “Sinais de la Catequesis inculturada na Evangelização do Brasil”, in Consejo Episcopal Latinoamericano - Departamento De Catequesis (DECAT), *Hacia una catequesis inculturada. Memorias de la II Semana Latinoamericana de Catequesis*. Santafé de Bogotá, Consejo Episcopal Latinoamericano - CELAM 1995, 195-245.
-, “A pessoa e a formação do catequista a partir de uma análise histórico-crítica da 1ª Semana Brasileira de Catequese (1986)”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 16-21.
-, “A catequese nas diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil (1995-1998)”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 22-30.
-, “O sentido da morte em Cristo”, in *Revista de Catequese* 19 (1996) 76, 31-34.
-, “Imagens de Cristo nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1995-1998) e novas práticas”, in *REB* 56 (1996), 875-901.

ANEXO

ANEXO 1: *Alguns momentos da vida de Fr. Bernardo Cansi*

ANEXO 2: *Manifestações pela ocasião da morte de Fr. Bernardo*

1. Carta da assessora nacional de catequese aos catequistas

Logo após o sepultamento de Frei Bernardo, a Ir. Eliza Schafaschek, em nome da direção nacional da dimensão bíblico-catequética, comunica aos catequistas do Brasil a infausta notícia, com as seguintes palavras:

Brasília-DF, 02 de setembro de 1996

Queridos e amados catequistas do Brasil,

O momento é de *ressurreição*, de vida nova na Catequese Renovada do Brasil. Nosso mestre, irmão e companheiro de caminhada, Frei Bernardo Cansi, entregou sua vida a Deus, pela catequese do Brasil.

Todos já sabíamos de sua grave enfermidade, do quanto estava sofrendo e lutando contra a moléstia do câncer, querendo ainda viver para dar sua colaboração escrita e viva na e pela catequese do Brasil e do mundo. Entretanto, devido ao agravamento da situação nenhum recurso humano mais havia para garantir-lhe a vida aqui na terra, mesmo tendo sido utilizados todos os meios e alternativas possíveis.

Quando ele soube que o organismo humano não tinha mais resistência, muito conscientemente, se preparou para a grande viagem à casa do Pai e, explicitamente, entregou a vida pela catequese do Brasil.

Numa visita que Dom Vital Wilderink - bispo da Dimensão Bíblico-Catequética - fez a Frei Bernardo, ele disse: “Eu vou continuar ajudando a catequese do Brasil” e, quando D. Vital perguntou se ele queria ainda dar um recado aos catequistas do Brasil, exclamou: “Amem, amem muito a Bíblia”.

Catequistas! Que esta súplica de Frei Bernardo esteja muito presente em nossa vida e em nosso trabalho, sempre, mas, principalmente neste Mês da Bíblia. E foi justamente no dia 1º de setembro, início do mês bíblico, que ele foi sepultado, qual semente que precisa morrer para gerar vida nova:

Neste sentido transcrevo aqui uma frase escrita por ele no livro: *O Quintal Catequético*: “Os Evangelhos mostram progressão da semente: a terra produz o fruto; o fruto é colocado na terra;

aparecem as folhas; depois as espigas com grãos; vem a colheita (cf. Mc 4,28-29). Assim acontece com a educação da fé: acolhemos a Palavra desde a infância; depois, com o passar do tempo, começamos a amadurecer na fé, produzindo frutos, especialmente na idade adulta. E acabamos, como sementes maduras, sendo colhidos pelo Ceifador da Igreja” (Na contra-capá).

Frei Bernardo Cansi morreu na madrugada do dia 31 de agosto, feliz por ter cumprido sua missão neste mundo e pela vida que conseguiu dar à catequese no Brasil.

Somos conhecedores de sua dedicação à catequese. Andou por todo este Brasil orientando catequistas, ajudando a organizar e a dinamizar a catequese. Vibrava por tudo o que via acontecer no sentido de uma catequese bem inculturada, onde a interação Fé-Vida ia se tornando uma realidade. Para que mais pessoas, além das que ele conseguia atingir pessoalmente, pudessem se aprofundar e tivessem algum subsídio a mais para a sua formação, escreveu muitos livros, quase todos orientados para a formação de catequistas. Certamente todos nós já lemos e utilizamos alguns de seus livros e sabemos dizer de quanto são úteis ainda hoje. Assim, ele continua caminhando conosco na missão bíblico-catequética do Brasil. Seu último livro, que está sendo editado, é a tese de mestrado que fez em Roma e tem como título: *A pessoa e a formação do catequista*. Todos seremos enriquecidos com mais esta contribuição de Frei Bernardo a todos os catequistas.

Queridos catequistas! Rezemos pelo descanso eterno de nosso querido irmão na catequese e aprendamos dele este grande amor pela Palavra de Deus, fonte inspiradora de toda a nossa missão catequética.

Fraterno e cordial abraço,

Ir. Eliza Schafaschek

p/ Dimensão Bíblico-Catequética

2. Carta do GRECAT ao Ministro Provincial dos Capuchinhos do Brasil Central

Por ocasião da reunião do GRECAT justamente no sétimo dia de falecimento do Frei Bernardo Cansi, seus colegas do grupo redigiram a seguinte carta ao seu superior provincial:

São Paulo, 07 de setembro de 1996

Prezado Fr. Moacir Casagrande, OFMcap.

DD. Ministro Geral dos Capuchinhos

Paz e Bem!

Nós, membros do GRECAT (Grupo Nacional de Reflexão Catequética da Dimensão Bíblico-Catequética da CNBB), celebramos ontem, com emoção e saudades, o sétimo dia de falecimento do nosso querido Frei Bernardo Cansi. Com ele caminhamos juntos anos partilhando de sua alegria, de seu zelo pelo Senhor e seu Reino, de sua paixão pela Catequese e sua dedicação aos preferidos de Deus.

Expressamos-lhe, Frei Moacir, e a todos os seus confrades, não somente a nossa solidariedade pelo passamento de Frei Bernardo, mas também a nossa admiração e nossa gratidão a Deus pelo que ele testemunhou, falou e fez em seu serviço profético. Temos certeza que Frei Bernardo continua animado a renovação da catequese com tudo o que nos deixou, especialmente com sua intercessão junto de Deus.

Fraternalmente

D. Vital Wilderink, Pe. Domingos Dorigón, Ir. Eliza Schafaschek, Inês Broshuis, Ir. Israel José Nery, Pe. Joaquim Mol, Pe. Juventino Kesting, Pe. Luiz Alves de Lima, Ir. Mary Donzellini, Pe. Paulo Fernando da Costa, Therezinha Motta Lima da Cruz, Pe. Wolfgang Gruen.

3. Testemunho do Ir. Israel José Nery

Escrevendo para os catequistas na Folha Catequética (outubro 1996) assim se expressou o *Ir. Nery* que durante longos anos trabalhou com Frei Bernardo na assessoria nacional da catequese:

Considero o Frei Bernardo um santo, por sua paixão pelo Senhor, sua Igreja, seu Reino, pelo seu amor ao povo e especialmente aos mais pobres. Admirava-o por seus dons de acolhida, alegria, entrega, coerência de vida, comunicação, capacidade de trabalho e zelo ardente para que a Igreja fosse mais eficiente na sua missão.

Foi um grande presente de Deus para mim ter convivido com ele e dele ter aprendido tanto. Sei que ele, junto de Deus, continua a trabalhar pela Catequese Renovada e ele sabe que sua missão continua a produzir frutos abundantes entre nós! Com emoção lhe digo, com todos os catequistas do Brasil: “*Obrigado, obrigado, Frei Bernardo!*”.

4. Un esempio indimenticabile

La prima volta che ho incontrato Frei Bernardo Cansi è stato a Siviglia, nel Congresso Catechistico del 1992. In una comunicazione del pomeriggio, Frei Bernardo sostenne che la prima catechista del Brasile non erano stati i missionari francesi, o spagnoli o portoghesi, ma ... la Santissima Trinità, quaranta mila anni prima di loro. E lo provava leggendo un diario di missionari francesi che avevano incontrato popolazioni indigine che conducevano una vita molto umana e saggia. Da chi avevano imparato a vivere così? Non conoscevano lo stress, amavano i figli, erano rispettati da loro, vivevano in pace. Alle nostre obiezioni, rispondeva continuando a leggere i racconti dei missionari. Ci siamo convinti che Bernardo era uno storico della catechesi molto originale.

Sono stato felice di conoscerlo più a fondo a Roma, nell'autunno 1995. Venuto in Europa per prendersi un periodo di riposo, perché già non stava bene di salute, si era iscritto al curriculum di Pastorale Giovanile e Catechetica, ed era stato subito ammesso all'ultimo anno del Corso di Licenza. Conoscerlo e diventare subito amici, ed amici entusiasti, è stata una cosa sola. Per me infatti non è mai stato uno studente, ma un amico, un appassionato della catechesi e della formazione dei catechisti. Scrisse tutta la sua tesi di un colpo solo, durante le vacanze di Natale, perché il tema che aveva scelto lo conosceva bene: era il Primo Congresso Nazionale dei catechisti del Brasile, nel 1986, che lui stesso aveva organizzato. Veramente bisognerebbe dire Congresso delle Catechiste, perché esse costituivano la gran maggioranza dei partecipanti, tanto che Fr. Bernardo ad ogni conferenza tenuta da un sacerdote, faceva sedere una catechista accanto al relatore, come prova visiva evidente dell'ingiustizia che si commetteva nel far parlare un uomo mentre avrebbe dovuto essere una donna.

Gli feci poi fare una notevole penitenza nel riscrivere le sue pagine con uno stile più sobrio, più documentato, come doveva essere una tesi. Il suo cuore era già altrove, più avanti. In quei mesi, malato come era, egli scrisse altri due o tre volumetti della sua collana per le "catechiste popolari", in stile facile, comprensibile da tutti.

Ma con tutto questo non mancava mai alle lezioni, sempre pronto a dare il suo contributo, a completare un punto non ben svolto, a fornire una bibliografia sui catechismi o sui catechisti brasiliani. Aveva fatto amicizia con tutti gli studenti, con la sua passione per la catechesi e la sua irresistibile gioia nella vita. E' stato per noi tutti, compagni di studio e professori, un esempio indimenticabile.

Roma, 22 aprile 2001. (texto em italiano)

5. Fiel a Deus e fiel ao homem

Cansi foi um homem “fiel a Deus e ao homem”, procurou manifestar a sua humanidade e essa fidelidade integrando em si mesmo a vida à fé.

Tive a oportunidade de conhece-lo no Instituto Teológico Pio XI de São Paulo, onde era professor e sobretudo de saborear e receber dele, amante da catequese esse incentivo de entregar a vida, as energias pela catequese. Foi Catequétá exemplar, como também um dos pioneiros da Catequese Renovada, documento n° 26 da CNBB.

Outro aspecto ou características do Bernardo:

?? ? Homem perspicaz, forte fisicamente, mas também na fé;

?? ? Simples como São Francisco;

?? ? Ensinava com amor e dedicação, dando tudo de si e de vez em quando dava uns murros na mesa para dizer que aquilo que esta comunicando era algo importante e merecia atenção e acolhida;

?? ? Trabalhou no setor da Catequese na CNBB e foi autor de diversos livros direcionados sobretudo à formação dos catequistas;

?? ? Celebrava a vida na liturgia.

Ele como catequétá, deixou este mundo justamente no dia do catequista, 30 de agosto e 1996, dia em a Igreja no Brasil dentro do mês vocacional, celebra o dia do catequista.

Bernardo, obrigada pelo que fostes para a Igreja e para o Brasil, continue lá do céu implorando pela catequese, pelos catequistas, para que possamos ser “*a falange*” nas mãos do Criador, para conduzir o homem ao conhecimento de Jesus Cristo e ao amadurecimento da fé, integrando fé e vida e sendo sinal do Reino, na justiça e na verdade do Evangelho.

Ir. Edvania Almeida Silva

Congregação das Irmãs Filhas da Igreja

6. Apaixonado pela natureza e...pela catequese

Desde a chegada de fr. Bernardo ao Colégio estabeleceu-se entre nós um relacionamento de grande estima mútua. Eu já conhecia muito sobre o seu trabalho na Catequese, e também havia lido seus textos e aplicado na pastoral na época em que trabalhava na Paróquia de Reserva (PR). Mas não havia tido oportunidade de conhecê-lo pessoalmente. E foi uma honra muito grande ter sido o Reitor do Colégio na época em que ele passou por lá. Creio que não seria exagerado dizer que valeu a pena ter sido Reitor do Colégio só pelo fato de conviver com fr. Bernardo. Posso afirmar que isto não é um eufemismo ou retórica barata. Fr. Bernardo é uma das pessoas que sabia criar ambiente favorável por onde ele passava. E isto ele fez com maestria no Colégio, na Universidade Salesiana e em todos os encontros em que ele participava. Uma das coisas que apreciei muito foi o seu grande amor pela natureza. Era um verdadeiro "apaixonado" pela criação. Mas as rosas eram a sua preferência. Tanto que em oportunidades diversas notei este seu "xodó" pelas rosas, mas fui compreender mesmo este seu gosto especial quando encontrei, entre seus pertences, uma carta de um dos membros da Academia Brasileira de Letras, da qual fr. Bernardo era membro. Este seu amigo falava da predileção de fr. Bernardo pelas rosas, e dizia que ele era conhecido pelo "frei das rosas", porque em todo casamento que assistia oferecia rosas aos noivos, dizendo que o amor deles deveria sempre florir como essas rosas.

Outra coisa que me chamou atenção foi o seu zelo pela Catequese. Quando apareceram as primeiras manifestações da sua doença, aproximei-me ainda mais de fr. Bernardo e pude desfrutar de algumas confidências que me edificaram muito. Em nenhum momento notei desânimo. Era uma pessoa de um otimismo extraordinário. Quando percebi que o seu estado de saúde era delicado e inspirava cuidados especiais, sugeri que voltasse para o Brasil. Lembro de uma conversa muito edificante em que falava dos seus planos futuros. Dizia-me havia falado com seu professor sobre a possibilidade de continuar a sua Tese no Brasil e voltar para Roma somente para a defesa. Depois, pensativo, se interrogava sobre o seu estado de saúde. Dizia:

- E se eu estiver com câncer? Quero terminar essa Tese e receber o diploma, pois eu quero entrar no 'paraíso' com o Diploma na mão.

No momento não confirmei nem desmenti, mesmo sabendo que era esse o seu caso. Depois ele continua sua reflexão.

- Sabe? Eu gostaria de viver só mais 10 anos, para me dedicar à Catequese. Porque eu vejo que é muito importante trabalhar mais com a Bíblia na Catequese. Isto é uma das coisas que ainda falta para a Catequese no Brasil, e eu gostaria de dar a minha contribuição.

Infelizmente a doença foi inexorável e interrompeu este lindo projeto de fr. Bernardo, mas espero que surjam outros que possam realizá-lo.

Há ainda outras coisas que recorro, mas creio que estas falam de modo eloqüente da riqueza de personalidade e do espírito eclesial de nosso querido e inesquecível fr. Bernardo Cansi.

Frei Claudio Nori Sturm – OFM Cap
ex-reitor do Colégio Internacional São Lourenço de Brindes - Roma

7. Um louvor a Deus e à Vida!

Espontâneo, transparente, irresistível... Do mundo que se poderia dizer sobre esse fantástico Bernardo sempre me ocorre que era assim como uma cachoeira, sempre com doação exagerada de si mesmo, absolutamente impossível de aprisionar, totalmente límpido. Nunca fazia nada moderadamente, nem de maneira formal. Da risada característica, espontânea e constante, ao mais sério trabalho, feito com dedicação pela noite a dentro, tudo era realizado com entrega completa e intenções transparentes. Era possível (e freqüente) que as pessoas não concordassem com ele. O que não era possível era não notar a pureza generosa com que as coisas eram feitas e vividas. Foi muito amado pelos catequistas, porque era um deles, e era um com eles. Para mim era aquele amigo inesquecível, protetor, sempre absolutamente leal e afetuoso. Mais ainda: conviver com ele me fazia perguntar a Deus por que tal presente em minha vida. Continuo perguntando... e contando com o dia de poder ouvir de novo aquela risada que era sempre um grande louvor a Deus e à vida!

Therezinha M. L. Cruz
Assessora Nacional de Catequese com Fr. Bernardo

8. Cantor da natureza

Frei Bernardo Cansi, como bom filho de São Francisco, gostava de catequizar fazendo celebrações com os símbolos da irmã Terra, irmã Água, irmão Fogo, para que todas as criaturas lhe ajudassem a louvar o Onipotente e Bom Senhor! Depois, diante da modernidade e das exigências da inculturação da catequese nas grandes cidades, ele fez um moderno Cântico das Criaturas, com novo tipo de irmãos e irmãs. Nas suas celebrações foram aparecendo a irmã Televisão, o irmão Vídeo, o irmão Telefone Celular... todos a serviço da evangelização. Através da pedagogia dos símbolos, Frei Bernardo procurava traduzir os sinais, para melhor introduzir a todos no Mistério da Salvação. Hoje, Frei Bernardo, já no Reino do Céus, passa a ser o grande símbolo da Catequese Renovada da Igreja no Brasil, convidando-nos ao encontro definitivo com Deus.

Dom Albano Bortoleto Cavallin
Arcebispo de Londrina
Foi responsável nacional da Catequese na CNBB

9. 9. Um capuchinho fiel

Toda a mobilização, por parte de tantas pessoas, em torno da pessoa e obra de Frei Bernardo, está levando a nós, seus irmãos Capuchinhos, a valorizar ainda mais este nosso querido Irmão. Ao associarmo-nos às homenagens que a ele são prestadas, destacamos sua vocação de religioso e sacerdote franciscano, vivida na fidelidade criativa e alegre, sua dedicação incansável pelo Reino de Deus, especialmente através de sua paixão pela catequese e pelos catequistas. Acreditamos que a maior homenagem a Frei Bernardo consiste em viver com entusiasmo nossa vocação e nossa missão!

Frei Cláudio Fumeghali OFMCap
Provincial Capuchinho, Província Brasil-Central

10. Uma paixão contagiante pela vida e pela catequese

A alegria, o sorriso e as gargalhadas de Frei Bernardo eram contagiantes. Ninguém que dele se aproximasse conseguia permanecer triste. Sua paixão pela vida e pela catequese dispensava palavras. Ele era, em pessoa, um incentivo dinâmico, para que os catequistas fossem verdadeiros

discípulos do grande Mestre e Bom Pastor: Jesus Cristo. Com simplicidade e coerência ele acolhia as iniciativas para melhorar a catequese. Seu modo de valorizá-las motivava as pessoas a se engajarem sempre mais no projeto da Catequese Renovada, visando, como ele insistia, a conversão pessoal, a renovação da Igreja e a transformação da sociedade segundo o Evangelho. O "*Amem, amem, amem a Bíblia!*" não foi uma recomendação de final de caminhada. Foi, sim, o coroamento de muitas e muitas recomendações feitas ao longo de sua vida de apóstolo, em todos os encontros e cursos. E isso ele não fazia só com palavras, mas sobretudo com a vida. Bernardo querido, você continua vivo na vida e atuação de nossos catequistas e, de modo especial, em minha vida!

Maria Cecília Rover
Responsável pela "Folha Catequética"

11. Irmão, amigo, luz e exemplo na Família

O mais amado dos irmãos. Apesar de líder, submetia-se. Em seu coração só havia paz, amor e paciência. Firmino José, seu nome de Batismo, era prestativo nas atividades domésticas e com os irmãos menores. Até os 12 anos viveu com a família. Saía para brincar nos arredores de casa e freqüentemente desaparecia em meio à pequena vegetação. Procurado pelos irmãos, era visto ajoelhado em meio à relva, rezando o terço. Pequenino, ainda, percorria com os irmãos 8 km para ir à Missa, descalço, com as sandálias na mão. Antes de chegar, lavava os pés no riacho. Era coroinha. À tarde ia à aula de catecismo e ao terço na Capela. Diariamente, à noite, ajoelhado perto de seu pai, rezava o terço com a família. Sua imagem está gravada na família como exemplo de prontidão, acolhida, trabalho e santidade. Era fortaleza em sua visita de férias. Trazia ânimo, conforto e

espiritualidade em suas cartas. Hoje, com carinho, quero dizer: obrigada, mano querido, pelo exemplo, pelos anos de carinho e felicidade e por teres sido um grande sol a iluminar sua família.

Beatriz Cansi Cunico
Irmã de Frei Bernardo

12. Um doutor na Universidade da Fé e do Povo

Eu quero dizer que a Palavra de Deus hoje não precisa de explicação, porque a explicação está aqui neste homem deitado à nossa frente. Ele viveu pela Palavra de Deus, ele morreu na Palavra de Deus para ressuscitar em Deus. Ele se despediu de nós no finzinho do mês vocacional: viveu sua vocação até onde Deus quis e se entregou definitivamente a Ele. E nós nos despedimos dele no início do mês da Bíblia que ele tanto amou e sobre a qual tanto falou, procurando promover o amor a ela em todos os recantos do Brasil.

Se nós quisermos um exemplo do que é ser escolhido por Deus, conforme a *Carta aos Efésios* que nós ouvimos, basta olhar para a vida, para a atividade, para o jeito que o Frei Bernardo expressou a sua fé e nós vamos entender muito bem o que é ser escolhido por Deus. Se nós quisermos saber o que é ser bem-aventurado, é só contemplar o Frei Bernardo exercendo o seu ministério. Em seu rosto ficava estampada a alegria, a felicidade de poder servir, de poder colocar mais vida, mais fé, mais entusiasmo, mais garra no povo de Deus rumo àquilo que a Palavra, Luz do caminho, sempre quis manifestar. Frei Bernardo, como escolhido de Deus e como bem-aventurado, se doou todo!

Se quisermos saber o que é responder com fidelidade à escolha que Deus fez, basta observar as atitudes do Frei Bernardo. Ele deu a sua saúde, pela saúde da catequese no Brasil. Eu diria que Frei Bernardo deu sua vida pelo amor à Palavra de Deus. Ele literalmente se consumiu por amor da vocação, da causa que abraçou. Fez de sua vida, de seu entusiasmo, de sua força e da sua fé, um instrumento material e alimento para que os catequistas e as catequistas, bem como a catequese de nosso País pudessem expressar o cheiro, o sabor, o brilho da Igreja do Novo Milênio.

Frei Bernardo, você não entra no Novo Milênio conosco, mas nós entramos com a semente que você plantou; com a semente que você, encontrando plantada, regou; e aquela que, encontrando regada, acariciou; e aquela que, encontrando acariciada, sussurrou mensagens para que produzisse flores e frutos.

Frei Bernardo, quando você se preparava para o curso em Roma, alguém brincando lhe disse: “O que vai estudar com esta idade de 58 anos?”. E você respondia calmamente: “Vou me preparar melhor para melhor servir”.

Você, Frei Bernardo, disse um dia lá em Roma, quando constatou a seriedade da doença: “Eu quero entrar no céu com o diploma na mão!”, se referindo ao doutorado. Você, Frei Bernardo, entrou sim, não com o diploma de doutorado da Universidade Salesiana de Roma que estava buscando, mas com aquele da Universidade da Fé, da multidão de catequistas espalhados por todo o nosso País. Um diploma que não leva só três assinaturas como é de costume, mas um diploma que leva milhares e milhares de assinaturas de todos os tipos, inclusive com o dedão: dos catequistas e das catequistas espalhados por todo o nosso País. Um diploma com as assinaturas de diretores, de mestres, sim, mas da ciência prática da fé e do bem-querer. Seu doutorado, Frei Bernardo foi alcançado com a metodologia da partilha, pesquisado no campo sedento dos pobres do Reino, consolidado nas fontes do entusiasmo e da graça que não esmorece nem mesmo com a morte de seu impulsor. Escrito nos corações vivos de quem não aceita simplesmente passar pela vida, e assinado com o selo da fidelidade. Obrigado! Sim, muito obrigado, Frei Bernardo, por este diploma do seu doutoramento!

Caro frei, nós choramos sim, estamos chorando, mas não estamos tristes. Estamos alegres com você, não porque você *partiu*, mas porque você *repartiu* tudo, doou tudo. Você nos encheu de bondade, entusiasmo, raça, nascidos do amor e robustecidos na dedicação original da fonte que você sorveu e serviu. É por isso frei, que hoje, ao dizer-lhe adeus, temos a certeza e queremos que você tenha a certeza de que não é para sempre. É um até breve na matéria, porque no espírito nunca será: nós estaremos sempre juntos.

E agora, meu irmão, você já deve estar dizendo: “Tá bom, tá bom. Chega de falar de mim. É costume dizer que todo mundo quando morre fica bom”. Mas você, meu irmão, não morreu. Você

se multiplicou e vive por nós. Queremos que você saiba que não só é admirado por nós, que não só choramos sua ausência, mas queremos fazer nossa parte. Queremos continuar regando e fazendo crescer o que você semeou. Entendemos o seu recado, Frei Bernardo. Vamos fazer, sim, a nossa história como você fez a sua. Você mostrou que é possível. A fé não tem fronteiras, não tem limites. O crente vence todas as barreiras, inclusive as da doença e da morte, quando não vive para si mesmo.

De fato, meus irmãos e irmãs, é importante reconhecer as virtudes de Frei Bernardo. E todos nós aqui temos condição de enumerar as suas virtudes. É importante reconhecermos as virtudes de São Francisco e Santa Clara de Assis, de Nossa Senhora e de Jesus Cristo. Mas a nossa salvação não está em bater palmas para eles, por que nossa vocação não é de arquibancada, nem de cadeiras cativas, numeradas ou poltronas. Nossa vocação é de agentes, artífices da história. Jesus Cristo mostrou o caminho. Nossa Senhora, São Francisco e Santa Clara mostram que é possível trilhar este caminho do jeito único de cada um. E Frei Bernardo nos mostra que é possível fazer isto ainda hoje.

Vamos fazer a nossa parte, assumir o nosso lugar, ou então, não entendemos nada: choramos lágrimas de crocodilo e sentimos egoisticamente a ausência de quem fazia por nós, de quem vivia por nós e hoje não sabemos se podemos ou não contar com outras pessoas. Mas não é assim, meus irmãos, não é assim, Frei Bernardo. Nós queremos fazer a nossa história com o seu entusiasmo, com a sua garra e com o seu exemplo. Frei Bernardo já fez a sua parte, agora vamos fazer a nossa.

Frei Moacir Casagrande

Ministro Provincial dos Capuchinhos da Província do Brasil Central

Homilia pronunciada durante as exéquias de Fr. Bernardo Cansi em 1º de setembro de 1996 pelo seu superior provincial Moacir Casagrande.

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA.....	1
------------------	---

AGRADECIMENTO.....	3
SUMÁRIO	4
ABREVIACÕES.....	6
INTRODUÇÃO GERAL.....	7

CAPÍTULO I

A CATEQUESE NO BRASIL.....	10
1. Fragmentos da história da catequese no Brasil: as raízes do movimento	
catequético brasileiro.....	10
1.1. As grandes etapas da história da evangelização no Brasil.....	11
1.1.1. A evangelização de 1500.....	11
1.1.2. O cristianismo colonial (1500-1759).....	13
1.1.3. A crise da consciência católica (1759-1840).....	19
1.1.4. A reforma católica (1840-1920).....	20
1.1.5. A restauração católica (1920-1960).....	23
2. 2. Renovamento catequético contemporâneo.....	24
2.1. Os anos do Concílio.....	24
1. Medellín.....	25
2.2. Puebla.....	26
2.3. O Diretório Catequético Nacional.....	27
2.4. O desenvolvimento do Movimento Catequético no Brasil.....	27
3. Catequese Renovada.....	29
3.1. Destinatários.....	29
3.2. Os conteúdos.....	30
3.3. As tarefas da catequese.....	32
3.4. As escolhas metodológicas.....	33
3.5. As opções da catequese.....	34
3.5.1. Ligação entre fé e vida.....	34
3.5.2. Catequese inculturada.....	35
3.5.3. Catequese comunitária.....	36
3.5.4. Catequese libertadora.....	37
4. A catequese atual do Brasil.....	38
4.1. As características da catequese no Brasil.....	39
4.2. As tendências e os desafios.....	41

4.2.1. Tendências.....	41
4.2.2. Desafios.....	42
5. Uma reflexão catequética aberta.....	42
5.1. 5.1. Alguns referenciais antropológicos da catequese hoje.....	42
5.1.1. 5.1.1. A compreensão da pessoa a partir da realidade que vivemos.....	43
5.1.2. 5.1.2. A compreensão da pessoa a partir de uma nova realidade.....	43
5.2. Referenciais Bíblico-Teológicos da catequese.....	44
Conclusão.....	46

CAPÍTULO II

CANSI: A PESSOA E A OBRA.....	47
1. Acenos biográficos.....	47
2. O seu serviço à catequese.....	48
2.1. Educador de catequistas.....	48
2.2. Como assessor da CNBB a sua atividade aumenta.....	49
2.3. O desejo de aperfeiçoar-se nos estudos.....	51
2.4. Ofereceu a vida pela catequese.....	52
3. O rosto humano e espiritual de Cansi.....	53
3.1. As surpresas de Fr. Bernardo.....	54
3.2. Fr. Bernardo não tinha senso de medida.....	54
3.3. O menino da roça.....	55
3.4. Um homem acolhedor.....	56
3.5. Uma alma pura e alegre.....	56
3.6. Afinal de contas quem era Fr. Bernardo?.....	57
3.7. Homem de uma grande espiritualidade.....	58
4. A sua produção catequética.....	58
4.1. Escritor fecundo.....	59
4.2. Algumas de suas obras.....	60
4.2.1. Catequético.....	61
4.2.2. Bíblico.....	61
4.2.3. Litúrgico.....	62
4.2.4. Metodológico.....	63
4.2.5. Catequese Familiar.....	63
4.2.6. Espiritual.....	64

Conclusão.....	65
----------------	----

CAPÍTULO III

A VISÃO DA CATEQUESE SEGUNDO CANSI.....	66
1. A identidade da catequese.....	66
1.1. Um novo conceito de catequese.....	67
1.1.1. Catequese é educação da fé.....	67
1.1.2. Catequese é educação da vida.....	68
2. A finalidade, as fontes e as tarefas.....	68
2.1. A finalidade da catequese renovada.....	69
2.2. As fontes da catequese.....	69
2.3. As tarefas da catequese.....	70
3. Os destinatários.....	71
4. Os lugares da catequese.....	72
4.1. A comunidade catequizadora.....	73
5. Os sonhos de Fr. Bernardo para a catequese.....	74
5.1. A Bíblia no centro da Igreja.....	74
5.2. A catequese de adultos.....	75
5.3. Catequese como verdadeira celebração e festa.....	76
5.4. Formação de Catequistas.....	77
5.5. A opção preferencial pelos pobres.....	77
5.6. Amor pelos pequeninos.....	78
5.7. A interação fé-vida.....	78
Conclusão.....	79

CAPÍTULO IV

O CATEQUISTA.....	80
1. A identidade do catequista.....	80
2. As qualidades de um catequista segundo Cansi.....	81
2.1. Diálogo e solidariedade.....	81
2.2. Qualidades intelectuais.....	81
2.3. Qualidades espirituais.....	82
2.4. Qualidades eclesiais.....	82
2.5. Qualidades pedagógicas.....	82

3. O papel do catequista.....	83
3.1. O catequista é alguém que caminha com o seu povo.....	83
3.2. O catequista é um profeta.....	83
3.3. O catequista é um comunicador.....	84
4. A espiritualidade do catequista.....	84
4.1. A missão do catequista.....	85
4.2. O catequista é um contemplativo.....	85
4.2.1. O catequista é um contemplativo de Deus.....	86
4.2.2. O catequista é uma pessoa no mundo.....	86
4.2.3. A espiritualidade contemplativa do catequista segundo o modelo de Jesus Cristo.....	87
5. 5. A formação do catequista.....	87
5.1. A formação através da experiência catequética direta.....	88
5.1.1. Ver.....	88
a) A realidade social.....	89
b) A realidade cultural.....	89
c) A realidade religiosa.....	89
d) A realidade econômica.....	90
e) A realidade política.....	90
5.1.2. Julgar.....	91
5.1.3. Agir ou transformar.....	91
5.1.4. Celebrar.....	92
Conclusão.....	92
CONCLUSÃO GERAL.....	93
BIBLIOGRAFIA.....	95
APÊNDICE.....	102
APÊNDICE 1: Livros de Bernardo Cansi.....	104
APÊNDICE 2: Artigos de revistas de Bernardo Cansi.....	108
ANEXO.....	112
ANEXO 1: Alguns momentos da vida de Fr. Bernardo Cansi.....	113
ANEXO 2: Manifestações pela ocasião da morte de Fr. Bernardo.....	115
ÍNDICE GERAL.....	132

